



# *Diálogos em verbetes*

Noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem



SÔNIA VIRGINIA MARTINS PEREIRA  
SIANE GOIS CAVALCANTI RODRIGUES  
(ORGANIZADORAS)

Diálogos em Verbetes  
NOÇÕES E CONCEITOS DA  
TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Coletânea Verbetes



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UFPE



**Sônia Virginia Martins Pereira  
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues  
(Organizadoras)**

**Diálogos em Verbetes**  
**NOÇÕES E CONCEITOS DA**  
**TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM**

**Coletânea Verbetes**

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Sônia Virginia Martins Pereira; Siane Gois Cavalcanti Rodrigues [Orgs.]**

**Diálogos em Verbetes. Coletânea Verbetes. noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 172p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-5869-876-0 [Impresso]**  
**978-65-5869-875-3 [Digital]**

1. Diálogos. 2. Verbetes. 3. Mikhail Bakhtin. 4. Análise Dialógica do Discurso. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Obra produzida com recursos do Edital de Apoio ao Pesquisador vinculado aos Programas de Pós-Graduação da UFPE (Edital PROPG nº 02/2021)

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

# APRESENTAÇÃO

Em nota de contextualização histórica de uma das passagens da primeira parte de Dom Quixote, os editores lembram que “Nas culturas com uma alfabetização insuficiente, a escrita era um testemunho de veracidade: o mero fato de constar por escrito parecia garantir a realidade de uma notícia” (CERVANTES, 2016, p. 372)<sup>1</sup>. Tal fenômeno ilustra o prestígio que a escrita sempre gozou nas sociedades em que penetrou. Para o senso comum, os dicionários são obras em que toda a língua de um povo está contida. Neles, haveria que se constar toda a “verdade”, tudo o que é “certo” e é reconhecido pelos falantes daquela comunidade linguística. A tal perspectiva, no entanto, contrapõe-se aquela segundo a qual os dicionários nunca darão conta da completude de um idioma, considerando o contínuo e incessante movimento que faz dele um organismo vivo, em constante processo de mutação, reflexo que é da própria vida do povo que o fala.

Poder-se-ia considerar, então, um dicionário como um retrato de uma língua em um dado momento de sua existência, que flagra, ao mesmo tempo, o caminho percorrido em sua transformação. Assim como, ao olharmos para a fotografia de uma pessoa, vemos em seu rosto o que o tempo desenhou, o que a vida lhe deu, ao olharmos para um dicionário, vemos o presente de uma língua, mas também o seu passado. Na apresentação que faz do “Dicionário de Linguística da Enunciação”, organizado por Flores et al (2009)<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> CERVANTES, Miguel Saavedra. **O Engenhoso Fidalgo**: Dom Quixote de la Mancha. Tradução: Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Martins Claret, 2016.

<sup>2</sup> FLORES, Valdir do Nascimento. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

Fiorin afirma que o dicionário “contém heranças de antepassados perdidos em tempos longínquos, que nos legaram, expressos por palavras, ferramentas e modos de fazer, tristezas, alegrias e modos de ser, metáforas, substantivos, tempos verbais e modos de simbolizar.” (p.7)

Quando uma teoria é desenhada no decorrer de décadas, os termos que lhe são basilares fazem o mesmo movimento das palavras que constituem o vocabulário do povo: eles se movem, são ressignificados, copiando a mesma ação da língua falada por esse povo. O empreendimento teórico de Bakhtin se desenvolveu por mais de quatro décadas e, nesse sentido, este livro de verbetes não tem objetivo de captar e exaurir todos os sentidos dos termos que o compõem. É menos pretencioso do que isso, pois não anseia vender ao leitor algo que não pode, de fato, dar. Evita, em outras palavras, correr o risco de, na busca de apresentar toda a história das mudanças de sentido de um dado termo, perder-se na imensidão de novas possibilidades de significar que o contexto dá às palavras. Assim, a ideia esboçada e materializada neste enunciado é apresentar aos estudiosos, tanto leitores iniciantes quanto experientes de obras do Círculo, acepções de termos caros ao desenvolvimento dessa perspectiva de estudos, sem, entretanto, cair na armadilha que a tentativa de exauri-los representa, dado que a língua é, nos termos bakhtinianos, inexaurível. Para tanto, foi necessário selecionar elementos caros à compreensão da teoria, o que não significa, em absoluto, que se deu conta de todos eles, mas que foi operado um recorte necessário à consecução da tarefa.

No seu desenho, os verbetes, que objetivam orientar o leitor e estimulá-lo a aprofundar o estudo dos conceitos expostos, relacionam-se a noções, conceitos e categorias próprias dos estudos dialógicos, em interlocução com perspectivas teóricas que mantêm elos com a teoria dialógica da linguagem. Sua construção composicional delineia-se da seguinte forma: depois da entrada, são apresentadas outras denominações do verbe (caso haja), para que, então, ele seja definido e que as fontes de tal definição sejam apresentadas. Em seguida, vêm

recomendações de leituras suplementares e, por fim, uma lista de termos relacionados ao verbete.

Os autores são professores e alunos de renomados programas de pós-graduação de diferentes universidades brasileiras, que, tendo aceitado o convite para participar deste projeto, empenharam-se na, podemos dizer, ousada tarefa de revisitar e redizer discursos que influenciaram e influenciam centenas de milhares de outros discursos e, nesse sentido, ilustram perfeitamente o que Foucault (1992),<sup>3</sup> em sua memorável obra “O que é um autor”, denomina de “fundadores da discursividade”.

Desejamos uma boa leitura.

**As organizadoras.**

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 2.ed. Tradução: António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.



# PREFÁCIO

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Mikhail Bakhtin

A proposição de um enunciado jamais encerra o incessante e inconcluso diálogo de que ele participa. Pelo contrário, muitas vezes, ele surge da necessidade de amplificar as vozes que já se pronunciaram sobre determinados objetos de discurso do mundo, refletindo e refratando-os, oferecendo uma palavra outra, participando do diálogo de modo cooperativo, responsável e *responsivo*, ou, como sugere Bakhtin na epígrafe, interrogando, ouvindo, *respondendo*... E é imbuído desse último ato ético que este livro (portanto, um enunciado, no sentido bakhtiniano do termo) surge: ele *responde* a uma necessidade legítima – observada pelas organizadoras em seus contextos de atuação como pesquisadoras do campo dos estudos da linguagem e, de forma mais particular, dos estudos discursivos, de ampliar as possibilidades de uma leitura introdutória dos escritos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev.

*Diálogos em verbetes*, obra orquestrada por Sônia Virginia e Siane Gois, reúne em uma instigante sinfonia um grupo de pesquisadores

dedicados que emprestam suas vozes para a construção de um material acadêmico didático de excelente qualidade e de visível relevância para a comunidade científica que atua na seara dos estudos dialógicos do discurso. O livro se soma a outras obras de objetivo semelhante e de grande importância no cenário editorial nacional, mas destaca-se por sua singularidade em oferecer ao leitor uma apresentação pontual, sistemática e consistente de alguns dos principais conceitos e noções que compõem a arquitetura do pensamento dos autores do chamado “Círculo de Bakhtin”. Isso é possível porque a coletânea se reveste de uma configuração estilístico-composicional de dicionário para suprir uma lacuna encontrada no campo editorial dessa área específica, provendo uma fonte de consulta tanto para estudantes de graduação quanto para os que já desenvolvem estudos e pesquisas no universo da Análise Dialógica do Discurso.

Não é difícil imaginar, entretanto, que a transposição didática de uma elaboração teórica sofisticada, densa e complexa, como é o conjunto de ideias formuladas pelo “Círculo”, não constitui uma tarefa simples. Pelo contrário, demanda um exercício exaustivo que abrange desde o conhecimento das condições sócio-históricas e culturais de uma época até os pressupostos filosóficos e epistemológicos que ensejaram tais formulações. Afinal, como o próprio Círculo nos ensina, estamos sempre respondendo a enunciados que nos precederam e esboçando o aparecimento de outros no complexo fluxo da comunicação discursiva. Esse empreendimento, com certeza, exige do(a)s autor(a/es) a consciência das escolhas que terá(ão) que operar, as quais comporão seu projeto enunciativo direcionado a seu auditório social presumido.

As dificuldades e limitações que essa empreitada normalmente impõe não ofuscaram o nobre gesto das organizadoras de disponibilizar ao público-leitor uma obra cuja preocupação central é facilitar o acesso à leitura e à compreensão dos escritos do Círculo, seja esse um leitor principiante ou mais experimentado. Evidentemente, cada verbete constitui um recorte valorado por seus

autores e autoras, considerando o inacabamento do existir, isto é, a impossibilidade de se dizer a última palavra sobre qualquer tema que se possa imaginar. Nesse sentido, os(as) autores(as) procederam à delimitação dos principais aspectos do conceito ou noção, cujo aprofundamento pode se dar mediante consulta aos textos indicados em cada um dos verbetes.

Um aspecto interessante que o(a) leitor(a) poderá encontrar na obra é a interlocução que alguns verbetes estabelecem com outras áreas do conhecimento, como Literatura, Educação, Filosofia, o que enriquece a discussão e demonstra a produtividade e o alcance dos conceitos e noções para a reflexão sobre a linguagem/o discurso. Essa inter/trans/multidisciplinaridade, evidentemente, se interpõe por força do próprio objeto de estudo, isto é, a linguagem em suas multifacetadas formas de manifestação, o que, algumas vezes, demanda um olhar caleidoscópico para o objeto, com vistas a abrangê-lo de modo mais amplo e significativo (nunca acabado!).

A coletânea se apresenta também como uma obra de referência como instrumento de divulgação científica na área de Análise Dialógica do Discurso, uma vez que cada verbete, ao expor de forma didática o conceito/noção a que se propõe, o faz na perspectiva de oferecer ao leitor de outras áreas da linguística e das ciências humanas, bem como a um público não especializado, uma apresentação responsável de um conteúdo científico que possa ser compreendido sem cair no risco do hermetismo, do preciosismo ou, ainda, da vulgarização da terminologia do campo. Além disso, cumpre o papel de difundir o arcabouço teórico que fundamenta as pesquisas desenvolvidas no Brasil nesse campo de estudos. Fica, portanto, a indicação de uma leitura que certamente agregará muito ao conhecimento das ideias do Círculo.

**Pedro Farias Francelino**

Professor do Departamento de Língua Portuguesa e  
Linguística da UFPB



# AUTORAS E AUTORES

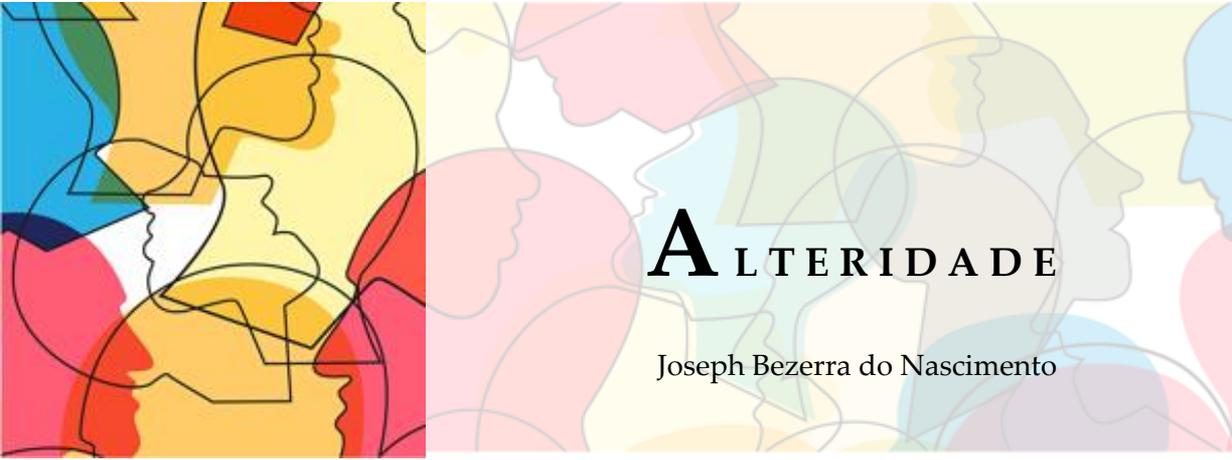
Aldeir Gomes da Silva (PPGL/UFPE)  
Amanda Maria de Oliveira (IFC)  
Carla Richter (PPGL/UFPE)  
Eduardo Oliveira Henriques de Araújo (PPGL/UFPE)  
Fernando Arthur Gregol (UFSC)  
Gilson Costa da Silva (PPGL/UFPE)  
Isabel Marinho da Costa (UFPB)  
Ítalo César de Moura Soeiro (MDU/UFPE)  
Janielly Santos de Vasconcelos Viana (PROLING/UFPB)  
Joseph Bezerra do Nascimento (PPGL/UFPE)  
Juan dos Santos Silva (PPGEL-UFRN)  
Julia Larré (PPGL/UFPE)  
Layse da Costa Santos (PPGL/UFPE)  
Mailson José do Carmo (PPGL/UFPE)  
Márcia Adriana Dias Kraemer (UFFS)  
Márcia Cristina Greco Ohuschi (UFPA)  
Maria de Fátima Almeida (PROLING/UFPB)  
Mariana de Lima Becker (Boston College/USA)  
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (UFRN)  
Pedro Farias Francelino (PROLING/UFPB)  
Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro  
Ramísio Vieira de Souza (PROLING/UFPB)  
Renata Valéria de Araujo Lima (PPGL/UFPE)  
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)  
Rodrigo Acosta Pereira (UFSC)  
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues (UFPE)  
Sônia Virginia Martins Pereira (UFPE)  
Terezinha da Conceição Costa-Hübes (UNOESTE)



# RELAÇÃO DE VERBETES

17	Alteridade
23	Arquitetônica
29	Autor pessoa/criador
37	Compreensão
45	Cronotopo
51	Dialogismo
57	Diálogo
63	Discurso de outrem
69	Entonação
75	Enunciado
83	Estilo
91	Excedente de visão
95	Exotopia
101	Forças centrífugas e centrípetas
105	Gênero do discurso
113	Heteroglossia
119	Ideologia
123	Interação
129	Memória
135	Metalinguística
143	Objetivismo abstrato
147	Palavra
153	Polifonia
157	Responsividade
161	Signo
167	Tema e significação





# ALTERIDADE

Joseph Bezerra do Nascimento

Para o Círculo, é o processo de constituição do indivíduo através de sua relação com o outro. Será através do outro que o indivíduo se reconhecerá e se localizará, ou não, em determinada situação enunciativa. Esse ato, de se reconhecer ou não, pode ser determinado até mesmo de modo responsivo, ainda que negativo ou silencioso.

O fato de o sujeito não se localizar já é, por si, uma atitude de posicionamento que compreende, também, atos valorativos. Valores que são colocados em circulação a partir dessa relação constitutiva de dizeres, sendo, tal funcionamento, importante para localizar posições, identidades e opiniões sobre determinado lugar social. O indivíduo compreende seu lugar e logo se localiza na rede discursiva que socialmente fora situado.

Ao se falar de alteridade não se pode deixar de comentar o conceito desenvolvido por Emmanuel Lévinas que recai sobre a ética da responsabilidade, pois há, no fundamento central desse postulado, a concepção sobre a responsabilidade que o “eu” tem sobre o “outro”, o “eu” interior do sujeito é entendido pelo seu caráter transcendente, sendo, portanto, importante para estabelecer a relação entre totalidade e alteridade, em que se pauta, sobretudo, pela lógica da reciprocidade. Alteridade também, será compreendida a partir de sua função contrária ao conceito de identidade.

Já para o Círculo, compreender a relação de alteridade se faz necessário para diversos conceitos desenvolvidos sobre o funcionamento da linguagem, que se organiza em meio às regularidades desse processo e que são (des)encadeados em uma ininterrupta intersubjetividade enunciativa. É, pois, através dessa relação com o outro, que os aspectos da noção estética do sujeito se evidenciam por meio de uma visão exterior, chamada de *excedente de visão*. Sendo assim, só é possível o *eu* dar acabamento estético ao *outro* a partir de sua visão exterior.

Para Bakhtin “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (2010, p.287). Assim, as relações de alteridade determinam e fundamentam a identidade do sujeito através de sistemas axiológicos que se organizam em meio aos fios dialógicos marcados de sentidos. A partir dessa maneira, podemos compreender esses fios dialógicos enquanto base primordial para a constituição do indivíduo enquanto sujeito. Uma vez que, será através dessa assertiva, que se vale o entendimento de que a singularidade é inscrita no social a partir do ato enquanto evento.

Tal singularidade, para Bakhtin, não se relaciona com a individualidade em um lugar unilateral, e sim, na sustentabilidade do “eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro” (2010, p.19) – em que a subscrição é dada sob condição do tom emotivo-volitivo na perspectiva do ato responsável. O indivíduo não tem alibi no existir, por isso, configura-se enquanto participante ativo e responsivo nas relações que o situam, seja a partir de várias vozes (marcadas comumente de forma universal, denominada por heteroglossia), seja a partir da interação direta/indireta entre o sujeito e o mundo.

Entendemos, pois, o processo dialógico enquanto conceito base para compreender teorias do Círculo. A linguagem, nessa perspectiva, só é possível a partir da interação verbal. Por isso, entendemos que o enunciado reflete e refrata tal como um fenômeno óptico de uma luz branca se dispersando. Os efeitos de significações

somente são possíveis se entendermos os sistemas constituintes através desse processo dialógico da linguagem enquanto modo de (re)configuração discursiva, sustentando os conceitos de dialogismo, exotopia, acabamento, memória e polifonia.

Essa premissa da alteridade está presente em toda obra do Círculo e dá base, também, a diversos pensadores da modernidade. Base esta que contribuiu (mesmo que indiretamente) para construção de conceitos como: interdiscursividade, intertextualidade, heterogeneidade enunciativa, dentre outros que auxiliam na compreensão da participação do Outro/outro no discurso e no sujeito de maneira geral.

Em uma outra perspectiva, podemos observar os estudos de Jacqueline Authier-Revuz, que desenvolve um trabalho consistente sobre a presença do outro no enunciado, a saber, o conceito de heterogeneidade enunciativa. Para a autora, o outro constitui o sujeito no entremeio do social e inconsciente. A partir disso, divide dois modos de se compreender o processo de alteridade na linguagem: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. Esta refere-se ao modo de participação direta e evidente do outro no discurso do sujeito, seja pelo discurso direto, indireto, citação e aspas; já aquela se dá por meio universalista, no modo constitutivo histórico e através do inconsciente, logo, não há evidências mostradas do outro no discurso.

Em síntese, podemos conceber o conceito de alteridade como importante para compreender o funcionamento da constituição axiológica do sujeito em sua relação com o Outro. Bakhtin desenvolveu sob a égide do dialogismo, a compreensão dos fazeres estéticos e de sentidos que formam base para o discurso, além de ter desenvolvido, ao longo de suas pesquisas, trabalhos importantes que pretendiam desmistificar os processos subjetivos do sujeito. Nesse sentido, todo discurso é inteiramente dialógico, e será, a partir disso, que entenderemos o conceito de alteridade como elementar na obra de Bakhtin e o Círculo.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

dialogismo – heteroglossia – exotopia – memória

### Referências

AUTHIER, Revuz, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porro Alegre, EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Identidade e alteridade em Bakhtin**. In. PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. São Paulo: Mercado das Letras, 2013, v. 3, p. 183-199.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar. **Alteridade**. In. *Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 112p. ISBN 978-85-99803-83-2 [1ª edição; 9785-7993-676-0 [2ª edição], p. 13-14.

NIGRIS, Mônica Ébolis De. **A perspectiva bakhtiniana para o eu-para-mim e o eu-para-o outro**. In. PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. São Paulo: Mercado das Letras, 2013, v. 3, p. 201-217.4

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. **Linguagem e alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin**. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/237079> Acesso 23 mar. 2021.

PONZIO, Augusto. **Alteridade bakhtiniana e identidade europeia**. In. PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-27.

\_\_\_\_\_. **A relação de alteridade em Bakhtin, Blanchot e Lévinas**. In. PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2012, p. 189-200.

\_\_\_\_\_. **O humanismo da alteridade em Bakhtin e Lévinas**. In. PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2012, p. 201-215.

\_\_\_\_\_. **Alteridade e gênese da obra**. In. PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2012, p. 217-229.

### **Recomendação de leitura**

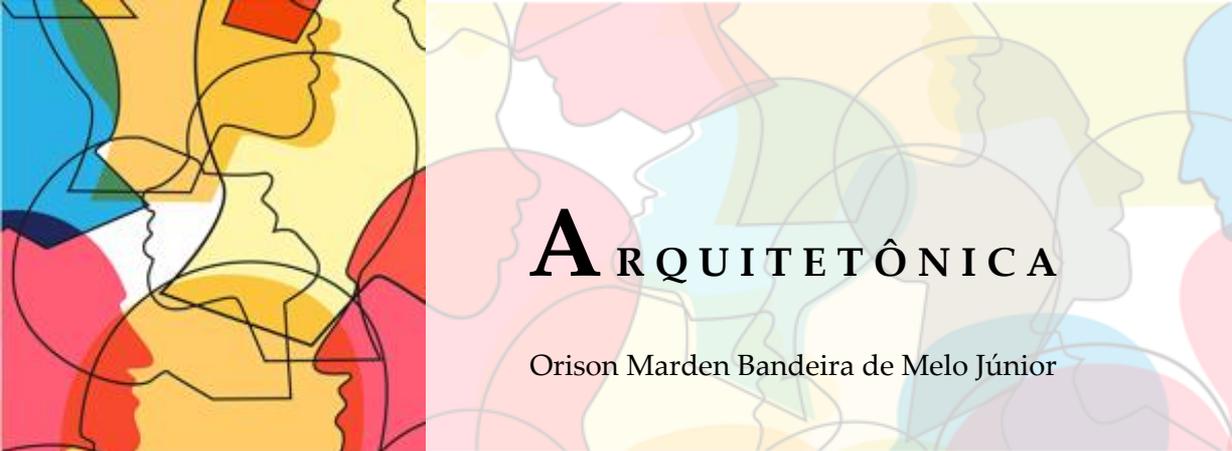
BUBNOVA, Tatiana. **Habitantes da leitura: Dostoiévski entre Bakhtin e Lévinas**. In. \_\_\_\_\_. Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 163-186.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto (coord.) et. al. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PONZIO, Augusto. **Diálogo, escuta e mal-entendido** - De Lévinas à cifremática por meio de Bakhtin. In: PONZIO, Augusto. Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana. Tradução: Valdemir Miotello et. al. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 167-176.

SOUZA, Nathan Bastos de; MIOTELLO, Valdemir. **“Eu também sou”: escutar outra(s) voz(es) e alargar nossa compreensão sobre a alteridade**. In. BUBNOVA, Tatiana. Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 7-32.





# ARQUITETÔNICA

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior

Graham Roberts (1994), em *The Bakhtin Reader*, esclarece que o termo ‘arquitetônica’ se refere à ciência das relações em que as partes de um objeto se relacionam de forma dinâmica, formando um todo. Irene Machado (1995), em *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*, corrobora o pensamento de Roberts, declarando que a arquitetura é o meio pelo qual elementos diversificados criam conexões devido ao elemento dialógico que rege esses fenômenos. Com base no pensamento desses autores, é possível definir arquitetura como a constituição dialógica de elementos que, mesmo sendo diversos, estão intrinsecamente conectados entre si formando um todo indivisível. Para a análise de um ‘objeto arquitetônico’, portanto, segundo Bakhtin (2002), é necessária a utilização de um método teleológico. Micheal Holquist, em suas notas ao ensaio *The Problem of Content, Material, and Form in Verbal Art* (BAKHTIN, 1990), explica que, para esse método, todas as partes, apesar de distintas, são conectadas a um todo; diante disso, as partes de um objeto arquitetônico não devem ser analisadas de forma isolada, mas na sua relação entre si, na constituição de um todo.

Vale destacar que essa noção de partes que dialogam com um todo de forma indivisível se encontra no ensaio *O Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*. Nele, Bakhtin (2002) discute cada parte constituinte do objeto literário, a saber, o seu

conteúdo, material e forma. Portanto, diante da concepção da arquitetônica proposta pelo autor, compreende-se, então, que os elementos ‘conteúdo’, ‘material’ e ‘forma’, apesar de distintos, formam um todo indivisível. Essa concepção traz desdobramentos analíticos discutidos mais adiante. Antes, porém, é necessário apresentar cada elemento dessa arquitetônica.

O autor, ao explicar o conteúdo, traz dois elementos que o compõe, a saber, a realidade do conhecimento e o ato ético. A realidade do conhecimento, claro, está na vida, no conteúdo da vida. No entanto, esse conhecimento não é desprovido de avaliação – daí, o ato ético, axiológico e, portanto, responsável, já que, segundo explica Sobral (2019), “o ato é sempre ativo, situado” (p. 65). Volóchinov (2019), em *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*, esclarece que o conteúdo é a realidade da vida tematizada. Nesse sentido, é possível definir o conteúdo como o tema (da vida) saturado de valores socioideológicos. Esse conteúdo é, portanto, isolado da vida e transposto para a obra de arte a partir da posição axiológica do artista e do seu projeto estético.

Para colocar esse conteúdo nas páginas do papel, o artista precisa utilizar o material verbal necessário, ou seja, a língua. A língua em Bakhtin é percebida pelo seu caráter semiótico-ideológico: não descartando os aspectos linguísticos da língua (a língua linguística), o autor advoga o seu aspecto social, ou seja, a língua enquanto visão de mundo, enquanto discurso (BAKHTIN, 2015). Dessa forma, é por meio da língua que ele insere, na criação literária, os diferentes discursos sociais (heterodiscurso), como também estrutura os elementos puramente estéticos, i.e., aqueles que compõem a obra literária, como narrador, personagem, tempo, espaço etc.

O terceiro elemento da arquitetônica é a forma, que, segundo Bakhtin (2002), tem dois direcionamentos distintos: a forma do conteúdo (a forma arquitetônica) e a forma do material (a forma composicional). Nesse sentido, a forma, nessa concepção, não está relacionada apenas aos aspectos técnicos da composição da obra literária, como a articulação dos elementos mais abrangentes de uma

obra (a sua divisão em capítulos, seções, parágrafos, estrofes, versos etc.) e a dos mais “linguísticos” (metáforas, comparações, ligações sintáticas, morfológicas, fonéticas, entre outras); a forma também é aquela que enforma (ou dá forma) ao conteúdo (isolado da vida) por meio de um material.

Diante disso, analisar uma obra a partir da concepção de sua arquitetônica descarta perspectivas que se voltam apenas a uma análise do conteúdo (dos discursos, dos temas da vida, dos aspectos culturais representados em uma obra etc.), como também aquelas que se debruçam apenas sobre os aspectos formais, quer linguísticos ou estéticos. Analisar uma obra pela perspectiva bakhtiniana da constituição arquitetônica de uma obra literária, portanto, só é possível a partir da compreensão do analista de que todos os elementos de uma obra (relacionados ao conteúdo e à forma, por meio de um material) são constituintes de um todo indivisível. Bakhtin (2002) até afirma que uma análise que não leva em conta a forma é considerada uma “percepção não literária do romance”: nesse tipo de percepção, a forma é abafada para tornar ativo o conteúdo “na sua orientação ético-prática, dedicada ao problema do conhecimento” (p. 58). Isso implica que, ao se analisar um texto literário, é necessário reconhecer que ele pertence a um gênero literário, que tem as suas especificidades próprias do gênero. Dessa forma, devido à arquitetônica da obra estética, os elementos literários, como narrador, autor-criador, personagem, tempo, espaço etc. também não podem ser preteridos em função da análise dos discursos sociais, que estariam no campo do conteúdo. Arquitetônica significa, portanto, que todos os elementos do objeto literário (pertencente a um gênero literário e constituído de conteúdo, material e forma) devem estar no campo de escrutínio do analista.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**tema e significação – heteroglossia – autor  
pessoa/criador**

### Referências

- BAKHTIN, M. The Problem of Content, Material and Form in Verbal Art. Tradução de Kenneth Brostrom. *In*: BAKHTIN, M. **Art and Answerability: Early Philosophical Essays** by M. M. Bakhtin. Organizado por Michael Holquist e Vadim Liapunov; tradução de Vadim Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1990. p. 257-325.
- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002. p. 13-70.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.19-241.
- MACHADO, I. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1995.
- ROBERTS, G. A glossary of key terms. *In*: MORRIS, P. (ed.). **The Bakhtin reader: selected writings of Bakhtin, Medvedev, Voloshinov**. London: Arnold, 1994.
- SOBRAL, A. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.
- VOLÓCHINOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização e tradução de

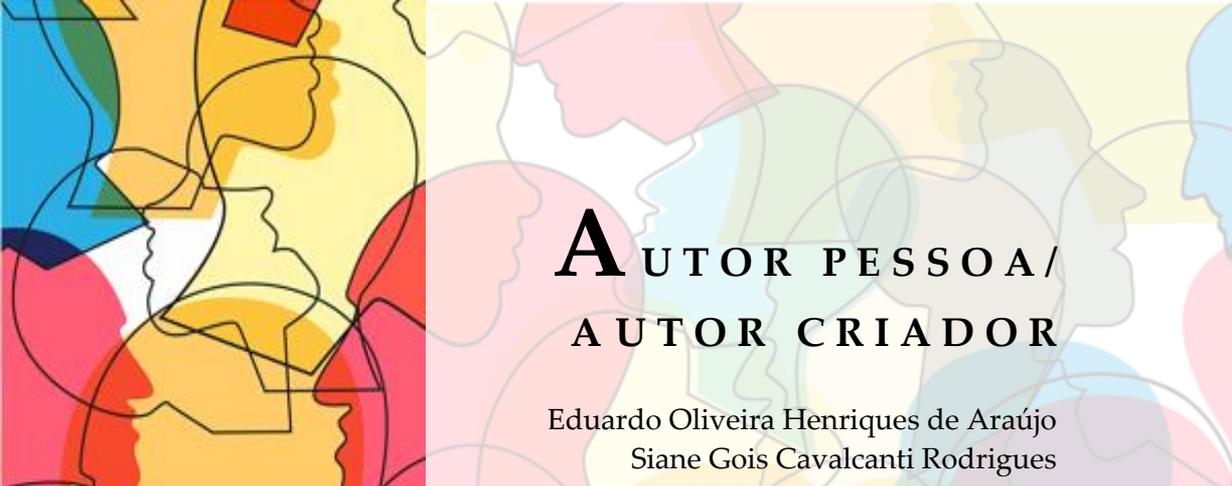
Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 183-233.

### **Recomendação de leitura**

FARACO, C. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009b. p.95-111.

SOBRAL, A. A estética em Bakhtin (literatura, poética, estética). *In*: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. v.1. p. 53-88.





# AUTOR PESSOA/ AUTOR CRIADOR

Eduardo Oliveira Henriques de Araújo  
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues

No ensaio “O autor e o herói na atividade estética” (2000), Bakhtin confere um sentido peculiar à noção de autoria, a qual se entrelaça com a sua concepção do *eu*, do *outro* e do espaço que ambos ocupam. Há, nesse conceitual, três instâncias fundamentais: o autor-pessoa, o autor-criador e a voz social, na qual está o primeiro plano axiológico.

Essa voz social de que trata Bakhtin está atravessada por valores sociais heterogêneos, porquanto são múltiplas as posições assumidas pelos sujeitos perante o mundo, pois eles integram variados grupos socialmente constituídos. Desse modo, quando os sujeitos assumem uma posição de autoria em um ato estético, a voz social funciona como o recorte de um tecido que a artesã escolhe (e, para tanto, considera a cor, a padronagem a textura) para compor a sua colcha de retalhos. Em outros termos, estando diante de uma realidade construída axiologicamente, o autor-pessoa (a pessoa física do escritor) vai operar a refração, ou seja, efetuará o seu recorte valorativo de uma realidade já plenamente valorada. Esse recorte feito é inserido no plano da obra (o segundo plano axiológico), onde um novo plano, também repleto de relações valorativas, será estabelecido. Qual a referida costureira que recorta pedaços distintos de pano e compõe a colcha de retalhos, ressignificando a fazenda e dando acabamento estético ao seu artesanato, o autor-

pessoa recorta a realidade, a instância do mundo objetivo por ele escolhida segundo os seus julgamentos de valor, a refrata e a reflete em sua obra.

Dessarte, na perspectiva bakhtiniana, o sujeito, ao assumir posição autoral sobre um ato estético, põe em diálogo posições valorativas suas com outras constituintes do seu imaginário apreciativo social sobre as questões temáticas que trabalha em seu ato estético, a fim de produzir as próprias posições valorativas de enredo estético. Logo, na síntese de Faraco: “o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores” (2016, p.38). Com isso, no processo de criação do ato estético, o sujeito se aparta de si mesmo, transmutando-se em um ato estético-formal de si, criador do objeto estético.

Com efeito, por meio dessa compreensão de Bakhtin tocante ao sujeito e sua relação com o ato estético, o mesmo autor elege duas categorias autorais: o autor-pessoa e o autor-criador. Para ele, a primeira representa a personalidade do sujeito, a sua identidade e manifestação do *eu*, enquanto que a segunda diz respeito ao perfil criativo, ao fazer estético, à personagem/criatura de si que realiza o ato estético.

Acerca do averbado, tomemos, para ilustrar esse movimento, um excerto da obra *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski. Uma das cenas finais do livro narra o momento em que Raskólnikov finalmente decide confessar o seu crime. No episódio, ele se encontra na delegacia com o policial Ilá Pietróvitch, que, antes de ouvir da boca do jovem a razão de sua presença, faz algumas digressões, dentre as quais mostra-se crítico à atuação feminina em certas profissões. No campo da saúde, assevera o funcionário público, as “[...] parteiras estão se disseminando em proporções exageradas.” (2009, p. 537). Segundo nota de rodapé da editora, a sociedade tradicionalista russa da época era contra os partidários da educação feminina, de maneira que, em 1860, às mulheres era facultado o exercício de apenas duas profissões: professora e parteira.

Com isso, Dostoiévski, autor-pessoa, então, vai ao primeiro plano axiológico, a sociedade russa da segunda metade do século XIX, recorta uma fração dessa realidade, que é a posição valorativa de determinado grupo em relação à profissionalização das mulheres, e reordena esse recorte, pondo tal posicionamento na boca de uma das personagens de sua obra (que é o segundo plano axiológico). Nesse movimento, um novo contexto de relações axiológicas é delineado. Portanto, o posicionamento axiológico enquanto função primordial do conceito bakhtiniano de autoria está diretamente relacionado à essência de todo e qualquer ato cultural. Essa é a característica primordial de uma autêntica criação estética, em que o *material*, ou seja, o linguístico, é superado pelo *conteúdo* que dá forma à personagem. Tal paradigma é reforçado no ensaio *O Problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária*, no qual o autor distingue, na obra de arte, o tripé conteúdo-forma-material. E assim o autor destaca que “o procedimento artístico não pode ser apenas um procedimento de elaboração do material verbal, deve ser antes de tudo um procedimento de elaboração de um determinado conteúdo, mas nesse caso com o auxílio de um material determinado” (BAKHTIN, 2003, p. 178). No desdobramento dessa reflexão, Bakhtin salienta, ainda, os riscos de uma relação ingênua para com os laços entre o artista e a língua pela qual opera e realiza sua arte, clarificando que o mero conhecimento da língua e das suas formas de uso não preparam ou ancoram o fazer artístico, mas sim porque ele a recebe precisamente e apenas como língua (...), essa língua é o que inspira o artista, e ele realiza nela toda sorte de desígnios. (BAKHTIN, 2003, p. 178)

Assim, o escritor, ao deixar que vozes outras constituam a sua obra, efetua o deslocamento que é, para Bakhtin, necessário para que a autêntica criação estética aconteça. É no ensaio *O problema do texto na Lingüística, na Filologia e nas Ciências Humanas* (op cit., 2003:307-335), ele reformula a mudança de papéis experienciada pelo autor. O dueto autor-pessoa e autor-criador traduz, agora, um deslocamento necessário (realizado no plano da linguagem) ao ato

de produção estética. E essa necessidade advém justamente do fato de ser a linguagem uma miscelânea heterogênea de vozes. Logo, o autor-pessoa precisa transcender esse papel, transcender o seu próprio recorte valorativo da realidade, passar para a *voz segunda* para que, finalmente, ele possa criar. Retomando o excerto supramencionado de Crime e castigo, o policial Ilá Pietróvitch representa essa outra voz, que não necessariamente coincide com a de Dostoiévski, o autor-pessoa, ainda que possa coincidir com a voz do autor-criador.

Conforme a teoria bakhtiniana, o autor-criador é “o agente da unidade tensamente1 ativa1 do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra” (BAKHTIN, 2003 b, p.10). Também recortado do primeiro plano axiológico, é ele quem dá acabamento estético à personagem e atua ativamente na orquestração das vozes que se inscrevem na obra. Por conseguinte, o autor-criador opera a trama axiológica dentro do ato estético. É ele quem decide quais posições valorativas serão transpostas para a obra e quais não serão, bem como induz o outro, o sujeito que experimenta diálogo como esse ato estético, a possíveis endossos ou axiológicos ou à negação deles.

E, nesse sentido, qual frisa Faraco, interpretando, didatizando o pensamento de Bakhtin, demanda-se nitidez acerca de que um posicionamento axiológico jamais consiste em algo uniforme ou homogêneo, haja vista conter em sua composição pontos de vista e leituras de mundo demasiado múltiplas e heterogeneamente coordenadas. Então, “a simpatia pelo herói e seu mundo poderá, por exemplo, ser nuançada por uma crítica melancólica; a reverência, por uma suave sutil ironia, e assim por diante” (FARACO, 2016, p.38).

Logo, o autor-pessoa, ao refratar a voz social, se assemelha ao artesão que recorta o barro, objeto de seu trabalho; o autor-criador, por sua vez, materializa a reordenação do que era fragmentado e reflete o objeto artístico: ambas as autorias são reconfigurações axiológicas de um recorte do mundo, de uma refração da realidade. Isso porque o “autor-criador é uma posição axiológica conforme [é] recortada pelo autor-pessoa” (FARACO, 2016, p.38).<sup>1</sup> Dessa

maneira, o autor-criador deve ser entendido na complexidade de sua posição refratada e refratante, haja vista que o autor-pessoa produz sobre o autor-criador as posições axiológicas que esse último assume, bem como o autor-criador, por sua vez, produz sobre o ato estético uma refratação, já que é a partir da posição axiológica do autor-criador que se urde esteticamente os eventos da vida vivida para a reorientação constituidora do objeto estético.

Nesses termos, refratado e posteriormente reconstituído esteticamente, o elemento da obra é apresentado como uma resposta do autor-pessoa. Em outros termos, o todo estético apresenta-se como uma atividade constitutivamente responsiva, perante a qual os interlocutores posicionar-se-ão axiologicamente. Isso se alicerça na compreensão bakhtiniana de que a produção de um ato estético, enquanto uma realização semiótica, não constitui “um processo de mera reprodução de um mundo ‘objetivo’” (FARACO, 2016, p.39), havendo um trabalho de encaminhamento às plurais realidades interpretativas possíveis de um mesmo mundo material, erigido por um trançado dialógico heterogêneo, no qual convivem e multiplicam-se distintos horizontes interpretativos. Essa diversidade nas condições de interpretação e de posicionamentos valorativos sobre o mundo da vida vivida e, igualmente, sobre o mundo no ato estético, deriva das experiências que cada sujeito, cada *self*, experiencia suas vivências e delas engendram suas percepções sobre si e sobre o outro, de modo que cada ato estético recebe uma posição valorativa de cada experienciador (BAKHTIN, 2003B).

Também com base nas experiências coletivas partilhadas por grupos humanos, um ato estético pode receber uma dada avaliação comum em um grupo social, baseada em posições axiológicas coletivamente comungadas (BAKHTIN, 2003B). Todavia, ressalte-se, trata-se de posições axiológicas comuns, mas que se materializam em expressões axiológicas similares, mas nunca idênticas, haja vista que todo sujeito e toda experiência apreendida pelo *self* é única e irrepetível, semeando leituras de mundo igualmente singulares, por mais que comunguem de alguma orientação axiológica comum.

Portanto, autor-pessoa e autor-criador são categorias dialógicas demasiado substanciais à compreensão da noção de Bakhtin sobre a relação entre o *self* e o outro na materialidade estética, na relação de alteridade, em que o mundo do Eu se projeta para o Outro, na realidade semiótica do ato estético. Logo, enquanto duas posições axiológicas no bojo das relações com o mundo da vida vivida e o mundo estético, em que o autor-criador, a pessoa identitária, e o autor-criador, a identidade criada à criação estética, posicionamentos valorativos se intercambiam naquilo que se reflete e que se refrata no diálogo com o outro, que também é um diálogo consigo.



### OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

excedente de visão – exotopia - heteroglossia

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto em linguística, filologia e nas ciências humanas. In. \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003A, p. 307-355.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma. In. \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp-Hucitec, 2003B, pp.13-70.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói na atividade estética. In. \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 25-220.

DOSTOIÉVSKI. Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução: Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In. BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016, pp.37-60.

### **Recomendação de leitura**

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. Autor e autoria. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, nº5, 2011 (p. 151–165). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/inde1x.php/bakhtiniana/article/view/4905>

CLARK, Katerina, HOLQUIST, Michael. A Arquitetônica da Responsabilidade. In. CLARK, Katerina, HOLQUIST, **Michael. Mikhail Bakhtin**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004, pp. 89-116.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Autoria e tradução: os textos do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Diálogo, s/d. Disponível em: <https://dialogo.fflch.usp.br/sites/dialogo.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Autor.pdf>

PADILHA, Simone de Jesus. **Relendo Bakhtin: autoria, escrita e discursividade**. Polifonia, Cuiabá, MT, v.18, n.23, p.91-102, jan./jun., 2011.

VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Circulação restrita, Mimeo. 1929.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª Edição), 376p.1





# C O M P R E E N S Ã O

Mariana de Lima Becker  
Ricardo Rios Barreto Filho

A noção de compreensão na perspectiva dialógica foi desenvolvida em contraposição às concepções de compreensão baseadas no pensamento linguístico-filosófico ligado ao chamado subjetivismo idealista, representado pelo Romantismo e Teoria da Expressão, e ao objetivismo abstrato, representado por correntes estruturalistas e formalistas. Em sua crítica ao objetivismo abstrato, Bakhtin e Volochínov (2009) distinguem os processos de compreensão e de identificação/reconhecimento, ratificando que eles envolvem e mobilizam diferentes instâncias. A compreensão para os autores se configura como embate e coconstrução de signos ideológicos, como resposta a um signo através do conjunto de signos que compõem o discurso interior, por sujeitos socialmente organizados, situados e engajados na interação. Por outro lado, o ato de identificação, também chamado de reconhecimento, se faz presente quando os indivíduos lidam com sinais - entidades de conteúdo imutável que constituem instrumentos técnicos para designar objetos e acontecimentos precisos e estáveis.

Bakhtin (2011) desmembra a compreensão em atos particulares que têm certa autonomia semântica, mas ocorrem em um processo único. O primeiro ato é a percepção psicofisiológica do signo físico, e em seguida ocorre o seu reconhecimento (conhecido ou desconhecido) no plano da língua. Posteriormente, há a

compreensão de seu significado em dado contexto e, só então, a “compreensão ativo-dialógica”, que traz o elemento valorativo (discussão-concordância). Assim, dentro da perspectiva bakhtiniana de compreensão responsiva, qualquer compreensão real traz como ato inerente não apenas o reconhecimento linguístico ou a identificação das palavras, como defendiam os representantes do objetivismo abstrato conferindo à língua o valor de sistema de normas imutáveis, mas também e principalmente a *responsividade*, a réplica carregada de juízos de valor de cada sujeito. Com efeito, dentro dessa perspectiva, não há observação ou contato direto com o objeto compreendido, como se ele se encontrasse neutro ou isento de axiologias. A compreensão consiste em um fenômeno necessariamente engajado, em que ecoam diferentes *vozes*, isto é, diferentes pontos de vista integrais. Assim, qualquer indivíduo que compreende enunciados, seja no âmbito da vida cotidiana, na prática da pesquisa, ou em qualquer outro domínio, se torna participante do diálogo, estabelecendo relações dialógicas, se posicionando perante o objeto compreendido e os outros posicionamentos que cercam o mesmo objeto.

Reconhecendo que a compreensão responsiva é necessariamente um processo que exige uma atitude ativa dos participantes, e que integra todas as relações sociais concretas, pode-se questionar a origem da noção de compreensão *passiva*. A noção de compreensão passiva instaura-se a partir da negação do princípio dialógico de que todo processo de compreensão efetiva da palavra gera necessariamente uma réplica ativa (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009). Conforme Bakhtin e Volochínov (2009), a compreensão passiva é caracterizada pela percepção puramente normativa do signo linguístico, atribuindo-lhe o papel de sinal – predominando, então, o reconhecimento sobre a compreensão. Os autores discutiram a “compreensão passiva” para caracterizar o tipo de “compreensão” obtida pelos filólogos e linguistas de sua época que formularam sua concepção de língua com base na comparação de documentos escritos e isolados no quadro de línguas mortas.

Portanto, é possível afirmar que a noção de compreensão foi ampliada por Bakhtin e Volochínov, uma vez que ultrapassou os limites impostos pelas correntes que se utilizavam do viés introspectivo, passando a ser encarada como fenômeno integrante da vida social. A noção bakhtiniana de compreensão é até hoje discutida (ZOZZOLI, 2012; FRANÇOIS, 2014) e tem seu funcionamento estudado em diversas esferas da comunicação humana, na tentativa de explicar fenômenos da linguagem e ressignificar práticas que condizem com antigas concepções que limitavam o papel do outro na comunicação ao reconhecimento/identificação de formas.

A definição de compreensão, no âmbito dos estudos bakhtinianos, passa necessariamente pela discussão da problemática da significação e da reacentuação trazidas pela noção dialógica da linguagem. Assim, a noção de compreensão bakhtiniana perpassa necessariamente por uma visão de que a significação não é um processo puramente estrutural e que a compreensão de enunciados concretos não ocorre sem a “mudança mútua e o enriquecimento” (BAKHTIN, 2011b, p. 378).

Bakhtin e Volochínov (2009) apontaram para o chamado “problema da significação” proveniente da tentativa feita pela ciência linguística do início do século XX de explicar os fenômenos da significação e suas características a partir de uma abordagem restrita à materialidade linguística do enunciado. A perspectiva dos autores não ignora ou nega o lugar dos elementos linguísticos na criação de sentidos que ocorre na enunciação, mas destaca outro atributo que é próprio desse processo, o chamado tema, aspecto fundamental para a compreensão ativa do enunciado completo. O tema encontra-se ligado à situação histórica que o envolve, sendo determinado não apenas pelos elementos verbais da língua presentes na composição do enunciado, mas, principalmente, pelos aspectos não verbais próprios.

Além do tema, Bakhtin e Volochínov (2009) apontam para a participação da significação na composição do enunciado. Com

efeito, a significação é encarada como parte integrante do tema, representando as formas abstratas da língua, isto é, os elementos estáveis e reiteráveis estabelecidos por convenção. Portanto, é possível afirmar que a significação constitui uma espécie de núcleo abstrato e centrípeto no interior do tema, que emerge como um domínio concreto e extremamente dinâmico, perpassando por forças centrífugas, criadoras e históricas. Essa relação de integração ressalta que o tema e a significação são propriedades codependentes. Assim, o tema não pode existir sem o seu meio técnico de materialização, tal qual a significação de qualquer palavra não se dá de maneira isolada, mas exige a inserção em um contexto sócio-histórico determinado, adquirindo, impreterivelmente, um tema.

O problema da significação nos interessa aqui pela sua íntima afinidade com o “problema da compreensão” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 136). Na perspectiva dos autores, quando os estudos da significação priorizam o significado imutável da palavra filológica isolada, perdem-se de vista os elementos não verbais próprios da situação concreta e histórica, isto é, o tema é ignorado. Logo, ao lidarmos puramente com as formas abstratas da língua, a única forma de “compreensão” que pode ser esperada é a passiva, desprovida de concretude e de responsividade. Assim, podemos concluir que, na perspectiva dos autores, a significação não pode estar na palavra isolada, nem na individualidade do locutor ou do interlocutor. Ela se realiza na forma de “efeitos” produzidos na própria interação entre sujeitos situados historicamente, que apreendem o tema de seus enunciados através do processo da compreensão responsiva ativa.

Além do tema e da significação, Bakhtin e Volochínov (2009) apontam que todo enunciado também possui um acento de valor ou apreciativo, que é essencialmente determinado pela situação social. Na perspectiva dos autores, os indivíduos não apenas produzem sentidos quando interagem em determinada situação social concreta de enunciação. Eles também são norteados axiologicamente perante o efeito de sentido produzido, e tal

orientação transparece na própria superfície de seus enunciados (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009). Com efeito, é através da apreciação que acontecem as mudanças de significação, pois essas modificações são decorrentes dos diversos deslocamentos de uma dada palavra para novos contextos apreciativos. A reacentuação ocorre, portanto, como uma consequência do processo dialógico e responsivo da compreensão, cujo ouvinte, inevitavelmente, torna-se falante (BAKHTIN, 2011c), retomando e respondendo a um já-dito, porém sempre acrescentando o seu próprio acento de valor.

Podemos afirmar, então, que, no fenômeno da compreensão, ocorre o encontro e a confrontação entre os pontos de vista já formados e as novas possibilidades trazidas pelo texto. Em “Os Gêneros do Discurso”, Bakhtin (2011c) discute justamente as maneiras que a compreensão responsiva ativa tende a se manifestar, isto é, ela nem sempre toma a forma de resposta em voz alta ao enunciado precedentemente pronunciado. A compreensão encarada pela perspectiva dialógica está em qualquer comunicação discursiva, podendo se realizar na forma de ações, permanecer em estado de “compreensão responsiva silenciosa”, ou, até mesmo, vir a ser uma “compreensão responsiva de efeito retardado”, em que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2011c, p. 272).

Em suma, a compreensão, no pensamento bakhtiniano, é um fenômeno interacional, discursivo e ativo, que não se limita apenas ao processo de reconhecimento de signos estáticos nem a um processo puramente individual dissociado das condições sociais em que estão inseridos os interlocutores e discursos. A compreensão ativa implica um processo de reacentuação e enriquecimento de discursos que necessariamente está ligado a aspectos sócio-históricos da interação humana.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

responsividade – significação – signo

### Referências

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 393-410.

BAKHTIN, M. Apontamentos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 367-392.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011d. p. 307-336.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011c. p. 261-306.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 275 p.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002. 439 p.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2009. 203 p.

### Recomendação de leitura

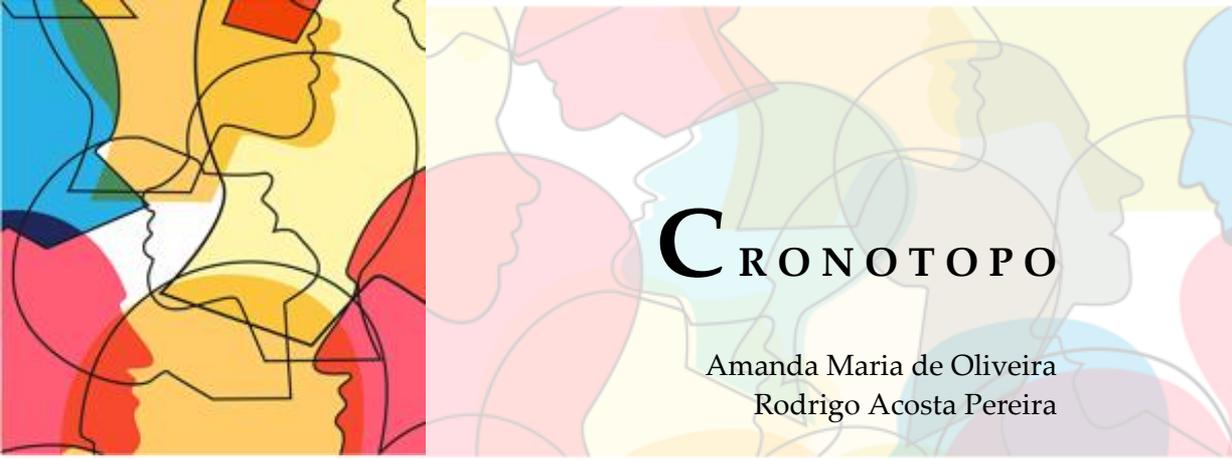
FRANÇOIS, F. Bakhtin completamente nu. **BAKHTINIANA**, São Paulo, Número Especial, p.47-172, 2014.

FURLANETTO, M. M. Hiperrenunciador: o outro do supradestinatório?. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 325-345, 2012.

PUZZO, M. B. A flutuação dos gêneros textuais modernos. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2011.

ZOZZOLI, R. M. D. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 7, n. 1 p. 253-269, 2012.





# C R O N O T O P O

Amanda Maria de Oliveira  
Rodrigo Acosta Pereira

As discussões acerca do conceito de cronotopo estão presentes especialmente na obra *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* de M. Bakhtin. Para iniciarmos o percurso acerca da noção de cronotopo na obra do Círculo, é importante ressaltar que tal noção foi concebida especificamente no âmbito literário, de forma a dar conta das relações espaço-temporais no romance (AMORIM, 2014; BEMONG; BOSTAD, 2015). Assim, as relações cronotópicas são especificamente direcionadas ao estudo do romance, de forma a dar conta das relações de espaço e de tempo concretizadas na obra. Isso não invalida, no entanto, as possibilidades de ampliação para o estudo do cronotopo de outros gêneros do discurso e de outras esferas para além da literária se considerarmos a universalidade e não-finalizabilidade do pensamento do Círculo.

Ainda, é importante ressaltar que a noção não foi apresentada de forma direta no decorrer dos escritos, e sim em discussões pontuais. Por isso, cabe ao estudioso da obra percorrer os textos para compreensão de tal noção. O entendimento parte do todo da obra, das discussões e análises propostas, assim como os diálogos estabelecidos entre os interlocutores contemporâneos do Círculo.

A primeira questão acerca da noção de cronotopo consiste na compreensão de que **tempo e espaço são aspectos inseparáveis em um todo concreto**. Como explica Bakhtin (2014 [1975]), o tempo se

comprime e se condensa; o tempo se intensifica e se entrelaça ao espaço; um transparece no outro; o tempo não pode ser estudado desconsiderando a noção de espaço, assim como o espaço do romance só pode ser entendido a partir das relações temporais estabelecidas no romance. Tempo e espaço dão conta de forma inseparável dos acontecimentos e de como as relações espaço-temporais se enredam no acontecimento, nas ações que ocorrem necessariamente em um espaço e em um tempo (MORSON; EMERSON, 2008).

Isso significa que não existe um único cronotopo, apenas uma relação espaço-temporal. Esse fato decorre das diferentes possibilidades do agir do sujeito, da concretização do agir nas diferentes esferas da atividade. Se retomarmos as discussões de Bakhtin (2011 [1979]), sabemos que interagimos nas inúmeras esferas da atividade, em também incontáveis situações de interação. A cada situação, as relações de tempo e espaço são únicas, pois cada vivência é marcada pela unicidade, cada condição de enunciação é única e irrepitível, portanto, à medida que a situação de interação se ressignifica, as relações espaço-temporais também irão mudar. A noção de cronotopo mostra que temos diferentes percepções de tempo-espaço à medida que interagimos em diferentes contextos. Consequentemente, os acontecimentos não podem ser entendidos em um mesmo cronotopo, já que não se pode supor que todos os aspectos ou ordens do universo operem com as mesmas percepções de espaço e de tempo.

Disso podemos entender que o tempo é o aspecto central para o conceito de cronotopo, pois é a irrepitibilidade do acontecimento que atribui a unicidade do cronotopo. Morson (2015) explica que Bakhtin e Dostoiévski convergiam na compreensão de que a vida humana deve ser entendida em termos de temporalidade, na concepção de tempo que o homem possui em dado momento da história, ou, no caso do gênero romanesco, qual a temporalidade que guia os acontecimentos. Assim, Morson (2015) explica que Bakhtin e Dostoiévski ratificam a abertura do tempo e a irrepitibilidade dos acontecimentos. Os sujeitos,

mesmo que extremamente similares, nunca poderão ser idênticos, uma vez que todo sujeito é único e singular, cujas vivências não podem ser inteiramente repetidas e vivenciadas pelo outro. A unicidade do sujeito está diretamente imbricada à abertura do tempo e irrepitibilidade dos eventos, pois todo sujeito vivencia acontecimentos únicos, irrepitíveis, que só podem ser vivenciados por ele mesmo, do seu lugar e de seu ponto de vista.

Outros dois aspectos que envolvem o conceito de cronotopo dizem respeito à **abertura do tempo** e ao **potencial do devir**. Sobre o primeiro, se o tempo é fechado, descolado do espaço, o homem já está acabado e finalizado, pois não existe o potencial de mudança e de ressignificação; todos os acontecimentos levarão ao final predestinado e o devir é inexistente. A noção de homem de acordo com o Círculo advoga pela abertura do tempo, pois essa noção atribui incertezas e possibilidades de transformações no homem, possibilidades de escolha e impossibilidade de antecipação dos acontecimentos, uma vez que o mundo não é regido por regras, pois, para cada agir, há diversas consequências possíveis e que, a depender do agir do sujeito, pode haver diversos desdobramentos. Em resumo, se diferentes situações podem levar a desdobramentos distintos, por definição o tempo será aberto, pois não existe predefinição dos acontecimentos e do agir socialmente (MORSON, 2015). A cada novo agir, abre-se um leque de possibilidades, sem que haja uma força maior a determinar as regras de funcionamento do universo, daí a “heresia” do pensamento de abertura do tempo.

Se a humanidade é compreendida a partir da sua temporalidade, a cada compreensão do tempo, há diferentes imagens de sujeito. Portanto, a percepção da temporalidade, seja no tempo cíclico no qual nada acontece para além do que já está predestinado, seja pelo tempo histórico, que envolve o potencial do futuro e as consequências das escolhas individuais, cada percepção de temporalidade e as formas pelas quais cronotopos distintos operam com tais percepções de tempo determinam os modos em que as experiências humanas são vivenciadas e representadas como um todo.

Em suma, o estudo do cronotopo dá conta das relações espaço-temporais que significam o agir do sujeito, de como tais relações significam a experiência e se engendram em determinados horizontes ideológico-valorativos, que por sua vez reverberam no discurso, tendo justamente o cronotopo como baliza para sua constituição e funcionamento à luz de matizes sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos ideológico-valorativamente marcados (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA, 2020).



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**enunciado – ideologia – interação**

### Referências

- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. O cronotopo nos estudos dialógicos da linguagem. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas - SP: Pontes, 2020, v. 1, p. 89-108.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 95-114.
- BEMONG, N.; BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. *In*: BEMONG, N. et al. (Orgs.). **Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-51.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. *In: BEMONG, N. et al (Orgs). Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas.* Tradução de Oziris Borges Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 118-140.

MORSON; G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: Criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danese. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 139-449.

### **Recomendação de leitura**

ACOSTA-PEREIRA, R. O cronotopo do gênero carta de conselhos: imagens do tempo, do espaço e da autoria. **Travessias**, Cascavel, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/9073>. Acesso em: 25 out. 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Amanda Maria de. O cronotopo nos estudos dialógicos da linguagem. *In: FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição.* (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.** 01ed.Campinas - SP: Pontes Editores, 2020, v. 01, p. 89-108.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave.* 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 95-114.

BEMONG, N. et al. (Orgs). **Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. *In: BEMONG, N. et al (Orgs). Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas.* Tradução de Oziris Borges Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 118-140.





# DIALOGISMO

Maria de Fátima Almeida  
Janielly Santos de Vasconcelos Viana

Quando pela reflexão bakhtiniana, ultrapassam-se os limites linguísticos, e a enunciação é evidenciada pelas determinantes relações sociais, surge uma categoria básica, ou melhor, essencial para a elaboração desta reflexão, o dialogismo. A compreensão do dialogismo é basilar para entender a obra de Bakhtin e do círculo, pois tal princípio fundamenta a concepção de linguagem que constitui a orientação dialógica. Esta orientação é condição de existência dos discursos em termos de diversidade de sentidos.

O dialogismo determina as práticas discursivas, as relações de linguagem e do pensamento bakhtiniano. Para refletir sobre a determinação dialógica, ou mais precisamente sobre o termo dialogismo, é preciso partir das considerações de Bakhtin (2011), que considera o princípio dialógico como constitutivo da concepção de linguagem. O dialogismo representa o confronto de valores e diferentes visões sobre um determinado objeto.

A palavra é compreendida como referência fundamental para o entendimento do dinamismo que pressupõe o dialogismo. A palavra acumula sentidos sem, portanto, repeti-los. Em contrapartida ao estudo enunciativo sob a perspectiva monológica, a concepção de dialogismo veio para afirmar que em todo contexto enunciativo existem relações ou existem para relações outras, constituído e representado por relações de sentido entre enunciados.

Pontuado como propriedade inseparável da língua, o dialogismo é visto como princípio consolidador das teorias e reflexões bakhtinianas. Para compreender a sua realização enunciativa da linguagem é preciso, de acordo com Fiorin (2006), se distanciar de alguns equívocos: 1) dialogismo entre enunciados e, 2) entre o locutor e seu interlocutor. O primeiro reside na confusão e na costumeira ação de equivalência entre dialogismo e diálogo, circunscrevendo-os e reduzindo-os à interação face a face. O segundo equívoco é representado pela afirmação de que há dois tipos de dialogismo, o entre discursos e o entre interlocutores. O dialogismo acontece sempre entre discursos e o interlocutor é apenas portador deste discurso, pois o interlocutor é sempre resposta.

Em continuidade, Fiorin (2006) argumenta sobre os tipos de dialogismo em que o primeiro estaria relacionado ao funcionamento da linguagem, em outras palavras, relaciona-se a como o dialogismo é percebido nas vozes de um discurso, ainda que elas não se manifestem, tornando-se essencial para a constituição de um enunciado. O segundo tipo considera o dialogismo a partir das vozes que são incorporadas por outros enunciados, tratando da subjetividade alicerçada pelas relações que o sujeito constitui com o mundo exterior em constante mudança, fazendo com que este sujeito seja dialógico e engendrado por diversas vozes. O terceiro e último conceito de dialogismo, proposto por Fiorin (2006), reflete a autonomia do sujeito perante o mundo, assim, o dialogismo é o princípio de constituição e ação do indivíduo.

O dialogismo está ligado às relações que são estabelecidas entre sujeitos nos processos discursivos, como princípio constitutivo e indispensável da linguagem. A utilização do texto literário privilegia a interação e a dialogicidade, uma vez que o trabalho do artista/escritor se concretiza mediante o uso da língua. A realidade da língua é vista por Bakhtin (2011) como diversidade de vozes sociais e construídas em relações dialógicas que variam quanto a sua natureza.

Faraco (2003) compreende o dialogismo para além do diálogo face a face, e aponta que é preciso entendê-lo pelas relações

dialógicas que podem ser equivalentes, polêmicas, paródicas e equivalentes à discussão, em outras palavras, não se resumem a concordância. Este autor afirma, ainda, que o dialogismo é constituído pelas interações entre sociais e os diálogos entre sujeitos. Por serem relações mais amplas, complexas e variadas, as relações dialógicas ampliam fatores muito maiores do que simples diálogos entre interlocutores.

O pensamento bakhtiniano, no princípio, se fundamentou no estudo do texto literário e proporcionou a observação de conceitos, categorias, princípios e noções que norteiam as pesquisas em diferentes esferas do conhecimento, tais como a Filosofia, a Linguística, a Literatura, a Religião, a Política. Bakhtin, Volóchinov e Medviédev assinaram trabalhos diversos que desaguam no grande tempo que contribuiu para a Teoria Dialógica da Linguagem, a qual Beth Brait (2006) convencionou chamá-la de “Análise Dialógica do Discurso”. Bezerra (2015) reitera que a fonte do dialogismo bakhtiniano esteve na Literatura, representada pela obra de Dostoiévski, cujo contexto histórico-filosófico e linguístico-literário impulsionou Bakhtin a criar sua disciplina Metalinguística como resposta às tendências unificadoras de sua época de estudos.



#### **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

**arquitetônica – entonação – metalinguística –  
polifonia – responsividade**

## Referências

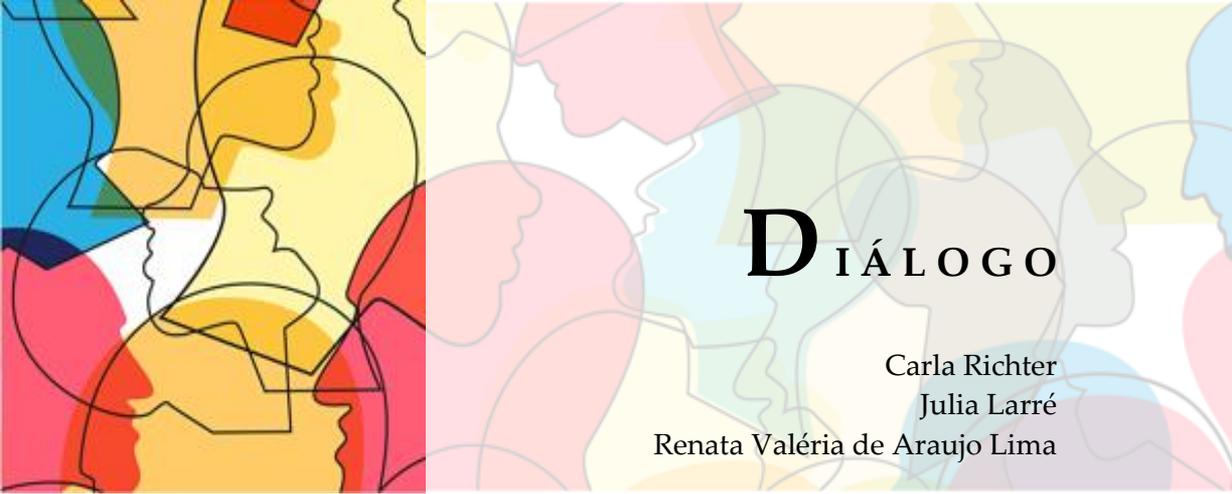
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FARACO, Carlos Aberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo** (dez obras fundamentais). In: Guia bibliográfico da FFLCH [S.l: s.n.], 2016.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

## Recomendação de leitura

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo:34, 2016.
- BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo** (dez obras fundamentais). In: Guia bibliográfico da FFLCH [S.l: s.n.], 2016.

- \_\_\_\_\_. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FARACO, Carlos Aberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- VOLOCHÍNOV. V.N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: introdução ao problema da poética sociológica. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editoria 34, 2019.





# DIÁLOGO

Carla Richter

Julia Larré

Renata Valéria de Araujo Lima

Dentre os conceitos-chave da arquitetura conceitual bakhtiniana, o **diálogo** configura-se como um dos principais, pois, para compreender a linguagem, Bakhtin considera que a verdadeira substância da língua é a interação entre as pessoas, as relações sociais, através da interação verbal, por meio das enunciações existentes (MARCUIZZO, 2008). Nesse sentido, há dois conceitos fundamentais para a compreensão do que é **diálogo** na visão bakhtiniana: dialogismo e enunciado.

O primeiro pode ser definido resumidamente como as relações de sentido que são reconstruídas na (inter)ação entre interlocutores, em tempo e espaços distintos num jogo de palavras e de poder entre vozes sociais. Já o segundo é explicado por Bakhtin em oposição à oração e afirma que o primeiro existe somente no discurso e é a produção enunciativa da oração. Todo enunciado tem um sentido, um valor acentual determinado pelo seu enunciador, seus interlocutores e o contexto sócio-histórico-cultural em que está inserido. Já a oração é neutra. Ela tem uma estrutura gramatical, mas do ponto de vista ideológico é vazia, pois para possuir uma natureza dialógica a oração precisaria ser contextualizada em torno da noção de discurso.

Para Bakhtin, as relações dialógicas se dão no âmbito do discurso, ou seja, não existem relações dialógicas entre orações, pois elas são analisadas por um viés estritamente linguístico. Já no nível do enunciado, é perfeitamente possível que se estabeleça uma relação dialógica, mesmo que esse enunciado esteja incompleto, desde que identifiquemos ali a voz social de alguém (FARACO, 2009). Parte importante da interação verbal e unidade fundamental da língua, o termo "**diálogo**" na terminologia do filósofo russo está intrinsecamente ligado ao conceito de enunciado, e tem um significado que vai além do sentido ordinário e apresenta uma natureza eminentemente dialógica.

Ao longo das suas obras, Bakhtin reafirma a importância da linguística contemporânea focalizar os seus estudos no binômio enunciação - dialogismo, pois, para ele, não existe um discurso não dialógico. Para Bakhtin, todo objeto de discurso é dialógico, não existe uma palavra original, como também não existe uma última, pois isso contraria o princípio do dialogismo que é inerente à língua. A palavra de um também é a palavra do outro. A própria consciência de um está impregnada da consciência do outro, em uma inter-relação dinâmica que reflete a inter-relação dos sujeitos em uma comunicação ideológica verbal. (BAKHTIN, M./ VOLOCHÍNOV, 2014).

Para Bakhtin, o **diálogo** "verdadeiro" acontece na relação entre o *eu* e o *outro*, nas réplicas do enunciado, na alternância de vozes e sempre vai despertar no outro um posicionamento ativo responsivo. Esse posicionamento nem sempre vai se dar de forma imediata, mas ele vai, obrigatoriamente, implicar uma contrapalavra. Bakhtin diz que a própria compreensão "é uma forma de **diálogo**; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no **diálogo**. Compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 137), pois em um **diálogo**, a interação entre locutor e interlocutor vai desencadear a negociação e instituição do sentido.

Em um **diálogo**, o que é dito por um, traz em seu âmago o que já foi dito por outro. Esses dizeres são engendrados numa trama de

fos discursivos e vão sendo ressignificados pelos sujeitos. Essa ressignificação é uma resposta a um enunciado e pode se materializar de várias maneiras: num gesto, num olhar, num meneio de cabeça ou em um novo enunciado. O **diálogo** a que nos referimos aqui, vai além da comunicação face a face, é diferente daquele “que já se fez letra morta, decorada mecanicamente, repetida sem razão, sem vontade” (MARCHEZAN, 2012, p. 117), pois é no **diálogo** que o enunciado vive e manifesta a sua plenitude expressiva.

Nesse enquadre, o **diálogo** pode ser considerado um evento entre sujeitos, marcado pelo atravessamento de uma multiplicidade de vozes, discursos e valores axiológicos, que vai resultar numa resposta ao que já foi dito por outrem. É importante salientar que o termo **diálogo** na concepção bakhtiniana não significa consenso. Ao contrário, a palavra **diálogo** pressupõe conflitos, questionamentos e discursos outros que ora se entrelaçam, ora se distanciam da palavra “primeira”, mas, inevitavelmente a refratam. O **diálogo** acontece numa zona fronteira e híbrida entre o *eu* e o *outro*. É importante considerar que na visão bakhtiniana, esse outro nem sempre é um sujeito, ele pode ser outro posicionamento, voz ou ideologia. Nessa arena de batalhas, mesmo quando o **diálogo** não aponta na direção das consonâncias em relação ao dizer do outro, há, ainda assim, um embate dialógico entre o aceite de um determinado posicionamento, a tomada de uma posição avaliativa e a recusa de outros enunciados.

Embora Bakhtin reconheça os aspectos composicionais e os processos de gramaticalização da fala dialogada (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014), a ele não interessa o **diálogo** no sentido estrito do termo, mas os confrontos estabelecidos entre os enunciados, pois eles têm um cunho social e, são a essência da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**dialogismo – enunciado – interação**

### Referências

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora, 1895-1975/2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Problemas da Poética de Dostoiévski**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRAIT, B. (org.) Análise e teoria do discurso. *In: Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, C. **Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCHEZAN, R. Diálogo. *In: Brait, B. (Org.) Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 115-133.

MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. *In: Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008*. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>. Acessado em 03/10/10/2021.

### Recomendação de leitura

BRANDIST, C. **Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2012.

EMERSON, C. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. **Arenas de Bakhtin**: linguagem e vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.  
PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2012.





# DISCURSO DE OUTREM

Pedro Farias Francelino

O problema do discurso de outrem (ou discurso alheio, discurso reportado) é um tema bastante produtivo nos escritos do Círculo de Bakhtin, presente tanto no pensamento de Mikhail Bakhtin quanto no de Valentin Volóchinov. No caso deste último, destaca-se a obra mais densa do autor, “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” (2017 [1929]), doravante MFL, mais particularmente, a parte III, “Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua: experiência de aplicação do método sociológico aos problemas de sintáticos”. Em se tratando de Bakhtin, dois textos são fundamentais para a compreensão do conceito: “Teoria do romance I: a estilística” (2015 [1930...]), considerando o seu longo ensaio “O discurso no romance”, dividido em 5 capítulos na publicação feita pela Editora 34; e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2005 [1963]), precisamente o capítulo “O discurso em Dostoiévski”, em que desenvolve uma profunda reflexão sobre a palavra bivocal.

Em MFL, Volóchinov empreende uma problematização do fenômeno da transmissão do discurso alheio em uma perspectiva sociológica e, para isso, aponta uma das principais limitações dos princípios e métodos tradicionais da linguística para uma abordagem produtiva dos problemas de sintaxe: a herança da

linguística comparativista indo-germânica que privilegiou os níveis *fonético* e *morfológico* da análise linguística. Na ótica do autor, a linguística negligenciou, para uma abordagem correta da língua, as formas sintáticas, uma vez que estas são as que mais se parecem com o enunciado concreto, real e vivo, produzido em nossas interações verbais. Segundo o autor, o discurso alheio é o “*discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 249, destaque do autor). O que importa, na discussão do autor, é entender como se dá a dinâmica de inter-relação entre o discurso autoral e o discurso alheio, ou seja, como um discurso recebe/acolhe o discurso de outrem. Disso decorre que há duas principais formas (ou estilos) de apreensão do discurso reportado: o estilo linear e o estilo pictórico.

O estilo linear consiste numa recepção direta e objetiva do discurso de outrem, sem que haja qualquer alteração de ordem sintática ou de outra ordem deste discurso. A palavra do outro, portanto, integra plena e completamente o discurso autoral, tendo suas fronteiras marcadas pelo uso dos recursos linguísticos da pontuação, como aspas, travessões, emprego de verbos *dicendi* etc. O outro tipo de reação da palavra à palavra alheia é o estilo pictórico, que consiste na apreensão do discurso de outrem de forma indireta, de modo que não haja fronteiras entre o discurso autoral e ele, ou seja, a integridade do discurso alheio é rompida e ele pode apresentar as marcas da intervenção do discurso autoral que o emoldura, que o engendra.

Bakhtin (2015, [1953-54]), por sua vez, no ensaio *O discurso no romance*, introduz a temática do discurso de outrem mediante a problematização que estabelece com a estilística tradicional, ao postular que esta se limita aos modelos clássicos do gênero romanesco e ignora a real e concreta composição do gênero, que é o de sua constituição pela pluralidade e diversidade de gêneros, estilos e vozes. Daí a proposição do romance como um fenômeno heterodiscursivo, composto por várias unidades estilísticas

heterogêneas que o tornam pluriestilístico e plurivocal. No romance, ocorre um processo de estratificação social da linguagem em que, ao invés de uma única voz, monológica, há uma diversidade de dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, enfim, uma variedade de linguagens que rompe com a unidade discursiva do gênero. Bakhtin apresenta, portanto, para caracterizar essa heterodiscursividade do romance, uma série de formas composicionais de inserção e organização das várias vozes que integram o discurso, tais como estilização paródica, discurso do outro em forma dissimulada (e variantes), discurso difuso do outro, construção híbrida, paródia literária, discurso direto impessoal do herói. Todas essas formas demonstram o caráter bivocalizado do romance e apontam para a presença maciça do discurso de outrem nesse gênero do discurso.

Ainda no escopo de sua teoria do romance, Bakhtin, em “Problemas da obra de Dostoiévski” (2010, [1963]), desenvolve o conceito de palavra bivocal como objeto de estudo de uma disciplina que transcende os objetivos e os métodos da linguística tradicional, a translinguística, cuja preocupação consiste na análise das relações dialógicas que presidem o funcionamento dos discursos em suas múltiplas e diversas manifestações estilístico-composicionais. É com esse trabalho que Bakhtin postula a sua tese do romance polifônico, segundo a qual os romances de Dostoiévski caracterizam-se por uma forma singular de composição de suas personagens, que se apresentam na narrativa, diferentemente do romance ortodoxo, como plenivalentes, portadores de seus próprios pontos de vista acerca do mundo.

Nessa obra, Bakhtin analisa fragmentos de várias obras de Dostoiévski e formula a proposição do discurso bivocal, no sentido de que todo discurso está voltado tanto para um referente ou objeto de discurso como para um discurso de outrem. Nesse sentido, seu trabalho evidencia um percurso analítico que vai da palavra monovocal até diferentes formas de manifestação estilístico-

composicional. Como discurso monológico, Bakhtin destaca dois tipos principais: (i) o discurso referencial direto e imediato, aquele que nomeia, representa, que visa à interpretação referencial e direta do objeto; e (ii) o discurso representado ou objetificado, como aquele que é orientado exclusivamente para seu objeto, mas ele próprio é ao mesmo tempo objeto de outra consciência, a do autor. Em relação ao discurso bivocal, aquele em que ocorrem duas orientações semânticas ou duas vozes, Bakhtin apresenta três tipos: (i) *discurso bivocal de orientação única*, tendo como formas estilístico-composicionais a estilização, o *skaz* e o *icherzählung*; (ii) o *discurso bivocal de orientação vária*, tendo como principais formas a paródia, a narração parodística, o *icherzählung* parodístico, o discurso do herói parodisticamente representado, enfim, qualquer transmissão da palavra do outro com variação de acento; (iii) o *discurso refletido do outro*, com destaque para as seguintes manifestações discursivas: polêmica interna velada, autobiografia e confissão polemicamente refletidas, réplica do diálogo, diálogo velado, enfim, qualquer discurso que visa ao discurso do outro.

A riqueza de detalhes da análise dessas formas, bem como sua produtividade para a leitura dialógica de enunciados de diferentes esferas discursivas, podem ser melhor aprofundadas com o estudo das obras aqui indicadas.



#### **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

**alteridade – dialogismo – diálogo – heteroglossia**

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas de poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

VOLOCHÍNOV, Valentin. A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p. 241-247.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Exposição do problema do “discurso alheio”. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p. 241-247.

## Recomendação de leitura

CASTRO, Gilberto de. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 117-135.

CUNHA, D. A. C. da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, 1. sem. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.





# ENTONAÇÃO

Maria de Fátima Almeida  
Ramísio Vieira de Souza

Nas obras iniciais de Bakhtin encontramos as primeiras noções de entonação que são desenvolvidas, posteriormente, em seus trabalhos e do Círculo. Assim, em *K filosofii postupka* (1920-24), título atribuído por Sergei Bocharov, que mais tarde, em traduções italianas, é intitulado *Para uma filosofia da ação* (1994 e 1998), por Luciano Ponzio e recentemente *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco, ao tratar de uma filosofia do ato responsável, já estão presentes as concepções axiológicas, isto é, o vínculo valorativo da linguagem nas atividades interativas humanas em sociedade.

Nessa obra, a relação valorativa é bem evidente, quando se refere à expressão do ato, por meio do seu interior, e à expressão do existir-evento único em que se origina o ato e exige a plenitude da palavra. No sentido bakhtiniano de palavra formada pelo aspecto do conteúdo-sentido, ou seja: palavra-conceito, como também pelo emotivo volitivo, isto é, a entonação da palavra, que juntamente formam uma unidade significativa.

Ao tratar das categorias abstratas, Bakhtin (2010) apresenta a palavra não somente pelo fato de se referir ao objeto, mas também por expressar sua entonação em relação a ele, uma vez que uma palavra pronunciada não pode evitar de ser entoada. Já expressamos a entonação ao falar de um objeto, isto é, a atitude avaliativa, pois

tudo que é experimentado possui um tom emotivo-volitivo que é fruto da relação afetiva com o falante, na unidade do evento da vida que o envolve. O tom emotivo-volitivo constitui o momento fundamental do ato, mesmo na abstração do pensamento, e quando ele realmente vem a existir, faz-se fortemente presente no evento.

Essas são algumas das ideias iniciais sobre a entonação que ocorre pela unidade singular concreta em sua totalidade e expressa a completude do evento num determinado momento. Bakhtin (2010) afirma que o tom emotivo-volitivo relaciona, necessariamente, o conteúdo e sua realização no existir-evento singular. A obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, de Valentin Volóchinov (2017), que compõe o conjunto da obra do Círculo de Bakhtin, já apresenta as bases da entonação. Na seção tema e significação, o conceito de entonação está expresso na palavra que significa essa avaliação dos conteúdos objetivos que existem na fala viva, por meio de uma ênfase valorativa dadas na oralidade ou na escrita.

Para Volóchinov (2017) é perceptível na palavra, ainda que em sua camada mais superficial, a entonação expressiva. Em *Os gêneros do discurso*, de Bakhtin (2016), a reflexão sobre a entonação continua de forma mais enfática, dialógica e construtiva, por se referir ao enunciado como um elo que constitui a comunicação discursiva. O enunciado é constituído, primeiramente, pelo conteúdo semântico-objetual, isto é, as escolhas dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso que são determinadas pelas ideias do sujeito com base no objeto e no sentido. Esse primeiro elemento é responsável por determinar as especificidades estilístico-composicionais.

O segundo elemento, que nos interessa, determina a composição e o estilo do enunciado, é o elemento expressivo no que condiz à relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante em relação ao conteúdo do objeto e o sentido do enunciado. Então, essa relação valorativa do falante com o objeto do discurso é essencial na escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais que constituem os enunciados. A entonação expressiva, intrínseca ao

enunciado, é essencial na identificação clara do outro, porque, quando comunicamos discursivamente, apresentamos, na entonação, um juízo de valor sobre o assunto (objeto) que é transmitido pela corrente dialógica do enunciado no evento comunicativo.

No decorrer do estudo, Bakhtin (2016) ressalta a relevância da entonação emocionalmente valorativa do falante com o objeto de sua fala e sua expressividade na oralidade. O filósofo russo afirma que essa entonação expressiva é uma particularidade constitutiva do enunciado que o diferencia, por exemplo, da oração enquanto unidade da língua.

Na coletânea *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos resenhas e poemas*, de Volóchinov (2019), há uma associação entre a metáfora entonacional e a metáfora gestual e, dessa maneira, integram entonação e gestos como sendo ativos e objetivos. Nessa perspectiva, eles são expressivos não somente no estado emocional ou passivo do falante, mas sempre apresentam uma relação viva e dinâmica com o meio exterior e o meio social.

Assim sendo, o homem, ao entonar e gesticular, ocupa uma posição social ativa, conforme a essência de sua própria existência, em relação a certos valores. A entonação se direciona para o ouvinte, como cúmplice ou testemunha, assim como para o objeto do enunciado que corresponde ao terceiro participante ativo em que a entonação eleva, xinga, acaricia ou aniquila. Os aspectos da entonação são determinados e atribuídos pelo caráter duplo da orientação social.

Nessa reflexão, a entonação é essencial, primeiramente, na construção da relação entre o enunciado, sua situação e seu auditório. Além disso, para exemplificar essa atitude avaliativa da entonação na linguagem, Volóchinov (2019) retoma um provérbio sobre o tom na música. É justamente esse “tom” (a entonação) que faz a “música” (o sentido e a significação gerais) de qualquer enunciado. Uma mesma palavra ou expressão, quando entonadas de modos distintos, apresentam diferentes significações. Nesse

contexto, a situação e o auditório escolhem as palavras e suas organizações, por isso são essenciais na determinação da entonação, assim como na constituição total do enunciado. Em uma dada situação, portanto, a entonação é o fio condutor mais flexível e sensível das relações sociais entre os falantes.

Portanto, nos diversos diálogos presentes nas obras visitadas de Bakhtin e o Círculo, a entonação tem um caráter social fundamental na construção do enunciado dos falantes, nas diferentes situações de comunicação, e determina a posição avaliativa deles sobre o assunto que comunicam nas situações sociais da linguagem. O tom é intrínseco ao enunciado, sendo, assim, fundamental ao estudo da linguagem nas diferentes atividades humanas.



#### **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

**arquitetônica – enunciado – interação – palavra**

#### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo:34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 1.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160 p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica**. Organização,

tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editoria 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

### **Recomendação de leitura**

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo:34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 1.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160 p.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo** (dez obras fundamentais). In: Guia bibliográfico da FFLCH [S.l: s.n.], 2016.

BRAIT, Beth. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** introdução ao problema da poética sociológica. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editoria 34, 2019.



# ENUNCIADO

Eduardo Oliveira Henriques de Araujo  
Sônia Virginia Martins Pereira

É a unidade real da comunicação verbal, no pensamento dialógico, em razão de que o discurso existe na realidade concreta dos enunciados dos indivíduos. Em função disso, o discurso se molda às formas dos enunciados que pertencem aos sujeitos e não tem sua existência apartada dessas formas. Desse modo, o enunciado é endereçado ao outro, que não é um indivíduo privado de palavras, mas constituído em processo responsivo, no qual se tem a mediação de um discurso interior em intercâmbio com um discurso exterior orientado por um itinerário de compreensão da palavra alheia até que se torne palavra própria. Isto é possibilitado pelo diálogo, na relação de alteridade, em que o sujeito vivencia enunciados outros e mantém atitude responsiva, mesmo experimentando uma compreensão responsiva ativa muda ou como ato-resposta originado de certa compreensão.

Em consequência das relações dialógicas que definem o enunciado, ele é marcado por peculiaridades, que também são os seus limites, e dizem respeito à alternância dos sujeitos, ao acabamento e ao gênero do discurso. Tais peculiaridades se harmonizam com as características dos gêneros e são vistas como seus princípios, mas não podem ser encontradas na oração. São os limites, as fronteiras, o que esboça a ideia de delimitação, conclusibilidade como característica global do enunciado concreto.

A alternância entre os interlocutores em dada comunicação discursiva pode ocorrer fora de um enunciado individual ou no interior dele. O primeiro caso refere-se à interação face a face, em qualquer gênero de comunicação cotidiana; o segundo, por meio da presença da voz de outro(s), no discurso do enunciador.

Acerca disso, Bakhtin defende que a alternância dos interlocutores ocorre por meio de réplica, sendo esta a singularidade do enunciado como unidade da comunicação discursiva. Sem réplica, o enunciado concreto não existe, sem réplica só existe a oração como unidade da língua. A partir dessa perspectiva, o enunciado bakhtiniano consiste em uma unidade real, mais do que mera unidade convencional, o qual possui um início - todos os enunciados que o precedem e aos quais ele responde como réplica - e um término absoluto - todos os enunciados gerados a partir dele, como respostas, trélicas, posições responsivas ativas do(s) interlocutor(es) real(ais) dentro de um trançado dialógico de posições axiológicas.

Destarte, cada réplica tem conclusibilidade específica, pois exprime um certo posicionamento do sujeito falante que suscita uma resposta, em relação à qual o sujeito assume uma posição responsiva, em razão da função do enunciado em determinado campo da comunicação discursiva. Uma posição assumida pelo sujeito revela seus valores, sua visão de mundo, mas para isso, outras posições, de outros sujeitos foram relacionadas às suas. A alternância dialógica entre interlocutores possibilita a conclusibilidade específica do enunciado concreto.

A plenitude acabada do enunciado, que garante a réplica ou compreensão responsiva, é, como exposto por Bakhtin, determinada por fatores, indissociavelmente ligados na totalidade orgânica do enunciado: i) o tratamento exaustivo do objeto do sentido, o tema; ii) o projeto de querer dizer, intuito discursivo do locutor; iii) as formas composicionais típicas do acabamento do gênero; iv) a relação do enunciado com o seu próprio autor e com outros participantes da

comunicação discursiva. Esses fatores são definidos em função do gênero e do campo da comunicação discursiva em que circulam.

Sendo assim, no tratamento exaustivo do objeto do sentido, o tema, há variações significativas de exauribilidade entre os diversos campos da comunicação discursiva, podendo atingir uma plenitude quase absoluta em alguns campos de atividade humana, como naquelas esferas em que os gêneros têm uma natureza altamente padronizada e a criatividade é quase inexistente. Já em outros campos, como os da esfera científica, o tratamento exaustivo do tema só pode ser relativo, só se pode conviver com um acabamento mínimo, o que suscita uma atitude responsiva.

Por conseguinte, Bakhtin defende que qualquer palavra pela qual o conteúdo temático é enunciado carrega uma entonação expressiva resultante do acento apreciativo que o enunciador imprime a seu discurso, e essas diferentes formas de elocução do dizer, caracterizando o enunciado como uma materialidade axiológica, é o que a teoria dialógica entende por atividade autoral. Ou seja, na medida que todo sujeito empreende dizeres a um outro, todo sujeito é, com efeito, autor, e essa autoria é marcada pelo atravessamento de pontos de vista e de ideologias que permeiam e constituem o sujeito; seja nas atividades em que ele reflete ou seja nas que refrata tais configurações axiológicas, expressando a posição de cada sujeito frente à heteroglossia ideológica de cada contexto, de cada situação enunciativa.

Sobre essa posição axiológica da autoria enunciativa, Bakhtin sublinha que posições e acentos valorativos efetivam um trabalho construtivo da realidade dialógica, do eu para o eu, do eu para o outro, e do mundo, engendrando a própria arquitetônica da responsabilidade de cada enunciador. Ou seja, todo enunciado é uma ação, é um agir na alteridade, é um posicionar-se axiologicamente no trabalho com o tema. Desse modo, o tratamento exaustivo do objeto de sentido, que dá acabamento ao enunciado, é possível, apenas, quando se torna o tema de um enunciado por meio de abordagem circunscrita ao intuito discursivo delineado pelo

autor. Mas isto ocorre, na medida em que é atualizado por nova enunciação, visto que todo tema já foi anteriormente tema de outros enunciados, constitui-se réplica.

À primeira vista, ao tomar o projeto do querer dizer, intuito discursivo do locutor como princípio da totalidade do enunciado, Bakhtin parece conferir ao locutor todo o domínio do seu dizer. Entretanto, ainda que tal fator seja considerado como um elemento individual, sua análise deve ter por base a relação valorativa que o indivíduo estabelece, não apenas com o objeto de sentido, mas, igualmente, com os enunciados de seus interlocutores na comunicação discursiva. À vista disso, há o entrelaçamento inevitável do intuito discursivo com o tema do enunciado, relação na qual podemos entender o tema como o elemento objetivo, em certa medida, do enunciado e o intuito discursivo como o subjetivo.

Com seu projeto discursivo, o enunciador delimita tanto as fronteiras do tema de seu discurso quanto as formas estáveis do gênero por meio das quais o seu enunciado é construído. Dessa maneira, as formas composicionais típicas do acabamento do gênero são formas estáveis de gênero do enunciado e devem ser analisadas em relação ao campo de atividade humana e ao gênero por meio do qual ocorre a comunicação discursiva, visto que são esses aspectos que lhe conferem estabilidade relativa, certa especificidade.

Logo, ao considerar que a comunicação verbal é realizada pelos gêneros e estes ocorrem em campos de comunicação específicos, Bakhtin defende que as formas composicionais são introduzidas na experiência cotidiana do indivíduo e em sua consciência integradamente, sem rompimento dessa correlação, de tal modo que as formas do gênero, das quais todo indivíduo possui um repertório variado, são dadas à semelhança de como são dadas as formas da língua. Então, mesmo a conversa mais informal e cotidiana é elaborada em função do gênero.

Dessarte, na teoria dialógica há o entendimento de que os participantes da comunicação discursiva determinam a construção do enunciado concreto, uma vez que o estilo e a composição do

enunciado não são determinados exclusivamente pela valoração do enunciador em relação ao elemento semântico do seu projeto discursivo e aos elementos linguísticos. Em outras palavras, para a configuração do estilo, além do posicionamento valorativo do enunciador, do objeto de sentido do discurso e dos elementos linguísticos utilizados, é preciso considerar a relação dialógica do enunciador com os enunciados de outros participantes da comunicação discursiva.

Assim, o dialogismo, noção basilar na teoria dialógica, é determinante para o estilo composicional, em sua relação com os demais fatores descritos. Com isso posto, Bakhtin persiste na crítica às análises estilísticas que investigavam o estilo desvinculado da noção de gênero, tomado em seu campo de comunicação discursiva. Em decorrência disso, o modelo de análise e único foco de investigação, numa estilística formal, é a relação do enunciador com seu objeto de sentido e com seu próprio enunciado, desconsiderando-se a relação com os outros participantes da comunicação discursiva: o diálogo, essa atividade responsiva ativa germinal da réplica e da tréplica enunciativa.

Portanto, desconsiderar a presença da voz do outro, que incide na expressividade do enunciado, elimina o enunciado concreto restringindo a análise da linguagem a seus aspectos formais, o que não se coaduna com a proposta de uma análise dialógica.

Conseqüentemente, no lastro da teoria dialógica, é possível compreender que há esferas de comunicação em que a liberdade de manifestação da expressividade do enunciador é mais ampla e há campos outros em que ela é mais restrita; entretanto, de um ou de outro modo, seja do polo da estabilidade das formas composicionais, seja do polo da liberdade expressiva, ambos devem ser vistos sempre como relativos, vindo disso a importância da noção de gênero para o entendimento sobre a noção de enunciado concreto.

Dessa maneira, a relação entre enunciado e gênero distingue-se da relação entre enunciado e oração, visto que esta é da ordem da abstração da língua e aquele é da ordem dos usos da língua, o que

faz com que gênero e enunciado estejam sob a mesma ordem, por compartilharem a mesma natureza. Sob essa ótica, Bakhtin assegura que o enunciado é construído na forma do gênero e, desse modo, o gênero determina as particularidades composicionais dos mais diversificados grupos de enunciados. Daí as mesmas peculiaridades recobrirem ambas as noções de gênero do discurso e enunciado, por apresentarem tema, estilo e forma composicional, recaindo sobre a definição de gênero como um tipo de enunciado estilístico, temático e composicional relativamente estável. Diante disso, enunciado e gênero estão indissociavelmente entrelaçados e ambos são definidos no contexto de determinado campo da comunicação discursiva, que envolve textos e discursos.



#### OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**alteridade – gêneros do discurso – interação – tema e  
significação**

#### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado, unidade da comunicação verbal (Os gêneros do discurso). *In*. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 289-326.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich (Do Círculo de Bakhtin). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. A construção do enunciado. *In: A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 266-305.

### Recomendação de leitura

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: o discurso na vida e o discurso na arte. *In: Espaços da linguagem na educação.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; 1999.

BRAIT, Beth.; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave.* 5ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 61-78.

CLARK, Katerina, HOLQUIST, Michael. O discurso na vida e na arte. *In: CLARK, Katerina, HOLQUIST, Michael. Mikhail Bakhtin.* Tradução J. Gainsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004, pp. 219-232.

SOUZA, Geraldo Tadeu de. **Introdução à teoria do enunciado concreto de Bakhtin/Voloshinov/Medvedev.** 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich (Do Círculo de Bakhtin). **O discurso na vida e o discurso na arte.** Tradução: Cristóvão Tezza e Carlos Alberto Faraco. (Texto para fins didáticos). s/d.





# ESTILO

Márcia Cristina Greco Ohuschi  
Márcia Adriana Dias Kraemer

Os estudos do Círculo de Bakhtin a respeito do discurso e a sua reflexão acerca da língua como atividade, não como sistema, apontam para três eixos: a questão da unicidade e da eventicidade do Ser; o tema da contraposição *eu/outro*; o componente axiológico intrínseco ao existir humano. Esses pilares são tratados pelos filósofos russos sob um prisma sociológico, de relações entre a linguagem e a sociedade, inseridas em um contexto histórico, cultural e ideológico. O prisma sociológico também é privilegiado em vertentes teóricas que aderem ao Materialismo Histórico e Dialético, como a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica, com fundamentos na Escola de Vigotski.

Nessa perspectiva, construído ao longo das obras do Círculo, o conceito de estilo agrega uma abordagem discursiva, distanciando-se da estilística tradicional, vinculada às correntes filosófico-linguísticas do *subjetivismo idealista* e do *objetivismo abstrato*, as quais entendem a língua como produto. Para a primeira, o centro organizador de todos os fatos linguísticos situa-se no ato de fala, marcado pelas leis do psiquismo individual; para a segunda, no sistema linguístico, nas formas fonéticas, gramaticais e lexicais.

Os pensadores do Círculo, contudo, compreendem o estilo configurado nos usos da língua, determinado pela situação social mais ampla e pelos sujeitos que participam das relações dialógicas

em dado campo da atividade humana. É, pois, elemento que também constitui a linguagem, responsável por conduzir a compreensão e a produção dos sentidos em um enunciado. O estilo é ainda definido como unidade instituída pelos artifícios usados para compor forma e acabamento ao sujeito e ao seu mundo, bem como pelos recursos determinados por esses procedimentos, a fim de elaborar, adaptar e superar um dado material, apresentando, em primeiro lugar, uma visão de mundo.

Na visão do Círculo, o estilo não considera apenas palavras, mas valores da vida, pois está impregnado de atitude avaliativa do autor, a entoação. Esse juízo de valor é o próprio enunciado, em seu todo, carregado de expressividade, em contato direto com a vida, a estabelecer interação entre os interlocutores, o que configura seu caráter social. Por isso, o estilo é definido como o conjunto dos processos de formação e acabamento do enunciado, tanto do homem, quanto do seu mundo. Nesse viés, a atitude avaliativa do interlocutor também é essencial e determinante no estilo de um enunciado, haja vista que é em função do outro que se estabelece o diálogo. Essa atitude avaliativa é determinada por um grupo social, uma vez que o estilo confere vida ao discurso, traz para si as indicações externas, correlaciona seus elementos próprios com os elementos do contexto alheio.

A relação entre estilo e gênero do discurso é indissolúvel, ocorre um vínculo entre ambos. Os gêneros, em todas as áreas do conhecimento humano, apresentam, em sua arquitetura, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Eles refletem as condições e as finalidades particulares de cada espaço discursivo, ao se fundirem no todo do enunciado. A escolha lexical contribui para a construção de sentidos do enunciado, ligada diretamente ao conteúdo temático ideologicamente conformado, ao contexto de produção (à finalidade discursiva, à ideologia, ao perfil do público-alvo a que se destina entre outros) e à construção composicional: os elementos semióticos, a categoria (modalidade) retórica, o *layout*, entre outros.

Ao transpor o estilo de um gênero para outro, ele não é apenas modificado, mas se desconstrói, renovando-se o próprio gênero (por exemplo, a adaptação de uma obra - parafraseada, estilizada ou parodiada -, por meio da relativa estabilidade de textos-enunciados verbais ou verbo-visuais que podem transitar de uma esfera de comunicação à outra; de um veículo de circulação a outro, de um gênero a outro). O estilo, portanto, é um elemento na unidade de gênero, implicando coerções linguístico-enunciativas e discursivas específicas da atividade em que se insere. Assim, a constituição da concepção dialógica de estilo, a partir de uma abordagem discursiva (uma análise que privilegia todos os seus aspectos), deve considerar o enunciado em sua dimensão holística, global, no jogo da interação comunicativa, na qual ele é somente um elo *inalienável*.

Por extrapolar critérios meramente linguísticos, já que as relações dialógicas concernem ao campo discursivo, o estilo é estudo inovador sobre formas de materialização do discurso de outrem, em oposição à maneira mecânica e redutora com que eram tratados os discursos direto, indireto e indireto livre. Nesse sentido, consideram-se duas categorias: a) estilo linear: quando a citação do discurso alheio cria contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, o que demonstra fraqueza do fator individual interno; b) estilo pictórico: quando a língua cria meios sutis e versáteis para permitir ao autor inserir suas réplicas e seus comentários – ou acentos de valor – no discurso do outro, o que tende a atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra.

Do mesmo modo, o Círculo distingue estilo individual e estilo do gênero. Todo enunciado é subjetivo e, por essa razão, pode refletir sua individualidade, porém, nem todos os gêneros são favoráveis ao reflexo das idiossincrasias. Verifica-se que, em poemas, romances, crônicas, artigos de opinião, o estilo individual está agregado ao próprio gênero, pois faz parte dos seus objetivos. Nesses casos, o autor possui certa liberdade para realizar suas escolhas e isso acarreta marcas próprias de seu estilo no enunciado.

Essa marca de individualidade não ocorre em outros gêneros, como os da esfera comercial (requerimento, ata, ofício), cujo estilo já é formalmente marcado, orientando o autor a fazer algumas escolhas pré-determinadas. Trata-se, portanto, do estilo do gênero, o qual tem peculiaridades linguístico-gramaticais e discursivas, de acordo com as especificidades dos variados campos de atividade humana. Um anúncio publicitário, por exemplo, para atingir seu objetivo de persuasão, tem como marca estilística o uso frequente de verbos no imperativo. Em um conto de fadas, para suggestionar e impactar imageticamente o leitor, há predominância do tempo verbal no pretérito imperfeito. Desse modo, pode haver certa regularidade no estilo dos gêneros, entretanto, como eles são *relativamente estáveis*, o vínculo entre estilo e gênero é complexo.

Em síntese, a concepção dialógica de estilo delinea-se pela expressividade do enunciador, em função de seu horizonte de expectativa intencional e responsivo. Constitui-se por meio de processos singulares de criação e de acabamento do enunciado, elaborados a partir do contexto situacional e marcados por recursos linguístico-enunciativos e discursivos. Assim, emerge a indissolubilidade em relação ao gênero, visto que o estilo é parte orgânica, *inalienável* do enunciado.



#### **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

**discurso de outrem – entonação – gênero do discurso**

## Referências

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987 [1970].
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1975].
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1997 [1927].
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p. 3-20.
- BAKHTIN, M. A tradição e o estilo. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p. 186-192.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979], p. 11-69.
- BAKHTIN, M. Diálogo I: A questão do discurso dialógico. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979], p. 113-124.
- BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 79-102.
- KRAEMER, M. A. D.; COSTA-HUBES, T. C.; LUNARDELLI, M. A Linguagem e sua Natureza Ideológica. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA, R. P.; COSTA-HUBES, T. C. **Estudos Dialógicos da Linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. São Paulo: Pontes Editores, 2020, v.1, p. 63-88.
- LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKI, L. S. *et al.* **Psicologia e Pedagogia I**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- MARX, K. **O Capital**: Livro I. Tradução Rubens Enderle. 2. ed. v. 1. São Paulo: Boitempo, 2011 [1867].

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2008 [1848].

OHUSCHI, M. C. G. **Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos “Poetas da escola” e “Se bem me lembro” da Olimpíada de Língua Portuguesa**. 2019. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral em Letras (Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. ver. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008 [2007].

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934].

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

### **Recomendação de leitura**

BAKHTIN, M. A tradição e o estilo. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p. 186-192.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979], p. 11-69.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 79-102.

FIORIN, J. L. Estilo. *In*: FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 50-56.

GOMES, S. N. S.; OHUSCHI, M. C. G. Conceitos axiológicos em recursos linguístico-enunciativos no gênero discursivo fábula. *In*: BELOTI, A.; POLATO, A. D. M.; BRITO, P. A. P. (Orgs.). **Dialogismo e ensino de línguas**: reflexos e refrações na práxis. 1 ed. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2021, v.1, p. 49-73. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/editora/obras-digitais/dialogismo-e-ensino-de-linguas-reflexos-e-refracoes-na-praxis>.

Acesso em: out. 2021.

KRAEMER, M. A. D.; PERFEITO, A. M. Discursos desvelados: estudo de movimentos dialógicos no conto contemporâneo.

**Bakhtiniana** - Revista de Estudos do Discurso, v.1, p.125-141, 2012.

SOBRAL, A. Autoria e estilo. *In*: SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 61-71.





# EXCEDENTE DE VISÃO

Juan dos Santos Silva

A partir dos postulados bakhtinianos (2015 [1952-53/1979]), é evidente que a mediação pela linguagem realizada pelos sujeitos realiza-se a partir do movimento exotópico, a capacidade do *eu* de se mover em direção ao *outro* e observar o mundo a partir de uma perspectiva alheia. Assim, é imaginável que, ao se propor a contemplar um *outro*, esse *eu* precise voltar a sua posição original no mundo. Ou seja, após contemplar o mundo pelo olhar do outro, é preciso voltar para si mesmo e para o seu próprio olhar. No entanto, é possível voltar igual dessa experiência?

Segundo Bakhtin (2015 [1952-53/1979]), não é possível escapar impune dessa experiência. Quando dois sujeitos se olham, dois mundos distintos se refletem nas pupilas um dos outros. Não acontece na interação a mera troca de mensagens linguísticas, mas o encontro de dois mundos diferentes cercados de ideologias próprias, distorções particulares de realidade e valoração específica sobre os elementos que compõem o mundo. A relação social se coloca como uma arena na qual se negocia diversas verdades e posições, e não como mero espaço neutro. Logo, quando esses sujeitos interagem entre si e compreendem as questões, dores e intenções do outro, voltam-se para si com essa experiência alheia e transformam isso em algo seu. O sujeito não volta para si sozinho, mas com um excedente, um excedente da visão alheia que ele

contemplou enquanto se permitiu sair um pouco de si para entender o mundo do outro. Esse material extra é levado para a própria consciência e o sujeito dá acabamento a ela por meio de sua própria perspectiva e singularidade no mundo. Assim, não há uma mera transferência de visões de mundo, pois essa visão do outro choca-se com a visão do *eu* e transforma-se em algo novo.

É exatamente esse conteúdo extralocalizado que se traz ao encontrar o outro no mundo discursivo que promove a interação entre sujeitos, mediada pela linguagem, e que faz os sujeitos serem quem são, uma vez que o *eu* sequer consegue contemplar o próprio corpo por inteiro e sua própria consciência pulsante dificulta a delimitação de seus limites. É o *outro* que, em coparticipação, auxilia esse *eu* no entendimento e na atribuição de sentido para tudo que se estende para além dele. É por esse paradigma que se torna possível construir inteligibilidade para o mundo social. Essa troca de excedentes cria uma relativa estabilidade das visões dos sujeitos sobre si mesmos e sobre os outros, estabelecendo coerência para o universo discursivo.

Além disso, o excedente de visão também tece relações importantes com a empatia. A partir da contemplação de performances discursivas alheias que demonstrem o sofrimento, o amor, a dor, a admiração e uma série de outros elementos, o excedente pode ajudar um *eu* a compreender esses sentimentos do *outro*, possibilitando, assim, gerar um quase espelhamento da sensação alheia. Na visão bakhtiniana, o excedente de visão é como um broto que, potencialmente, desabrocha como uma flor. Para o autor, a condição desse desabrochar é justamente que a situação do *eu* seja completada pelo horizonte alheio sem perder a sua originalidade. Ou seja, o *eu* que contempla o *outro* ao se deixar tentar compreender sua situação e imaginá-la, apoiado em sua própria visão de mundo, vivencia esse pleno desabrochar, já que se permite empaticamente compreender o que se passa com outro. Ao entender e dar acabamento à dor de outrem por meio da própria posição única no mundo, esse processo do excedente de visão se efetiva. É preciso, contudo, ter em mente que a categoria não é uma visão

romântica de intervenção a partir da empatia, mas de abertura para a compreensão da vivência/singularidade alheia.

A arte propõe incessantemente o exercício do excedente de visão ao lançar mão de mecanismos que permitem aos admiradores de determinada expressão artística contemplar sujeitos, discursos ou situações em que é possível vivenciar momentaneamente o universo a partir de uma personagem, por exemplo, e, ao final, voltar para si mesmo com um excedente. Enquanto esse excedente repousa como broto, o contemplador da arte pode se questionar sobre o que viu, pôr em jogo seus valores, refletir sobre a sua trajetória e construir outros sentidos para o mundo que o cerca. Nesses momentos, a flor dita por Bakhtin começa a ganhar forma e o sujeito já não pode ser o mesmo de outrora, o que revela seu constante inacabamento à medida que circula pelo mundo e lida com o outro. Ora, estando impossibilitado de não cruzar com outros no mundo social e de lidar com os consequentes excedentes dessa relação, o sujeito está condenado a, constantemente, colocar em risco sua posição no mundo e sua própria realidade, já que os recorrentes processos de troca entre sujeitos causam diversas mudanças e geram um contínuo desabrochar que o insere em um processo constante de inacabamento, conforme se depara com o novo/estranho no meio discursivo.

Ao longo dos ensaios presentes na Estética da criação verbal (2015), Bakhtin aborda outras categorias que dialogam com o conceito de excedente de visão, como a exotopia e alteridade já mencionadas aqui, mas também outras como o corpo (2010), o ato ético (2017) e a arquitetônica (2017). Esses elementos estão imbricados no seu projeto filosófico de linguagem que se ampara fundamentalmente na dependência do *outro* para a construção da arena discursiva. Em tempos de preocupação com as múltiplas identidades e formas de agrupamentos sociais que brotam na hipermodernidade em que vivemos, o estudo dessas categorias é um caminho primoroso para ampliar esses debates trazendo questões de linguagem para o centro das discussões.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**alteridade – compreensão – exotopia**

### Referências

BAKHTIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais – 7a edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015 [1952-53/1979].

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

### Recomendação de leitura

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Identidade e alteridade em Bakhtin. *In*: PAULA, L. STAFUZZA, G. **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

SILVA, J. dos S., & CASADO ALVES, M. da P. (2021). A identidade na vida e a identidade na arte: Um panorama identitário nas obras de Bakhtin. **Letras de Hoje**, 56(3), 497-511. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40852>

MIOTELLO, Valdemir. MOURA, Maria Isabel. Pensando questões sobre a alteridade e a identidade. *In*: **Palavras e contrapalavras**: circulando pensares do Círculo de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.



# EXOTOPIA

Juan dos Santos Silva

No conjunto de ensaios que compõem a obra “Estética da criação verbal” (2015 [1952-53/1979]), Bakhtin lança mão de diversas categorias que sistematizam não apenas as relações entre personagens e autor na obra literária, mas como essas categorias se originam de reflexões da vivência humana que são refratadas para o mundo da arte. Ou seja, mais do que relações entre personagens e autor, Bakhtin evidencia como essas conexões se espelham no mundo da vida e representam a dinâmica arquitetônica das afinidades entre linguagem, sujeito e mundo.

Nessa perspectiva, no ensaio “O autor e a personagem na atividade estética”, o autor apresenta, entre outros conceitos, a categoria da exotopia. Ora, se na concepção bakhtiniana as relações dos sujeitos com a linguagem se dão em uma perspectiva de alteridade, no vínculo do *eu* com os outros que o cercam. A exotopia nada mais é do que esse movimento de contemplação desse outro que se materializa alhures. O *eu* não consegue penetrar a existência alheia, mas consegue visualizar as linhas que estabelecem as fronteiras do outro, delimitar a partir de suas ações e gestos suas principais características e estabelecer um local singular e significativo desse outro no mundo discursivo. Essa contemplação ou olhar exotópico propicia a capacidade do eu construir acabamento acerca dos outros que o cercam, o que é fundamental

para uma compreensão do mundo em que se vive e dos sujeitos que nele habitam.

Portanto, essa capacidade de contemplar o outro e o movimento de vivenciar o mundo pela perspectiva dele corresponde à exotopia, caracterizada como o movimento de partir de um lugar singular (a minha própria consciência) em direção ao mundo do outro, o qual não consigo penetrar a consciência, mas consigo contemplar seu corpo por inteiro, observar os discursos que carrega e estabelecer valor em relação a ele (BAKHTIN, 2015[1952-53/1979]). Isso porque a consciência do outro não é penetrável no mundo da vida pela alteridade, mas isso é possível na literatura, em que a depender da forma de narração temos acesso à consciência das personagens, o que amplia ainda mais essa relação com o outro.

Logo, o movimento exotópico é a capacidade do eu de se mover em direção ao outro e observar o mundo a partir de uma perspectiva alheia. É importante frisar, ainda, que essa mobilidade compreende duas trajetórias essenciais: a de ida e a de volta. Afinal, o eu parte em direção ao outro, mas ele precisa retornar para si. Esse circuito exotópico efetiva a alteridade na medida em que o sujeito contempla o mundo pelo olhar do outro, apreende novos sentidos a partir disso e volta para si no final, momento em que sua própria consciência sofre alteração (BAKHTIN, 2015 [1952-53/1979]). Nessa volta, o sujeito não volta sozinho, mas com um excedente, com material decorrente dessa interação com o mundo fora de si. Bakhtin denomina esse material extra como excedente de visão, categoria que está fortemente relacionada com a exotopia e depende dela para se efetivar. Além disso, a própria noção de acabamento, corpo, identidade, alteridade, ato ético e arquitetônica se dão em torno dessa capacidade do eu reconhecer a si e a sua necessidade de um outro para construir os sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que os contempla. A exotopia torna possível a relação entre sujeitos por meio da linguagem e é passo fundamental para a instauração de uma lógica discursiva de viés dialógico, pautada na troca de material discursivo entre o *eu* e o *outro*.

Mais do que estabelecer fronteiras corporais, a exotopia também promove a capacidade de ver o mundo a partir do olhar do outro, uma tentativa de entender a realidade alheia a partir de uma visão que não pertence ao *eu*. Esse processo é muito comum na arte, quando o leitor empreende a atividade de ler sobre as vivências de uma determinada personagem ou a contempla nas telas do cinema. Ao vivenciar o mundo alheio o sujeito não se funde com o outro de forma indissociável, mas se coloca em uma posição exotópica que lhe permite observar e dar acabamento àquela situação, compreendendo a realidade do outro não de forma neutra, mas a partir das próprias concepções de mundo construídas até então, as quais, inclusive, podem se deparar nesse encontro com razões para manter sua sustentação ou iniciar um processo de corrosão. Aliás, nunca se sabe o que pode se encontrar ao se propor a encontrar o universo do outro.

É importante frisar que ao usar o termo “outro”, não necessariamente o autor se refere a sujeitos de carne e osso. Essa categoria é ampla e engloba tudo aquilo que não compõe propriamente o *eu*, inclusive as verdades que circulam o espaço discursivo, as quais ganham materialidade a partir de sujeitos, instituições e sistemas. Assim, a exotopia instaura um circuito de construção de sentido entre os sujeitos, já que o que o *eu* não é apenas o que ele imagina de si, mas também o que os outros constroem sobre ele e o que ele constrói sobre os outros. Essa junção de sentidos estabelece a relativa estabilidade do sujeito, em termos identitários, no contexto discursivo em que ele se situa. A partir dessa perspectiva de circuito exotópico, é possível enxergar essa categoria em uma dimensão de movimento e não como algo estático no mundo.

A temática da exotopia pode ser vista em outras obras de Bakhtin, como em “Para uma filosofia do ato responsável” (2017) e “O homem ao espelho” (2019). Nas duas obras, o teórico analisa a importância da alteridade para construir as ideias de imprescindibilidade do outro, a necessidade da ética responsiva nas relações de linguagem e construção identitária a partir do

movimento exotópico. Além disso, o fenômeno do movimento exotópico é fundamental para compreender o processo de construção identitária de personagens literárias, pois são as possibilidades de interação, de construção de si e de organização da heterogeneidade de vozes entre as personagens do romance que fizeram com que Bakhtin pensasse em categorias como cronotopo e polifonia. Assim, a exotopia também aparece, mesmo que implicitamente ou presumida, em suas grandes obras “Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (2010), em que é visível como o olhar exotópico sobre corpos grotescos revelam conflitos discursivos, e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2015), obra na qual a polifonia é abordada e fica nítido como essas vozes circulam pelo texto literário de forma igualitária graças às relações exotópicas que se dão entre personagens, autor e mundo extraliterário.



#### OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**alteridade – arquitetônica –excedente de visão**

#### Referências

BAKHTIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais** – 7a edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015 [1952-53/1979].

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

### **Recomendação de leitura**

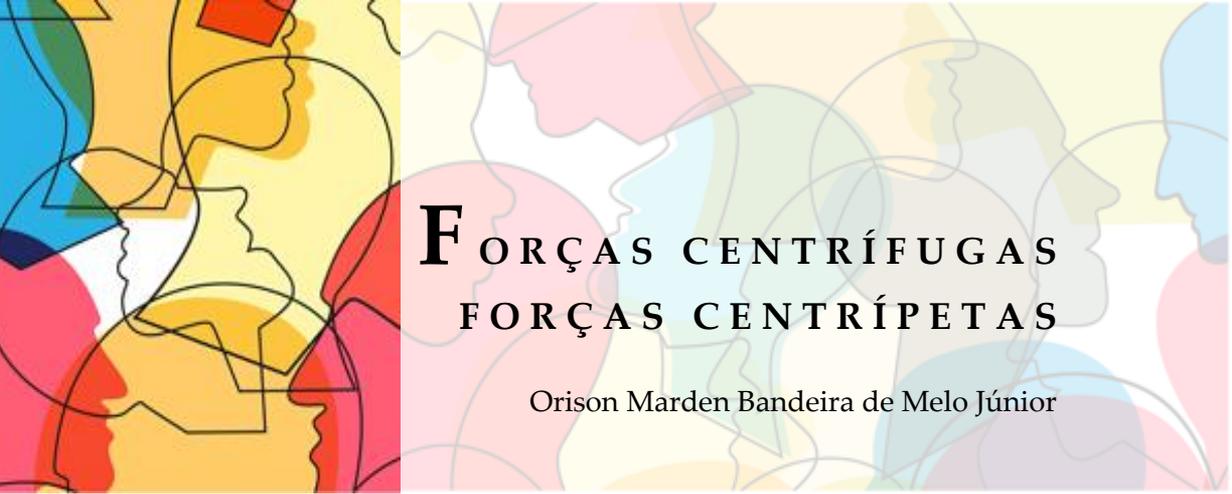
BUBNOVA, T. El principio ético como fundamento del dialogismo em Mijaíl Bajtín. *In: Escritos*, Revista del Centro de Ciencias del lenguaje. Número 15-16. Enero-diciembre, 1997.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Identidade e alteridade em Bakhtin. *In: PAULA, L. STAFUZZA, G. Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

SILVA, J. dos S., & CASADO ALVES, M. da P. (2021). A identidade na vida e a identidade na arte: Um panorama identitário nas obras de Bakhtin. *Letras de Hoje*, 56(3), 497-511. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40852>

MIOTELLO, Valdemir. MOURA, Maria Isabel. Pensando questões sobre a alteridade e a identidade. *In: Palavras e contrapalavras: circulando pensares do Círculo de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.





# FORÇAS CENTRÍFUGAS FORÇAS CENTRÍPETAS

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior

Para uma definição dos conceitos ‘força centrífuga’ e ‘força centrípeta’ dentro da obra de Bakhtin, é necessário contextualizar o seu aparecimento. Apesar de os conceitos estarem relacionados à funcionalidade da língua, eles não aparecem em ensaios em que Bakhtin discute língua/linguagem de forma específica. Esses conceitos são discutidos no ensaio “O discurso no romance”, que faz parte da coletânea *Questões de literatura e estética* (BAKHTIN, 2002) e que passou, posteriormente, a compor a coleção *Teoria do romance*, estando no seu primeiro volume, a saber, *Teoria do Romance I* (BAKHTIN, 2015).

O capítulo no qual esses conceitos são apresentados por Bakhtin intitula-se “A estilística atual e o romance”, o primeiro do ensaio. Nele, o autor russo contrasta a sua proposta de um romance pluriestilístico com a estilística tradicional, que, segundo ele, pensa o estilo a partir da linguagem do romancista ou do estilo de determinada unidade do romance e não da sua totalidade. A partir dessas considerações, Bakhtin (2015) propõe o *specificum* da prosa romanesca: a estratificação interna da língua, ou seja, a sua capacidade de, mesmo sendo una, ser plural. Nesse sentido, uma determinada língua, como a língua portuguesa, inglesa, espanhola etc., apesar de ser una, pois possui elementos que a tornam unificada

em termos de padrões do seu sistema linguístico, é, também, plural, devido às diversas linguagens que, mesmo ligadas a esse sistema, se descentralizam, trazendo os seus acentos, os seus maneirismos, as suas formas específicas de comunicação. Bakhtin (2015) dá exemplos dessas diferentes linguagens: linguagens dos gêneros, das gerações, das faixas etárias, das tendências e dos partidos, das autoridades, entre outras (p. 29-30). Vale pontuar que o autor russo não está no campo da dialetologia, mas no campo da compreensão da língua sociohistórica como ideologicamente saturada, como cosmovisão.

Para que a língua seja percebida como una e plural ao mesmo tempo, faz-se necessário o entendimento das forças de unificação e centralização (as forças centrípetas) e de separação e descentralização (forças centrífugas) que criam a vida da língua/linguagem. Usando conceitos da física e transpondo-os para o mundo verbal da vida e da arte, Bakhtin (2015) esclarece que a categoria de língua única é uma expressão das forças centrípetas, ou seja, forças de centralização da língua que buscam superar o heterodiscurso da vida. Por buscar uma centralização, essas forças impõem limites à pluralidade, estabelecendo, dessa forma, por meio de uma “língua única”, uma compreensão mútua entre falantes, autores, leitores. Vale destacar que, para o autor, os processos de centralização da língua não acontecem de forma arbitrária, mas numa relação com os processos de centralização política, social e cultural de determinado grupo social.

No entanto, como lembra o autor, a materialização das forças centrípetas em uma língua única convive no mesmo espaço socioideológico do heterodiscurso da vida. A língua só é única como sistema gramatical de normas linguísticas, distante da vida concreta da língua em uso (discurso) por seus falantes e em constante desenvolvimento sociohistórico. Nesse meio, atuam as forças centrífugas da língua, que provocam uma separação do sistema linguístico único e uma descentralização verboideológica, permitindo, dessa forma, o desenvolvimento de diferentes linguagens socioideológicas (heterodiscurso) num processo

dinâmico e vivo. Essas forças, definidas separadamente por questões didáticas, não atuam de forma isolada. Bakhtin (2015) explica que cada enunciado concreto de um sujeito do discurso é o resultado da aplicação dessas forças, pois comunga tanto com a “língua única” (forças centrípetas) quanto com o heterodiscurso social e histórico (forças centrífugas) da vida.

Vale pontuar, mais uma vez, o contexto em que o autor russo discute esses conceitos. Como já explicado, Bakhtin (2015) está discutindo o discurso no romance e, para fazê-lo, traz ponderações sobre a língua que o romancista usa. É nesse sentido que ele declara que o material e instrumento do prosador, ou seja, a língua, nunca é única. Diante desse fato, o romancista precisa organizar (orquestrar) o heterodiscurso social para que integre o plano único do romance, sendo sabedor de que cada linguagem do heterodiscurso não é apenas uma diferente forma de uso da “língua única”, mas pontos de vista específicos sobre a vida, sobre o mundo (representado e que representa).

A contextualização dos conceitos de forças centrípetas e forças centrífugas, ou seja, daquelas que criam a vida da língua/linguagem, também sinaliza o campo de atuação desses conceitos para que eles não sejam usados de forma indiscriminada, distantes da sua relação com o uso da língua/linguagem.



## **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

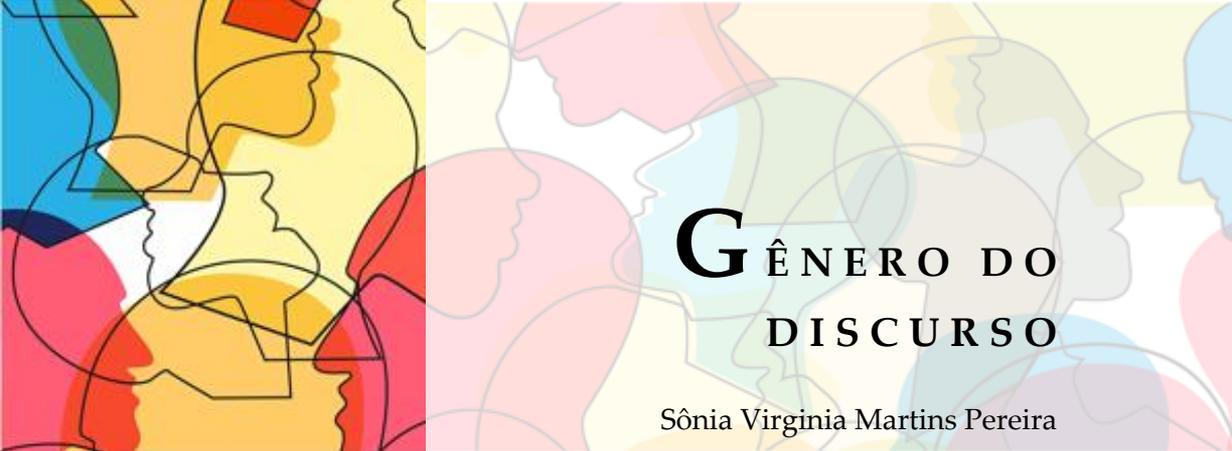
**enunciado – estilo – heteroglossia**

## Referências

- BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002. p. 71-210.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.19-241.

## Recomendação de leitura

- MELO, R. de. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. *In*: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (org). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. v. 1. p. 235-264.



# GÊNERO DO DISCURSO

Sônia Virginia Martins Pereira

Na rede conceitual dialógica, é uma noção que ultrapassa o aparato técnico da língua, o sistema abstrato, em razão da atividade da linguagem. É uma entidade da produção linguística que não subsume os fatos de linguagem numa etiqueta, uma vez que a construção de sentido não é um processo de etiquetagem e, sim, germinada nos modos particulares das relações sociais.

Noção depurada em diferentes estudos, por diferentes teóricos do Círculo, teve em Medviédev uma discussão consistente, em *O método formal dos estudos literários*, dos anos 1920, ao apontar que uma literatura pautada sob uma visão sociológica deve cravar-se nos gêneros, uma vez que são eles repositários e moldadores da experiência social para os indivíduos.

Volóchinov, interessado em pesquisas sobre poética sociológica, comunicação verbal e, particularmente, a natureza do enunciado, constrói seus estudos seminais de sua teoria do diálogo relacionando gêneros do discurso a diálogo e enunciado, numa formulação que insere estes dois últimos conceitos como elementos teóricos da interação verbal. Em seus estudos *A palavra na vida e a palavra na poesia*, 1926; *O freudismo*, 1927; *Marxismo e filosofia da linguagem*, 1929 e *A construção do enunciado*, 1930 sua abordagem sociológica da língua assume o diálogo, em todas as suas formas de comunicação verbal, como a realidade da língua.

Sua concepção de linguagem, orientada pela interação verbal como fator determinante na produção do enunciado, permite-lhe chegar à ideia de “gêneros da vida cotidiana” ou “gêneros verbais da vida”, que emergem da situação social estável da vida ordinária. A estabilidade da situação social possibilita que se estabilizem, igualmente, a comunicação verbal e a interação, assim como as formas das intervenções verbais, o que resulta em mudança das formas languageiras.

Ao refletir sobre os gêneros da vida cotidiana, Volóchinov os define por situações, estrutura, temas e enunciados clichês, relacionando sua concepção de gêneros ao dialogismo, o que ampliou a concepção de linguagem nos estudos linguísticos, em sua crítica, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, à ineficácia do objetivismo abstrato de uma linguística estrutural que se firmava.

Como Medviédev e Volóchinov não sistematizaram uma teoria de gênero, Bakhtin ampliou e refinou o conceito nos seus trabalhos dos anos 1960, em seu espectro de fenômeno que extrapola a esfera literária, tomando-o como potencial, em termos de significado; razão porque os estudos dialógicos dispõem de uma solução bastante proveitosa para as questões da significação.

No ensaio os Gêneros do discurso, da coletânea *Estética da criação verbal*, dos anos 1950, Bakhtin sustenta que todo fenômeno novo, quer fonético, lexical ou gramatical, só entra no sistema de linguagem se tiver percorrido o árduo e longo caminho da transformação genérica, visto que o gênero registra as mais ínfimas mudanças nas práticas e valores sociais. Vê-se, pois, desse modo, a vinculação entre os processos históricos e as formas linguísticas, uma vez que os gêneros são depositários das experiências socioculturais. À medida que as esferas de atividades sociais são ampliadas e se tornam mais complexas, os gêneros diferenciam-se e, também, ampliam o seu repertório em cada cultura.

Ainda no ensaio *Os gêneros do discurso*, ao caracterizar a oração como unidade da língua e o enunciado como unidade real da comunicação verbal, Bakhtin ([1952-1953]2016) distingue esses

fenômenos lhes reservando, respectivamente, o eixo vertical (sistema da língua) e o eixo horizontal (enunciado), no estudo das réplicas do diálogo, a forma clássica da interação verbal; é a alternância dos sujeitos falantes que traça fronteiras estritas entre os enunciados, nas esferas da atividade humana. As relações horizontais comportam a natureza dialógica dos gêneros; ou seja, a responsividade genérica, os modos como os gêneros são constituídos em réplica a outros numa esfera de comunicação.

Em certa medida, na partição que o teórico russo empreende entre gêneros primários e secundários, estes envolvem as relações verticais da linguagem. Os primários nascem da comunicação verbal não mediada, o que implica dizer “que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (p. 15) e, ao serem incorporados a gêneros complexos (secundários), “nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (idem). Os secundários se tornam mais complexos, no processo de sua constituição, ao absorverem e transmutarem diversificados gêneros primários.

Esses processos em que gêneros secundários exaurem gêneros primários (assim como secundários), possibilitam o entendimento de como gêneros literários e não literários se relacionam na formação e transformação de práticas sociais. Isto sugere que os gêneros literários (secundários) não são puros, são contaminados por outros gêneros, inclusive, do cotidiano. Na visão de Bakhtin, o romance é prototípico dessa heteroglossia de gêneros, uma vez que nele são reassimiladas diversas realidades de gêneros para a construção de uma outra realidade. Em outras palavras, gêneros secundários, como o romance, têm o potencial de desfigurar as realidades representadas pelos gêneros que incorporam.

Visto, assim, como um modo particular de encarar uma dada parte da realidade, o gênero do discurso abriga a heterogeneidade, não podendo ser entendido como um simples sistema de regras. Ao tomarmos uma cultura como um vasto e diversificado quadro de

atividades praticadas por distintos segmentos sociais em circunstâncias variadas, cada cultura abriga um número significativo de gêneros, que se constituem parte indispensável de sua memória. Esta memória atravessa as relações intersubjetivas, visto que os gêneros, recorrentemente, emergem de gêneros anteriores e podem dispor de potencial para atualizar seu uso passado, redefinindo uma experiência presente sob outra perspectiva. Certos gêneros, seriam, assim, bivocalizados, reacentuando antigos contextos e abrindo a possibilidades para novos.

O conceito de gênero do discurso, no pensamento bakhtiniano, oferece, de modo sistemático, a noção de memória, ao tomar o gênero como entidade que vive o presente sempre recordando seu passado, seu começo. Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, [1929], o considera representante da memória criativa no processo de criação literária, o que lhe possibilita assegurar a unidade e a continuidade do desenvolvimento literário.

A concepção de memória do gênero foi desenvolvida por Bakhtin ao longo de décadas, especialmente, ao se dedicar ao estudo da obra de Dostoiévski, autor que percebeu o potencial das formas carnavalescas na literatura ocidental e construiu um percurso de desenvolvimento desse potencial, intercalando a tradição da literatura carnavalesca com uma formulação conceitual inovadora, a polifonia. Ainda imergindo na obra dostoiévskiana, em relação ao tratamento dado ao gênero menipeia, Bakhtin assegura que a memória subjetiva de Dostoiévski não foi a responsável pela conservação das particularidades da menipeia antiga e, sim, a memória objetiva do próprio gênero.

A ideia de gênero como portador de memória coletiva, portanto, aclara a percepção de que ele transita entre convenção e renovação; pontos fixos e pontos de fuga; forças centrípetas e centrífugas da linguagem. Ou, com sustentação em metáforas bakhtinianas para a descrição da origem e natureza dos gêneros, estes são eventos cristalizados, congelados, em que suas formas são conteúdo familiar, estereotipado e não apenas regularidades linguísticas. São resquícios

de ações e comportamentos passados modeladores de ações futuras; uma já conhecida visão de mundo que serve a novos propósitos. Assim, Bakhtin identifica o gênero como objeto de memória, um dos aspectos que o torna meio importante de historicidade, uma vez que ele se desenvolve em contextos situados e rememora esses contextos sociais nos quais foi estabelecido.

Embora se caracterize como ambiente impulsionador de práticas sociais futuras mobilizando comportamentos passados, um gênero não se define pela repetição de padrões repetíveis, pois é um enunciado concreto, sendo, desse modo, da ordem do singular, irrepetível, considerando que, para Bakhtin, o discurso assume a condição de enunciado. Na atividade verbal, a existência dos gêneros do discurso, os tipos relativamente estáveis de enunciado, é imprescindível como embrião para as trocas linguageiras particulares, uma vez que a comunicação se tornaria inviável se não houvesse o domínio de certas premissas comunicativas, que são adquiridas com o aprendizado dos gêneros do discurso simultaneamente à aquisição de uma primeira língua.

Efetivamente, os indivíduos se apossam de formas comuns, mas estas são transmitidas na concretude das relações, nas quais entram em jogo matizes sociais, psicológicas, afetivas por meio das quais se esboçam os sujeitos sociais. A normatividade do gênero/enunciado é visível nas combinações reiteradas do enunciado, enquanto a criatividade advém da livre concepção de um projeto discursivo individual. A regulação das formas constitui o quadro que possibilita a materialização e a multiplicidade de trocas constitutivas das atividades sociais; em consequência, o falante de uma língua precisa atentar para a relação entre as práticas de linguagem e as esferas em que se exercem as atividades para se adequar minimamente a elas. É tal percepção que lhe confere a apropriação dos gêneros e a possibilidade de sua subversão.

A visão da linguagem compartilhada por teóricos do Círculo é dialógica, fundada nas trocas interacionais, nas situações concretas das relações sociais e o estudo teórico dos gêneros do discurso

desenvolvido pelo pensamento bakhtiniano é uma ruptura com visões reducionistas pelas quais a linguística limitava seu campo à dimensão de dados observáveis. Da produção teórica sob viés dos estudos dialógicos, a noção de gêneros ilustra os itinerários transformadores desses estudos, que deslocam o foco da atividade individual em direção ao outro e ampliam as perspectivas para a análise do encadramento entre a atividade de linguagem e historicidade.



### OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**cronotopo – enunciado – interação – memória**

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVEDEV, P. Cercle de Bakhtine. **La methode formelle en littérature**: introduction à une poétique sociologique. Édition critique et traduction de Bénédicte Vauthier et Roger Comtet.

Posface de Youri Medvedev. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008. p.273-292.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

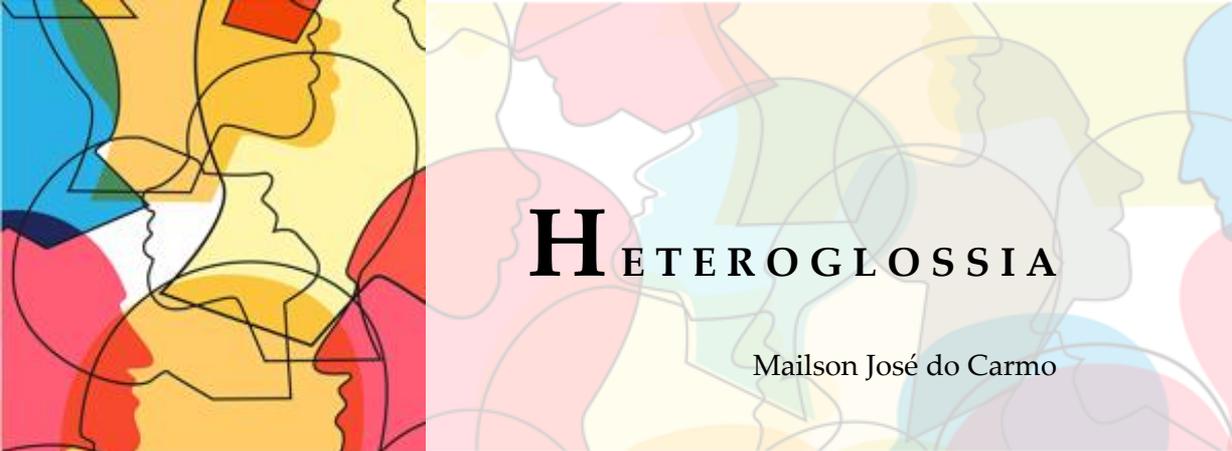
VOLÓCHINOV, Valentin. (Do Círculo). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wandeley Geraldí. São Carlos: Pedro & João, 2013.

### **Recomendação de leitura**

BRAIT, Beth. e PISTORI, Maria Helena. (Orgs.) A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 371-401, 2012.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. Teoria dos gêneros. In: MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de P. Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008. p.287- 322.





# HETEROGLOSSIA

Mailson José do Carmo

Em diálogo constante com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo presente na tessitura da rede de conceitos que formam a sua filosofia, Heteroglossia, também conhecido como Plurilinguismo e, mais recentemente, Heterodiscurso, enquadra-se nessa trama como sendo o uso simultâneo de diferentes tipos de linguagens sociais (discursos) inseridos dentro de uma mesma língua e a tensão entre eles e sua relação dentro de um texto. Nesse sentido, o termo Heteroglossia foi cunhado a partir de dois radicais gregos, cujo significado é “outro” + “discurso”.

A presença daquilo que podemos nomear de Heteroglossia marca a criação estética e filosófica Bakhtiniana desde o começo dos anos 1930, quando ele inicia o projeto daquela obra que viria a ser chamada de *Teoria do Romance*, produção na qual, ao discutir acerca dos diversos discursos que compunham o romance em si, o autor lançou mão do termo *raznorétchie*. Em termos de possíveis embates e questões relacionadas à tradução mais adequada para a palavra, nota-se que, na tradução brasileira dos escritos dos originais do russo lançada em 1988, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, a palavra *raznorétchie* fora traduzida inicialmente como Plurilinguismo e consagrou-se como Heteroglossia nos campos estudos Bakhtinianos e do Círculo no país.

As notas da tradutora da primeira edição brasileira revelam que o termo russo *rasnoriétchie* (discurso[s] diferente[s]) e sua forma abstrata *rasnoriétchívoost*, usados pelo autor na obra original, foram traduzidos respectivamente por Pluridiscurso e pluridiscursividade. Em linhas gerais, seria este o sentido almejado por Bakhtin quanto ao uso do termo, ou seja “... quando ele quer significar o conjunto de linguagens diferentes que compõem o discurso do prosador.” (BERNARDI, 1988, p.107). Em contrapartida, no exercício de tradução dos escritos de Bakhtin, em *Teoria do romance I. A estilística*, diretamente do russo, Bezerra (2015) advoga que as traduções anteriores (Plurilinguismo e Heteroglossia) para o termo *raznorétchie* acarretariam interpretações ambíguas e pouco correlacionadas com o sentido original da palavra em Russo.

Em sua perspectiva, a tradução mais próxima do sentido original presente em *raznorétchie* seria diversidade de discursos ou Heterodiscurso, sendo o último o escolhido pelo tradutor para usar na nova tradução brasileira da Editora 34. Dessa maneira, ele explica que, apesar da escolha anterior (Plurilinguismo) ser mais palatável ao público brasileiro, ao examinar a raiz do termo em russo, pode-se perceber que a palavra em questão é formada por dois radicais (1) *ráznie* (diferente, diverso, outro) e (2) *riétchi* (discursos, falas).

O tradutor argumenta que no termo Heteroglossia não teria nada que remetesse o leitor brasileiro à palavra “discurso”, que, de acordo com ele, seria o fio condutor de toda a reflexão desenvolvida por Bakhtin ao redor da palavra *raznorétchie*. Ao refletir sobre o conceito de Heterodiscurso e das concepções de Bakhtin, Bezerra (2015) lança luz ao fato de que “o conceito está ligado à concepção bakhtiniana de mundo como acontecimento, de realidade como processo em formação, como o ser constituindo-se pelo discurso” (p.12).

A partir da visada empreendida por Bezerra (2015) a respeito das concepções de Bakhtin sobre Heterodiscurso, percebe-se que, para o teórico russo, o Heterodiscurso se daria em consequência da decomposição interna de uma língua nacional única, como resultado das forças centrífugas que atuam na língua, em dialetos sociais,

falares de grupos, jargões profissionais e cobre toda a diversidade de vozes e discursos presentes na vida social, entrando em divergência e contrapondo-se aqui e ali para combinar-se logo adiante, estabelecendo relativizações uns com os outros e estando cada um em busca de seu espaço de realização.

A consequência para tal perspectiva seria um mundo habitado por um heterodiscurso advindo dos grupos ao longo do tempo, das inclinações e dos partidos, das autoridades, dos círculos e modas passageiras, dentre outros. Em síntese, esse mundo seria heterodiscursivamente constituído por toda sorte de experiências humanas individuais e sociais e da vida das ideias. Deste modo, habitaríamos em um universo cujas características seriam a diversidade de linguagem e vozes sociais, que trazem consigo uma visão específica e individual de/sobre os modos de compreender esse mundo de forma verbalizada, ao passo que trazem horizontes semânticos e axiológicos (BEZERRA, 2015).

Ao refletir e teorizar sobre a visão adotada por Bakhtin sobre o tema, Faraco (2009) argumenta que, para Bakhtin, a Heteroglossia como a conhecemos seria menos importante enquanto conceito e mais relevante no seu fazer para a dialogização das vozes sociais. Em outras palavras, para o autor, o mais relevante acerca da Heteroglossia seria a ação que ela acarreta através do encontro sociocultural entre os diferentes tipos de linguagens (discursos) e as dinâmicas que são construídas através desse encontro. A partir desse encontro sociocultural oportunizado pelas diversidades de fala e discurso, presente na perspectiva Bakhtiniana acerca das relações que se estabelecem no mundo da vida vivida, essas múltiplas vozes “...vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante” (FARACO, 2009, p.58).

Em ato final, porém não limitante, podemos nos arvorar em dizer que os pressupostos de Bakhtin sobre Heteroglossia (1988 – 2015) se afastam das perspectivas que se arregimentam a favor da

monologicidade dos discursos, da voz única e do silenciamento de pensamentos diversos, ao passo que o pensamento Bakhtiniano, presente em toda rede conceitual desenvolvida por ele e o Círculo, busca morada e abrigo nas filosofias que pensam os discursos e as próprias relações sociais a partir de atos e discursos que perpassam a dialogicidade constitutiva das relações humanas, inseridas nas teias das responsabilidades, do *eu* para com o *outro* e vice-versa.



### OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

alteridade – diálogo – dialogismo - interação

### Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I. A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BEZERRA, P. Prefácio. *In. Teoria do romance I. A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. *In. Teoria do romance I. A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p.243-249.

FARACO, C. A. Heteroglossia dialogizada. *In. FARACO, C. A. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 58-71.

IVANOV, V. Heteroglossia. In DURANTI, A (org.). **Key Terms in Language and Culture**. Oxford and Malden: MA Blackwell Publisher, 2001, p.100-102.

### **Recomendação de leitura**

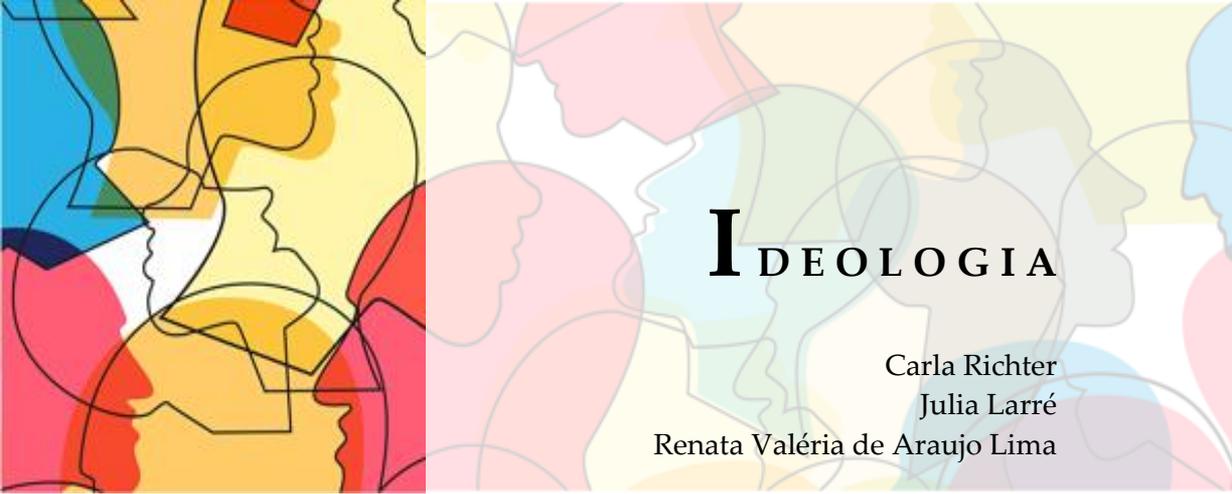
BEZERRA, P. Prefácio. In. **Teoria do romance I. A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

DO ESPÍRITO SANTO, D. O. Translinguismos e a visão heteroglossia de linguagem em práticas comunicativas no Facebook. **Tabuleiro de Letras**, v. 14, n. 1, p. 91-106, 2020.

IVANOV, V. Heteroglossia. In DURANTI, A (org.). **Key Terms in Language and Culture**. Oxford and Malden: MA Blackwell Publisher, 2001, p.100-102.

GOMES, M. F. **As vozes em "Emissários do Diabo" de Gilvan Lemos**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciência da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, 2017.





# I DEOLOGIA

Carla Richter  
Julia Larré  
Renata Valéria de Araujo Lima

A palavra **ideologia** suscita diversas acepções, tanto nas diferentes abordagens teórico-metodológicas em que pode se situar quanto em usos coloquiais, cotidianos e não acadêmicos. **Ideologia** entendida como uma distorção da realidade objetiva é, por exemplo, uma das ocorrências mais comuns em contextos relacionados a embates políticos ambivalentes. Contudo, as significações adotadas por Volóchinov, Medviédev e Bakhtin, pensadores que compuseram o Círculo de Bakhtin, embora se afastem diametralmente do entendimento de ideologia como sendo essa “falsa consciência” ou “mascaramento do real”, apresentam consideráveis divergências entre si.

Para Medviédev, a ideologia (ou ideologias) é determinada pela base econômica e representa a consciência social e, conseqüentemente, individual. Isto se dá pela interação por meio da enunciação, que acontece, na prática, pelo uso dos gêneros de cada esfera ideológica. Nesses enunciados concretos, a realidade é refletida e refratada. A ideologia tem, portanto, existência material, no enunciado concreto, que é reflexo das avaliações sociais que se estabelecem na enunciação.

Assim, Medviédev e Volóchinov se alinham no que se refere ao entendimento do que é a ideologia, já que ambos postulam que ela não é algo imaterial, metafísico ou subjetivo, mas, sim, material,

concreto e está presente nas interações sociais. Para Volóchinov (2017), portanto, é também nos signos que as ideologias se materializam. Sendo assim, a palavra é essencialmente ideológica, já que reflete e refrata a realidade objetiva e, conseqüentemente, contradições e juízos de valor, logo, não pode ser neutra.

Em relação a Bakhtin, embora ele não tenha se debruçado especificamente sobre o conceito de ideologia, algumas categorias centrais de sua produção teórica, tais como *dialogismo*, *gêneros* e *enunciado*, dialogam e comungam com o que fora desenvolvido por Medviédev e Volóchinov (COSTA, 2017).

Entende-se, portanto, que, a despeito do que revelam as visões de Volóchinov e de Medviédev sobre ideologia em sua proximidade à visão marxista, em detrimento daquilo que se observa nos escritos atribuídos a Bakhtin, os membros do Círculo de Bakhtin, de acordo com Alpátov (2003), constroem uma concepção própria, pois consideram o marxismo, mas não se identificam por completo, antes, dialogam com ele.

Assim, com base no entendimento comum entre esses três principais pensadores do Círculo de Bakhtin, entende-se que a ideologia determina a significação dos enunciados concretos e é determinada pelas interações entre os sujeitos sociais, ou seja, resulta das avaliações sociais, de modo que podemos entender este conceito como sinônimo de axiologia (FARACO, [2009] 2017, p. 47).

Como entende Faraco ([2009] 2017), **ideologia**, para o Círculo de Bakhtin, é relativa ao universo que engloba as superestruturas: arte, filosofia, direito, religião, ciência, política etc. É diferente, portanto, de uma concepção de **ideologia** como mascaramento do real ou falsa consciência. Sobre este ponto, Faraco ([2009] 2017) e Ponzio (2008) concordam que há a presença da ideologia e da valoração na constituição dos sentidos dos enunciados: “[...] no signo ideológico está sempre presente uma ‘acentuação valorativa’, que faz com que o mesmo não seja simplesmente expressão de uma ‘ideia’, mas a expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta” (PONZIO, 2008, p. 112-115).

Pelo fato de ser axiológico e ter uma dimensão avaliativa, não existe enunciado que não seja ideológico, pois acontece em uma das esferas da ideologia e expressa posições avaliativas. Assim, conforme nos explica Lima (2019), “desarticula-se a ideia da neutralidade do enunciado, já que a tentativa de instaurar um discurso neutro é também uma posição avaliativa que serve às classes dominantes, com o objetivo de assegurar um sentido específico e determinado às palavras” (p. 45).

Se cada enunciado materializa uma posição social, um juízo de valor, utilizar-se de um enunciado é posicionar-se frente a vários outros com os quais ele dialoga. Dessa forma, quando, por exemplo, para um mesmo enunciado, concorrem sentidos aparentemente opostos, a escolha por um desses lados representa também uma recusa ao outro e, ainda que ocupem polos sógnicos contrários, constroem-se mutuamente por meio de relações dialógicas de sentido que, sócio-historicamente, os aproximam.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**enunciado – interação – signo**

### Referências

COSTA, Luiz Rosalvo. **A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin:** e os embates no discurso de divulgação científica da revista *Ciência Hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo:** as ideias do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2017.

LIMA, Renata Valéria de Araújo. **Ideologia, acento apreciativo, tema e significação no discurso político-midiático.** 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p.

MIOTELLO, Valdemir. **Ideologia**. In: BRAIT, Beth. (org). Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

### **Recomendação de leitura**

ALPATOV, Vladimir. **La linguistique marxiste en URSS dans les années 1920-1930**. In: Cahiers de l'ILSL, Lausanne, nº 14, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.



# INTERAÇÃO

Pedro Farias Francelino  
Isabel Marinho da Costa

O termo *interação*, no âmbito dos estudos da linguagem, pode ser encontrado em investigações de diferentes perspectivas teórico-metodológicas, tais como Funcionalismo Linguístico, Linguística Textual, Análises do Discurso, Análise da Conversação, Pragmática, para citar algumas. Em virtude das diferentes abordagens a partir das quais pode ser tratado, esse conceito não goza de uma uniformidade teórica e é preciso situar o lugar epistemológico de onde se fala, delimitando a natureza e a funcionalidade dessa noção.

Nos escritos do chamado Círculo de Bakhtin – ou, ainda, na seara de estudos discursivos conhecida no Brasil sob a designação de Análise Dialógica do Discurso – a ideia de interação é desenvolvida de forma mais ostensiva e com maior profundidade a partir dos textos assinados por Valentin Volóchinov. Não que o próprio Bakhtin não tenha contemplado essa discussão, mas o fato é que a interação é tema recorrente no pensamento de Volóchinov e, nesse sentido, tomamos as ideias desse autor como norte para a apresentação do conceito e, conseqüentemente, como forma de recorte teórico e metodológico para alcançar o objetivo deste enunciado (verbete).

Em “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” (2017, [1929], doravante MFL), Volóchinov dedica um capítulo

exclusivamente à abordagem da interação discursiva (em algumas traduções, o termo é interação verbal). Este capítulo situa-se na segunda parte, das três que compõem a obra, em que o autor discorre sobre noções fundantes como língua, linguagem, enunciado/enunciação, tema, significação etc. Nesse contexto, Volóchinov põe como questão central a discussão sobre o verdadeiro centro da realidade linguística: o ato discursivo individual ou o sistema da língua. É desse debate que se chega à concepção de interação discursiva como uma noção nuclear para o conjunto das ideias formuladas na obra acerca da proposição de um método sociológico no estudo da linguagem.

Volóchinov define interação discursiva como a realidade fundamental da língua, em oposição à concepção de língua proposta por dois grandes paradigmas filosófico-linguísticos predominantes na época: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista. Essa discussão integra os capítulos que compõem a segunda parte da obra MFL, em que Volóchinov discorre sobre enunciado/enunciação a partir da problematização sobre a natureza da linguagem/língua, postulada de modo antagônico por essas tendências: de um lado, o objetivismo abstrato, cujos pensadores – tendo como expoente o linguista Ferdinand de Saussure – concebiam a língua como um sistema de formas normativas idênticas a si mesmas e objetiva; de outro, o subjetivismo individualista, que concebia a língua como uma sistema de normas e como ponto de vista da consciência do falante, sendo Wilhelm von Humboldt a figura fundadora e representante dessa corrente de pensamento. Em outras palavras, a língua ou era compreendida como um sistema de formas abstratas, estáticas, rígidas, imutáveis ou, de outro modo, como ato discursivo individual e criativo, uma enunciação monológica, proveniente da consciência do sujeito, de forma análoga ao que ocorre com o ato de criação artística.

A interação discursiva, no entanto, constitui o modo de existência e funcionamento da comunicação verbal, como instância de interlocução entre falantes situados sócio-historicamente. É o

espaço, por excelência, de tensão entre pontos de vista diferentes, advindos dos diferentes posicionamentos axiológicos assumidos pelos sujeitos em suas práticas de interação socioverbal. É importante destacar que a interação é um conceito amplo e complexo, que abarca desde uma situação cotidiana de comunicação face a face até o diálogo entre obras no tempo-espaço.

Sobral (2009), ao tratar do tema, apresenta quatro níveis ou estágios da interação: (i) o que diz respeito ao caráter do aqui e agora dos interlocutores no contexto interativo, ou seja, os aspectos físicos (ambiente, formas de mediação da interação etc.); (ii) o que concerne ao nível do contexto imediato, correspondendo a um nível mais amplo e mais abstrato, relacionado aos papéis sociais dos interlocutores, a posição de cada um em relação ao outro, a imagem que cada um tem de si e do outro etc.; (iii) o contexto referente às esferas de atividade humana de uso da linguagem, isto é, às vicissitudes do lugar social e institucional que os sujeitos ocupam nas interações (escola, família, igreja, o grupo de amigos etc.); (iv) o horizonte social e histórico, que abrange uma dimensão mais ampla, como a cultura, a história, as relações entre gerações de pessoas e tradições culturais de diferentes épocas. Como se vê, a interação discursiva, na proposta do Círculo de Bakhtin (e aqui, mais particularmente, de Volóchinov), assume uma proporção bastante complexa e ampla, que vai de uma simples conversa até um diálogo entre culturas diferentes.

Por fim, em ensaio publicado em 1930 [2019], intitulado “Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado” (cf. tradução de Grilo e Vólkova, 2019), Volóchinov retoma o tema da interação já explorado no texto de 1929 (cf. MFL, 1929 [2017]), situando a interação discursiva no espectro mais amplo da comunicação social, para afirmar que a língua é uma atividade humana viva, dinâmica, que se movimenta de modo ininterrupto no fluxo da vida social. E é nesse movimento da comunicação discursiva que os diferentes tipos de enunciados são produzidos, em outras palavras, conforme Volóchinov (2019), o fundamento da

língua é a interação social discursiva e ela é manifestada por meio de enunciados concretos.

Se não se estabelecer essa relação entre a comunicação e a interação discursivas, o estudo do enunciado se torna infrutífero e improdutivo, uma vez que até mesmo as formas gramaticais da língua e o estilo do enunciado decorrem dessa articulação necessária.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**diálogo – enunciado – objetivismo abstrato**

### Referências

- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- VOLOCHÍNOV, Valentin. A interação discursiva. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p. 201-226.
- VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia** – ensaios, artigos, resenhas e poemas. 1. ed. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930], p. 266-305.

## Recomendação de leitura

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Geraldo Tadeu de. **Introdução à teoria do enunciado concreto de Bakhtin/Voloshinov/Medvedev**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.





# M E M Ó R I A

Gilson Costa da Silva

Refletindo sobre as dimensões do eu-outro, Bakhtin (2000) aponta que o humano, entendido na dimensão do sujeito político e ético, possui uma necessidade estética absoluta do outro, naquilo que tange ao olhar e o olhar da sua memória, “memória que *junta e o unifica* e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. “*Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse*” (BAKHTIN, 2000, pág. 56, grifos nossos).

A memória, independentemente da sua forma material, seria aquilo que permite aos sujeitos identificarem a sua existência em relação ao outro. Atravessada por múltiplas funções e aspectos e em seu sentido mais amplo, quando pensada exclusivamente dentro do escopo teórico do Círculo, indissociável das categorias de *ideologia, signo ideológico, enunciado concreto, sujeito, dialogismo e polifonia* porque as delimita em termos de funcionamento, essa noção oferece a compressão de que vincula-se a diferenciações espaço-temporais verticalizadas que demarcam as possibilidades de existência do discurso em relação com cada *comunidade* possível a partir das relações que se estabelecem pelo atravessamento do eu-outro. Assim, a memória é o que possibilita ao discurso estabelecer ligação entre seus elementos, os atravessa e os faz repetir, inclusive pelo apagamento-silenciamento dessas ligações e relações.

A memória, enquanto engrenagem, funciona como o que estabelece o atravessamento ideológico e o caráter responsivo de todo *ato ético*, isto é, como trabalho-movimento que permite aos *sujeitos* se identificarem com determinados discursos e não com outros.

Olhando para suas especificidades como categoria, podemos observar que trabalha ao mesmo tempo sobre duas acepções, sendo a primeira a *memória do passado*, que corresponde ao universo compartilhado que compõe o que podemos hoje definir por *arquivo* percebido pela experiência material entendida como *práxis* e incluindo registros e trabalhos de recuperação (a massa dos textos apreensíveis); e a segunda, *memória do futuro*, que corresponde ao caráter de incompletude de todo *sujeito* (o eu-si, o outro e os jogos de *projeção*) em relação a uma atualidade; vincula-se à noção implícita de *grande tempo/grande temporalidade*, espaço semiótico das culturas, pensado em sua dimensão ética e da responsabilidade que estabelece o movimento de transmissão/mudança de *sentidos* dos dizeres e produções de linguagem, demarcando uma condição ontológica e concreta do discurso.

Pensando a produtividade da categoria e refletindo sobre discussões possíveis do Círculo e outras perspectivas teóricas, mas sempre reservando suas diferenças, podemos observar que, compondo a noção de *arquivo*, isto é, um recorte de memória, essa noção pode ser pensada em diferentes configurações, a saber:

Por um lado, uma primeira configuração poderia levar em consideração um sentido técnico e mecânico isto é, no nível do apreensível, de onde se depreendem movimentos sobre memória institucional-espacial, histórica, mecânica, tecnológica-virtual, *indiferente* (AMORIM, 2012) e mesmo de movimento teórico e metodológico, como quando pensamos em teorias que podem manter aproximações.

Por outro lado, em paralelo, poderíamos considerar uma configuração acerca de suas dimensões intersubjetivas, afetivas e não-indiferentes, seja pelo trabalho sobre o *corpo* em suas várias acepções, do DNA aos comportamentos e atos humanos, seja na

constituição das possibilidades de entendimento da categoria de *sujeito* (é possível pensar um sujeito sem memória?), como podemos compreender na Psicanálise ou na sua crítica, bem como em estudos sobre subjetividade em sentido amplo. Possui, assim, tanto dimensões sociais/coletivas como individuais/subjetivas/ intersubjetivas.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**enunciado – ideologia – polifonia**

### Referências

AMORIM, Marília. Linguagem e memória como forma de poder e resistência. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 19-37, Jul./Dez. 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/11738>. Acesso 8 julho. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 399-414.

BAKHTIN, Mikhail. A forma espacial do herói. In. \_\_\_\_\_ **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000. Pág. 56.

BRAIT, Bethh. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais). In: **Guia bibliográfico da FFLCH** [S.l: s.n.], 2016. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002783877>. Acesso 09 julho. 2021.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande Tempo”? **Bakhtiniana**, São Paulo, 10 (2): 5-16, Maio/Ago. 2015. Disponível em

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23260>.  
Acesso 09 julho. 2021.

### **Recomendação de leitura**

AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. In. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 23-220.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2002.

BUBNOVA, Tatiana. Coda: fundamenta degli incurabili (sobre o "Grande Tempo"). In. BUBNOVA, Tatiana. **Do corpo à palavra**: leituras bakhtinianas. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 235-252.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Bata Naves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MACHADO, Irene. Forma espacial da personagem como acontecimento estético cronotopicamente configurado. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 79-105, agos. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=>

sci\_arttext&pid=S217645732017000200079&lng=en&nrm=iso.

Acesso 27 dez. 2021. <https://doi.org/10.1590/2176-457331736>.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Revista Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 35, n. 4, p. 345-355, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROBIN, Régine. Repetições. *In.* ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.





# METALINGUÍSTICA

Rafaela Queiroz F. Cordeiro  
Sônia Virginia Martins Pereira

Em Problemas da poética de Dostoievski, obra de autoria atribuída a Mikhail Bakhtin (2005 [1929/1963]), mais especificamente, no capítulo O discurso em Dostoievski, a metalinguística é pensada como possibilidade real para os estudos concretos sobre a e da língua, os quais eram abstraídos das suas condições de produção e recepção, tendo em vista os olhares da Linguística marcadamente estruturalista ou psicologista da época. É nessa obra que o autor russo faz referência à possibilidade de uma outra ciência da linguagem, isto é, de um outro domínio ainda esvaziado pelos estudos da linguagem.

Influenciado por alguns ideais marxistas e filosóficos de pensadores como Husserl e Kant (CORDEIRO, 2011) e considerando a linguagem como um fenômeno estratificado internamente, Bakhtin (2005 [1929/1963]), assim como Volóchinov (2017 [1929]) e outros teóricos do Círculo, observa a língua como um fenômeno concreto em interação dialógica, que se manifesta na corrente comunicativa da vida. Assim, tomando a língua para além da materialidade linguística – mas, é importante destacar, não desconsiderando-a da sua base –, o autor russo abre as portas da Ciência da Linguagem para um novo campo de teoria e análise linguística-dialógica, a saber, a metalinguística.

Essa nova visão sobre a língua e, por conseguinte, o seu estudo, é importante para a arquitetônica bakhtiniana e, também, para outros campos de teorização, tais como, o da Psicologia e da Sociologia. Ora, é preciso que a língua seja entendida a partir das relações dialógicas que se dão nos eventos discursivos, relações essas impossíveis de serem estudadas quando se olha a língua como um sistema fechado. A metalinguística é, desse modo, uma proposta de uma nova disciplina científica ou uma ciência que busca atravessar as fronteiras da Linguística – seja ela, de um lado, mostrando-se demasiadamente estruturalista, seja, de outro, centrada no psicologismo abstrato.

Bakhtin (2005 [1929/1963]) destaca, ainda, que ambos os domínios – o estruturalismo e o psicologismo abstrato – são legítimos quanto aos limites que colocam no seu objeto de estudo; contudo, isso não significa dizer que eles não sejam omissos em relação aos aspectos da vida discursiva. Desse modo, a proposta da metalinguística não exclui a base material e estrutural da língua, mas une ao seu estudo a dimensão contextual, “extralinguística” (do discurso), ou seja, o dialogismo que lhe é constitutivo. Assim, a vida da língua é o dialogismo que lhe é próprio: ela só existe porque há sujeitos que a usam, seja para se posicionar em relação a ela, aos mundos sociais, aos seus objetos e a si mesmos. São essas relações dialógicas que balizam os usos e as materialidades linguísticas.

É preciso destacar que, na visível relação de dependência da metalinguística, é perceptível a obrigatoriedade de um tratamento interdisciplinar para o estudo do objeto linguagem, o que indica a insuficiência tanto da Linguística quanto da metalinguística para entender o fenômeno. A Linguística, com seus estudos sobre o instrumental técnico da linguagem, a língua, fornece bases limitadas para as projeções sobre o discurso; esse campo, assim, precisa da metalinguística para discorrer sobre os sentidos que resultam de elementos verbais e não verbais da enunciação, o que a base da própria Linguística não pode alcançar isoladamente.

É, na verdade, a proposição de um tratamento transdisciplinar que supõe o trabalho com uma problemática, a partir da definição de um objeto único de estudo em que tal objeto não seja a propriedade de nenhum campo disciplinar especificamente. De maneira geral, a interdisciplinaridade pressupõe convergência, complementaridade, o que pode significar a combinação de noções, conceitos, metodologias e mesclagem de áreas. Em geral, o trato interdisciplinar de um objeto possibilita a criação de novos campos do saber que estarão propensos à disciplinarização. Quanto à transdisciplinaridade, esta pressupõe a mobilidade e a fluidez dos territórios das disciplinas, possibilitando a fusão entre esses territórios.

De algum modo, a proposta de Bakhtin da interdependência entre metalinguística e linguística contempla as noções de inter/transdisciplinaridade. Mesmo que a proposta da criação da metalinguística não tenha alcançado a formalização como disciplina, ela contribuiu para estimular reflexões epistemológicas acerca de um outro território de estudo, autônomo, em relação ao domínio da linguística, para estudar o discurso e não para estabelecer a identidade de uma disciplina caracterizada formalmente.

Entretanto, no Brasil, a metalinguística foi reconfigurada como campo de estudos do discurso com a Análise dialógica do discurso (ADD), a qual vem a ser compreendida como uma área profícua para a problematização do objeto discurso; que, sem sair da linguística, a convoca para subsidiar a análise do objeto no plano da língua. E, sem estar fenomenologicamente alocada em áreas afins das ciências humanas, evoca estas outras para o mesmo ponto de análise, constituindo um objeto teórico autônomo, próprio de uma abordagem dialógica, em sua natureza transdisciplinar. Das formulações primeiras dessa disciplina, a metalinguística, destinada a estudar o outro polo da linguagem recortado da Linguística, com objeto e metodologia teórico-analítica autônomos, temos o embrião do que se entende na atualidade como teoria/análise dialógica do

discurso, constituída de um aparato teórico subsidiado por concepções bakhtinianas.

Além de Problemas da poética de Dostoiévski, nos escritos reunidos em Estética da criação verbal – O problema do texto (1959-1961) e Apontamentos (1970-1971) –, há a designação do objeto da metalinguística, que são as relações dialógicas e a palavra bivocal. Os fundamentos desses estudos constituem os objetos teóricos para a metalinguística, sendo perceptível por meios desses objetos, constituídos nos textos sobre filosofia e estética do Círculo, um percurso que se estende de uma filosofia da linguagem e uma sociologia da palavra para uma visão metalinguística da linguagem.

As questões teóricas levantadas já indicavam a necessidade de um território (multi)disciplinar que ultrapassasse os estudos históricos da linguística na investigação da linguagem. É um fluxo conceitual para o enfrentamento da linguagem como atividade, que vem com a evolução dos estudos sobre o diálogo como arquitetura de sustentação da metalinguística e de sua orientação filosófica, a partir da filosofia marxista da linguagem empreendida por Volóchinov (2017 [1929]), quando, em sua relação com o problema do diálogo, em Marxismo e filosofia da linguagem, trata do discurso de outrem e das formas do discurso citado mostrando preocupação com a temática do diálogo, e com as relações entre a sociologia da palavra e a metalinguística; e, por último, as relações da metalinguística com a linguística.

Todo esse escopo teórico engendrado por tais estudos forneceram as bases seminais para a metalinguística proposta por Bakhtin e, também, para o que se entende na atualidade como aparato teórico-metodológico de uma abordagem dialógica da linguagem, a ADD. Ainda, no capítulo destinado à conceitualização e ao desenho da metalinguística como uma disciplina destinada a analisar o discurso, O discurso em Dostoiévski, em Problemas da poética de Dostoiévski, é evidente o posicionamento de Bakhtin em manter as bases de análise da linguística, pois esta, assegura o teórico, também estuda o discurso, mas por uma via diferente da

metalinguística, vista, até então, como um estudo não formalizado como campo disciplinar que estudaria os aspectos da vida do discurso, os quais ultrapassam as possibilidades do modelo analítico da linguística.

Na ligação inevitável entre as duas disciplinas, Bakhtin entende que elas devem se complementar, mas jamais fundir-se, ressaltando que na prática investigativa, ao serem tomadas como modelos analíticos, os espaços entre elas são des/reterritorializados. É a partir deste ponto que podem ser tecidas as considerações sobre a rede conceitual que sustenta o objeto de estudo, o discurso, pela elaboração das noções teóricas de Bakhtin, no ajustamento entre objeto e modelo analítico da linguística e nas reflexões desencadeadas pela metalinguística, projetando o potencial analítico do sistema conceitual de Bakhtin e Volóchinov para o que se faz hoje em ADD.

O discurso é o objeto formal constituído para o estudo do fenômeno da linguagem, para o qual se dirige o pensamento bakhtiniano. Investigado no trajeto das relações dialógicas, as condições para o estudo daquele objeto são geradas na análise da língua vivida no meio social, vindo deste fato a separação inevitável entre linguística e metalinguística, por sua divergência epistemológica no trato com a língua. Na abstração, na virtualidade que é a língua para a Linguística, a logicidade determina o percurso da investigação, a fim de que sejam formuladas as generalizações sobre uma comunicação potencial. O caráter social da língua, como manifestação da linguagem, matéria-prima da metalinguística, estabelece as coordenadas para a investigação sobre o discurso por meio do dialogismo que lhe é próprio, para se analisar a realidade da comunicação dialógica.

Por fim, na distinção e complementaridade entre Linguística e metalinguística é construída uma ancoragem conceitual pelos teóricos russos para estudar o discurso como objeto formal a partir do que estabelecem a relação entre linguagem e interação. Nessa teia conceitual, a axiologia é o elemento vital no objeto de estudo relações

dialógicas e, em decorrência, essa concepção se desdobra em reconfigurações teóricas. Com o estabelecimento desse objeto, os estudos linguísticos, sob o escopo da metalinguística e, mais recentemente, sob a perspectiva da ADD, alcançam o discurso como objeto teórico vivo e se voltam para seu potencial analítico.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**forças centrífugas e centrípetas – diálogo –  
dialogismo**

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, p. 367-392.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas [1959-1961] *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p. 307-335.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1929/1963].
- CORDEIRO, R. Q. F. **A construção discursiva dos eventos pela mídia: o processo de nominação e a representação do discurso outro**. 2011. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, Pernambuco. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7147>. Acesso em 6 out. 2021.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

### **Recomendação de leitura**

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a linguística aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2012, p. 142-165.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

GRILLO, S. V. de C. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. **Horizontes**, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.





# OBJETIVISMO ABSTRATO

Fernando Arthur Gregol  
Terezinha da Conceição Costa-Hübes

“Objetivismo abstrato” é a denominação atribuída por integrantes do Círculo de Bakhtin para designar as ideias advindas, principalmente, do *Curso de Linguística Geral*, de autoria do linguista genebrino Ferdinand de Saussure. A ideia em torno do conceito, no ideário de Bakhtin e do Círculo, se dá principalmente em relação à concepção de língua adotada por Saussure como um sistema de signos.

São várias as obras dos autores do Círculo que exploram as ideias do objetivismo abstrato. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov critica as duas grandes correntes de estudos da linguagem da época, as quais denomina como objetivismo abstrato e subjetivismo idealista/individualista. A noção de língua explorada no objetivismo abstrato a toma como um sistema de signos abstraídos de seu ambiente sócio-espacial. Daí, portanto, a denominação “objetivismo abstrato”, pois, se por um lado Saussure não nega a língua como um construto social, por outro, a abstração semiológica constitui a real essência da língua nesta compreensão linguística.

Volóchinov, portanto, busca se antepor às ideias colocadas pelos objetivistas (leia-se por objetivistas tanto Saussure, quanto seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, ambos citados pelo próprio Volóchinov), afirmando que a visão de língua como sistema abstrato de signos não satisfaz um estudo sociológico amplo

do fenômeno da linguagem. Em outras palavras, para Volóchinov, a real essência da linguagem consiste em sua inserção social, histórica e axiológica, tendo em vista que a língua, efetivamente, se manifesta por meio de enunciados e não por palavras ou signos isolados.

O autor, portanto, coloca em termos práticos a necessidade de se pensar em um “signo ideológico”, que consistiria na palavra entendida como uma arena para a luta de classes, onde as múltiplas vozes se encontram para lhe dar sentido. De outro modo, a palavra não é enunciada, mas “re-enunciada”, “revozeada” e, portanto, “ressignificada”, à medida que as atitudes valorativo-axiológicas dos falantes reais, inseridos em situações reais e dialógicas de interlocução, lhe dão novo tom, novo significado, que estão a serviço de fazer ecoar discursos e manifestar ideologias, por meio de enunciados concretos. Assim sendo, Volóchinov (2017[1929-30]) busca propor uma visão de linguagem que vá além do sistema abstrato de signos defendido pelo objetivismo abstrato.

Neste mesmo sentido, em *A teoria do romance I: a estilística*, Bakhtin tece as bases do que chama de “formalismo abstrato” também se referindo à corrente saussureana de inclinação linguística. A grande crítica tecida pelo autor nesta obra, em específico em relação à corrente objetivista, é consoante àquela feita por Volóchinov (2017[1929-30]) e acrescenta-se aí a separação dos estilos de linguagem dos gêneros do discurso. Do mesmo modo, o autor faz considerações relacionadas ao objetivismo abstrato no ensaio *Os gêneros do discurso*, novamente aclarando que a língua, em sua amplitude, jamais pode ser enxergada como um sistema de palavras/signos isolados, mas como um construto de natureza social e histórica, atrelado aos campos de atividade humana.

A vida artística da palavra, portanto, não está condicionada às regras morfossintáticas do sistema linguístico, mas à criação estilística dos autores inseridos na esfera literária. As vozes se manifestam por meio da palavra, fazendo com que o discurso seja plurivocal e heterodiscursivo. O heterodiscurso, portanto, constitui-

se em bases sociais, históricas e axiológicas, que vão além do sistema abstrato da língua.

Desta forma, Bakhtin dá à linguagem um caráter histórico, o que vai de encontro às ideias de Saussure, pois este estabelece uma dicotomia entre sincronia e diacronia, visando uma análise dos elementos abstratos da língua num recorte sincrônico. Bakhtin, por outro lado, estabelece a necessidade de se observar a língua em sua multiplicidade. Isso significaria em conceber a diacronia em sua análise, mas não para tecer relações básicas entre as diferenças temporais e, sim, para captar as múltiplas vozes e discursos que constituem o todo enunciativo.

Embora Saussure enxergue a língua como um sistema abstrato de signos, isto é, ainda que ele leve a língua a um nível abstrato, o autor irá pautar suas bases de considerações linguística, como já ficou claro, em abstrações da linguagem de seu meio social. Para Bakhtin e o Círculo, a interação é muito mais complexa do que o diálogo face a face. Esta se constitui entre seres situados que levam em consideração outros enunciados e outros discursos para estabelecer seu propósito internacional com seus auditórios sociais. De outro modo, a grande diferença entre a linguagem do Círculo e a linguagem do objetivismo abstrato consiste na sua relevante natureza sócio-histórica. Enquanto o objetivismo abstrato apaga essa natureza histórica e social por meio da abstração, Bakhtin e o Círculo buscam ratificar e endossar sua relevância na análise dos elementos linguísticos.



#### **OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:**

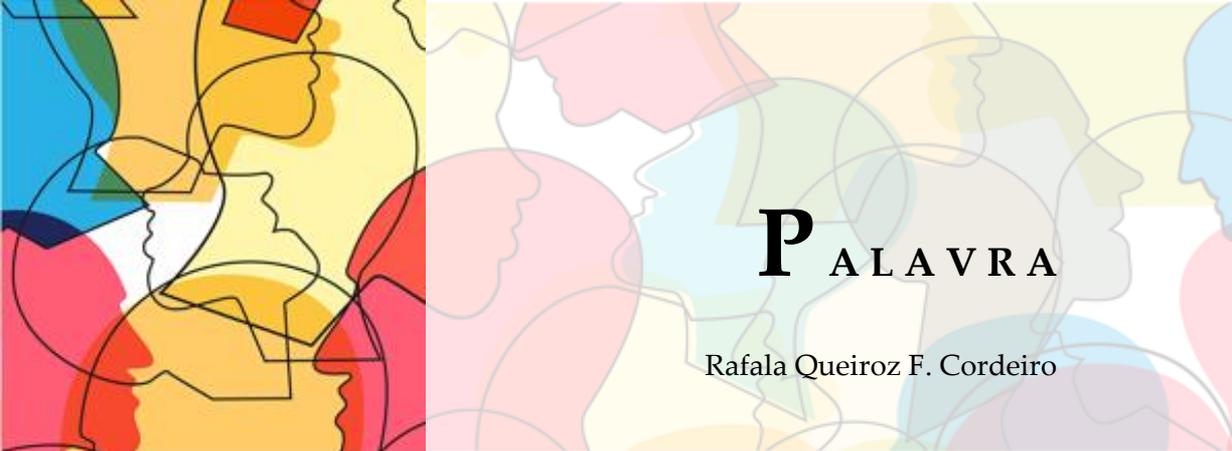
**enunciado – heteroglossia – interação – signo**

## Referências

- BAKHTIN, M. (1952-53). **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. (1934-36) **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- SAUSSURE, F. de. (1916). **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VOLÓCHINOV, V. (1929-30). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

## Recomendação de leitura

- LENZ, C. A crítica ao subjetivismo idealista em Marxismo e filosofia da linguagem. **Conexão Letras**, Volume 11, nº 16, p. 183-194 2016.
- SILVA, D. S.; LEITE, F. F. O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no Círculo de Bakhtin. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netli**, V. 2, N. 2, p. 38-45, ago. 2013.



# PALAVRA

Rafala Queiroz F. Cordeiro

É a unidade concreta produzida por um ou mais sujeito(s) falante(s) contextualmente situados e direcionada para um ou mais sujeito(s) falante(s) (no discurso interior ou exterior) nas interações discursivas específicas. Tomando por referência a teoria/análise dialógica que é estudada a partir dos escritos de Bakhtin e do Círculo, a palavra está para além do material, do linguístico, se constituindo internamente pelas reverberações das estruturas sociais e econômicas; ela ainda se realiza num embate entre forças socioideológicas, e carrega uma memória social, além de um ou mais tons e valores axiológicos, os quais são apreciações e julgamentos por aquele que a fala e/ou a recebe.

De maneira geral, pode-se dizer que a noção de *palavra*, ao longo das obras de Bakhtin e Volóchinov, por exemplo, é construída por meio de outras noções, tais como, (I) a de *produto ideológico* ou *criação ideológica que resulta de interações na vida real* (VOLÓCHINOV, 1926/1976), (II) a de *signo ideológico por excelência* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), (III) a de *fruto de um embate entre forças centrípetas e centrífugas* (BAKHTIN, 1993 [1934-1935]) e, ainda, (IV) a de *enunciado, discurso* ou *projeto discursivo do sujeito* (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]), para citar algumas. Essas noções sobre a *palavra* podem ser compreendidas por meio das fundamentações teórico-metodológicas nos textos, a saber: (I) No ensaio *Discurso na vida e*

*discurso na arte (sobre poética sociológica)*, Volóchinov (1926/1976), de forma geral, advoga a favor do que, no escopo da referida obra, se denomina método sociológico, para chegar aos sentidos de uma obra artística.

Como a obra literária responde a questões de ordem social, ela é determinada por aspectos extraverbais, isto é, por relações sociopolíticas e econômicas que regem a vida real, marcando-a, intrinsecamente. Sob essa perspectiva, autor e contemplador são “coparticipantes” de um mesmo evento (artístico) e compartilham informações que são presumidas. As avaliações básicas, que são presumidas, organizam internamente o enunciado (a obra), ditam escolhas e comportamentos, como nas relações da/na vida. Assim, a palavra surge *como um produto ideológico que é resultado de um processo de interação na vida real*, pois, se de um lado há interlocutores compartilhando valores, ideias e intenções; de outro, tem-se as avaliações sociais (valorações ideologicamente constituídas) que estratificam internamente os discursos. Entretanto, assim como o extraverbal condiciona o verbal, este também influencia o primeiro, pois é o verbal que dá expressão ideológica ao real, ao material, ao evento.

Desse modo, a palavra, no referido ensaio, surge como criação ou produto ideológico porque se constitui e funciona no meio social concreto dos interlocutores, lócus onde compartilham conhecimentos, avaliações e eventos da vida. (II) No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017 [1929]) faz uma análise das relações entre a linguagem e a sociedade, o signo e as estruturas sociais. Para o autor, a cada uso linguístico existe uma renovação da língua que ora reflete, ora refrata a sociedade. Embora a palavra seja neutra em relação a uma função ideológica específica, ela não é inseparável de sua função e funciona seja no discurso interior do falante, seja no discurso exterior.

Como *signo ideológico por excelência*, a palavra é o material privilegiado da comunicação; ela está presente em todas as atividades de compreensão e de interpretação. Desse modo, por sua

natureza semiótica, neutralidade (da função) ideológica, onipresença na comunicação humana, possibilidade de interiorização e presença obrigatória em todo ato consciente, a palavra é o objeto fundamental de estudo das ideologias. É na palavra, habitada por um outro, anterior e posterior, que ocorrem os embates ideológicos, as lutas de classes e a disputa social de valores.

Por cada palavra que pensamos ou enunciamos, ela vem com palavras alheias, de outrem e, ao mesmo tempo, nossas, individuais; e cada uma carrega consigo expressões do falante, abarcando também uma memória social partilhada entre os grupos, construída historicamente. Elas estão espalhadas ao nosso redor, servindo aos mais distintos juízos de valor e se prestando a inúmeros projetos de dizer. (III) No ensaio *Teoria do Romance*, Bakhtin (1993 [1934-1935]) sugere novas bases analíticas para o romance (conteúdo, material e forma do discurso), o qual representa o homem e os discursos da vida. A prosa romanesca possui todos os aspectos que fazem parte da vida sócio-histórica: tem várias linguagens (heterodiscurso), vozes e pontos de vista (plurivocalidade), além de múltiplos gêneros (pluriestilismo).

Entre o objeto e o discurso, há palavras: além de uma memória, cada uma carrega distintos pontos de vistas, se constituindo num *embate entre as forças centrípetas e centrífugas*. Para o autor, as palavras são, pelo menos, *bivocais*, apresentando no mínimo duas vozes sociais, dois pontos de vista, duas consciências. Assim como no romance, diariamente, os sujeitos estão falando de e/ou com outros; sejam as mais banais das conversas, sejam as mais formais, a palavra carrega um outro tema, sujeito (ponto de vista), voz e consciência.

Diante de tudo isso, a assimilação da palavra de outrem ganha um sentido mais profundo na formação ideológica do homem, pois a consciência é também o resultado dos conflitos entre duas categorias de palavra: a *palavra autoritária* e a *palavra interiormente persuasiva*. A primeira está unida à autoridade e organicamente ligada a um passado hierárquico: como a palavra do imperador, ela é acabada e rígida. A segunda compreende uma zona de contato do

meu discurso com o do outro: nascida em um presente inacabado, não permanece isolada, mas em conflito com outras palavras, continuando a desenvolver-se livremente e adaptando-se a novos contextos. (IV) No ensaio *Gêneros do Discurso*, Bakhtin (2003 [1953-1953]) tece críticas aos estudos tradicionais literários, pautados principalmente na retórica e na estilística, e traça um caminho entre o enunciado e seus diferentes tipos (no sentido de tipificação e não de tipologia), a saber, os gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso, caracterizados como fixos e plásticos, são sociais porque criados pela coletividade. Apesar de serem sociais, os enunciados também são "individuais" pois carregam os acentos dos indivíduos. Nesse contexto, a palavra surge como parte do *projeto discursivo do sujeito*, pois, quando escolhemos as palavras, nós partimos de um conjunto já-dado de enunciados, já-ditos, e esse conjunto que projetamos e (re)criamos é expressivo.

Vamos, agora, em uma tentativa de concluir esse verbete, *tomar emprestadas as palavras desses autores para finalizar este texto*. As palavras, partem das bocas dos outros, e podem compreender variados valores sociais que veem das apreciações do tempo-espaço que o outro ocupa; e, ainda, elas podem dialogar com os meus valores, as diferentes histórias que compartilho e os horizontes sociais concretos-axiológicos dos falantes em potencial. Para além disso, poderíamos acrescentar ainda que a palavra está num embate marcado pela *práxis*, pelas experiências e memórias sociais, mas, sobretudo, pelas veladas relações de poder – embora essas últimas não estejam em primeiro plano nos textos do Círculo, elas fazem referência à estratificação interna da linguagem, à ideologia e luta de classes, ao tom e aos valores axiológicos que as palavras carregam. As palavras são saturadas de índices sociais de valor que veem das experiências sociais e históricas, representando um enunciado, um discurso, uma formação, um saber, um ou mais valor, uma ou mais emoção (CORDEIRO, 2017). Pode-se dizer que as palavras têm um papel determinante na vida de cada um; pois são *pelos palavras* e *para elas* que nos posicionamos e construímos as nossas apreciações.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**discurso de outrem – enunciado – signo**

### Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra: prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306, [1952-53] -2003.

BAKHTIN, M. O discurso no romance In: BAKHTIN, M. **Questões de Estética e de Literatura: a teoria do romance**. 3. ed. São Paulo: Unesp Hucitec, p. 71-163, [1934-1935] -1993.

CORDEIRO, R. Q. F. **Nominações, vozes e pontos de vista sobre a loucura na e pela mídia**: da reforma psiquiátrica ao boom das doenças mentais. 2017. 477f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24983>>. Acesso em: 1 out. 2021.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926/1976.

**Recomendação de leitura**

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana** - Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>>. Acesso em: 30 set. 2021.

CUNHA, D. A. C. da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, 1. sem. 2011.

PEREIRA, R. A.; BRAIT, B. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 125-141, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/tbF5QkqLXhFDMCNGzQ6DMXv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 jan. 2022.



# POLIFONIA

Layse da Costa Santos

A noção de polifonia é um dos conceitos-chave para os estudos bakhtinianos e do Círculo que dialogam com os demais verbetes. Conceito resgatado da música que foi reconstruído na literatura e linguística por Mikhail Bakhtin na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963). No domínio da música, a polifonia apresenta-se como um estilo musical oposto ao canto gregoriano, que era realizado de forma monódica, monótona. A monofonia está representada pelo próprio canto monológico gregoriano homofônico, ou seja, por vozes lineares e uníssonas.

‘O canto religioso também servia como uma representação dos ensinamentos religiosos da igreja, visto ter por objetivo de servir de adoração e culto (GIGA, 1998). Sendo assim, a monofonia musical era valorizada pela clareza e objetividade ao transmitir as ideias religiosas. A forma musical polifônica se caracteriza pela presença de várias vozes melódicas como contrapontos ao canto uníssono surgido no período renascentista, transformando o que antes era monótono em um canto rítmico e harmonioso (ROMAN, 1992 – 1993).

Metaforicamente, o autor resgata esse conceito para explicitar que, assim como a música polifônica faz parte do conceito de carnavalização do homem medieval e, mais fortemente, renascentista, da libertação das vozes monótonas do canto gregoriano, do padrão e do acabamento, o romance polifônico de

Dostoiévski permite que as muitas vozes do texto apareçam em pé de igualdade e não somente a do herói, ou a do protagonista.

É importante dizer, dessa maneira, que Bakhtin adota essa categoria para caracterizar o projeto dos romances de Dostoiévski, único autor, em sua opinião, que estabelece uma estética polifônica, visto que não existe uma voz principal, um narrador que se sobressai. Nesse sentido, o seu romance é polifônico porque o mundo de Dostoiévski é construído a partir da interação em pé de igualdade das múltiplas vozes, as quais são livres de qualquer acabamento ou ideia de finitude.

As vozes são equipolentes e independentes na composição. Então, o gênero romanesco de Dostoiévski tem uma natureza diversificada, cuja multiplicidade de vozes representa as múltiplas esferas da vida social, com seus conflitos, questionamentos e inquietudes, e não somente os personagens, mas, também, o autor-criador. Na polifonia, admite-se um autor-criador que é também personagem e está envolto nas questões da obra (BEZERRA, 2005).

Portanto, para Bakhtin, tanto o autor como os personagens adquirem a sua própria percepção do evento comunicativo e da narrativa contida na obra. Assim, o conceito de polifonia se expande da obra de Bakhtin para um espaço político utópico, em um projeto filosófico, quando pensamos os diversos contextos em que diferentes vozes se interpelariam e se entrelaçariam numa relação de equipolência, em que não há espaço para a hierarquia.

Isso, no entanto, não acontece, e permanece circunscrito ao gênero romanesco de Dostoiévski. Outra importante característica é que o romance polifônico de Dostoiévski é inconcluso, uma vez que para os problemas e conflitos na trama não há uma resolução. Por fim, a visão de polifonia trazida tal qual vista em Bakhtin é a de que o gênero romanesco é polifônico por natureza, com vozes sociais conscientes e independentes entre si. Assim, temos como base vozes equipolentes dentro do romance de Dostoiévski. São vozes conscientes e constituem o texto peculiar e fundamentalmente polifônico.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

autor pessoa/criador – dialogismo – estilo

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BRAIT, Beth. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais). In: **Guia bibliográfico da FFLCH** [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002783877>. Acesso 23 mar. 2021.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In. BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191 – 200.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): Ago./Dez. 2011, p. 268-280. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16.pdf>. Acesso 25 mar. 2021

FRANÇOIS, Frédéric. “Dialogismo” e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski. In. BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005, p. 187-208.

GIGA, Idalete. Simbolismo no canto gregoriano. **Hymanitas** – v. 1. 1998. Universidade de Coimbra. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humaNitas50/23\\_Idalete.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humaNitas50/23_Idalete.pdf). Acesso em: 2 out. 2021.

GRUPO de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar. Romance polifônico. In: Da mesma autoria. **Palavras e**

**contrapalavras:** Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 112p.

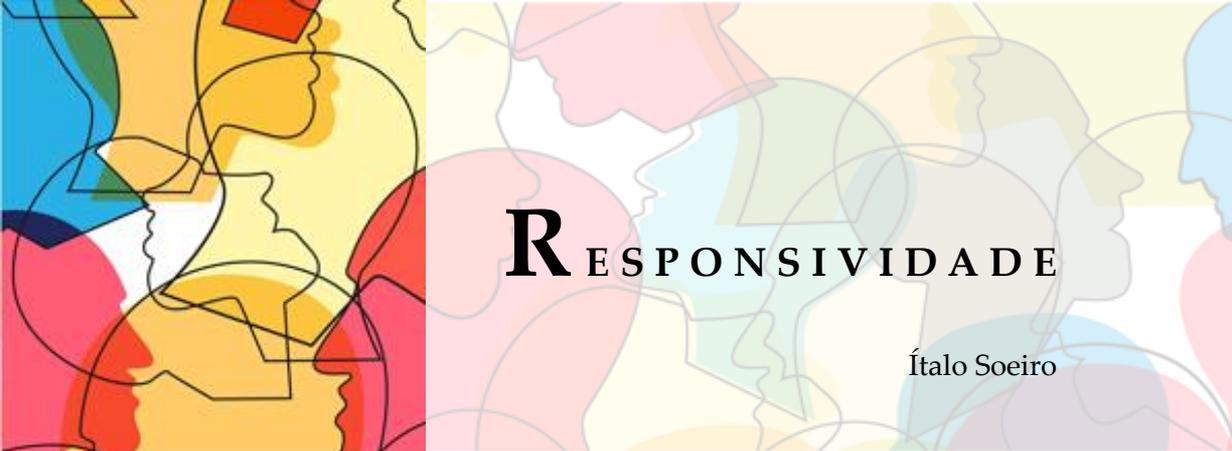
MEDVEDEV, Iuri Pavlovich; MEDVEDEVA, Daria Aleksandrovna; SHEPHERD, David. A polifonia do Círculo. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, São Paulo v. 11, n. 1, p. 99-144, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/24397>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ROMAN. Arthur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin – O trajeto polifônico de uma metáfora. **Letras**, Curitiba. N. 41-12, p. 207-220, 1992-93. Editora da UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19126/12426>. Acesso em: 14 jun. 2021.

TEZZA, Cristovão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005, p. 209-217.

### **Recomendação de leitura**

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.



# R E S P O N S I V I D A D E

Ítalo Soeiro

O conceito de responsividade é extremamente importante para compreensão da índole dialógica do discurso e da subjetividade. Ao reconhecer a responsividade, os teóricos do Círculo de Bakhtin rompem a espessura ontológica do sujeito moderno, individual e autônomo e o movimentam em direção ao outro, posicionando-o como um sujeito dialógico. Reconhecer a condição responsiva e, portanto, dialógica da consciência e da subjetividade, foi o que permitiu destacar os elementos da exterioridade (excedente de visão), da distância e da alteridade tão presentes no dialogismo do Círculo. Ser no mundo é, portanto, responder ao outro externo e, assim, participar de um diálogo material e histórico, em que responsividade e responsabilidade são elementos constitutivos – o ético e o estético se encontram na noção de responsividade. Cabe destacar que o reconhecimento dessa condição dialógica que é a responsividade permitiu aceitar o caráter ideológico do signo e, conseqüentemente, reconhecer a condição dialógica do sentido – o sentido apresenta-se, nesse contexto, como aberto e disputado social, cultural, geográfica e historicamente.

O sentido de um produto ideológico não é dado, pronto e acabado, mas se constitui no encontro com a alteridade – renova-se e se abre ao infinito no encontro com a responsividade, no encontro com o outro/intérprete. Além disso, através da noção de

responsividade, pode-se compreender o discurso como constitutivamente histórico – há sempre um dizer anterior ao qual respondemos e um dizer posterior que nos responderá. Uma noção que nos convida a buscar reconhecer o passado, o presente e o futuro em relação dialógica no discurso. A responsividade também está fortemente vinculada à noção de autoria e criação ideológica – todo produto ideológico é social, material e uma cocriação da qual participam, no mínimo, duas consciências. Volochinov (2020), nesse contexto, vai defender que o receptor imanente é a função estético-formal que permite transpor para o plano da obra manifestações do coro social. Trata-se de reconhecer que a vida atravessa a obra através do elemento responsivo. É a responsividade, pois, que afasta da teoria dialógica qualquer tipo de interpretação monológica, autônoma, individual e estática.

**Outras denominações do verbete:** compreensão responsiva; interpretação responsiva; atitude responsiva; ato responsivo; recepção artística; recepção criadora

**Definição do verbete:** Responsividade é o papel fundamental que o outro, isto é, o interlocutor social, geográfica e historicamente situado, exerce nos processos de interação verbal/discursiva. Onde há vida social e linguagem, há responsividade e diálogo. Reconhecer essa condição dialógica da existência social, portanto, é aceitar que não acessamos diretamente a realidade, uma vez que nossa relação com ela é ininterruptamente atravessada e mediada pela linguagem. Ou seja, que o real se apresenta para nós semioticamente, o que alude ao fato de que nossos discursos não se relacionam absolutamente com as coisas em si, mas se relacionam responsivamente com outros discursos que as semiotizam histórica, cultural e geograficamente. Ser no mundo é, portanto, participar de um processo de interpretação e resposta à palavra do outro. Ser no mundo é uma atitude responsiva ativa e aberta; é participar de um processo conflituoso, solidário e incessante de diálogo; é, por fim, sempre uma situação de comunicação entre o mesmo e o outro. A relação sujeito-objeto, assim, é sempre atravessada pela relação

intersubjetiva, pela relação constitutivamente responsiva entre o mesmo e o outro – atravessada pelo diálogo.

Para avançarmos nesse entendimento, deve-se compreender que não se pode separar responsividade da noção de interpretação e avaliação, pois o intérprete (sujeito dialógico) enfoca o real com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições, de seu tempo, cultura e geografia (BAKHTIN, 2017). Não há interpretação sem avaliação. A concordância-discordância ativa incita e aprofunda a interpretação, torna a palavra do outro mais flexível e mais pessoal, não permite dissolução recíproca e mescla – é preciso distância para haver diálogo. O processo de interpretação, assim, necessita de duas consciências, da sua inter-relação e contraposição responsiva. É por isso que toda interpretação, tenha ela o caráter que tiver, implica uma responsividade (BAKHTIN, 2017). Nesse sentido, ao ler, ouvir, sentir e interpretar a palavra do outro, adotamos, ao mesmo tempo, em relação a ela, uma atitude responsiva ativa – toda interpretação é carregada de resposta.

Deste modo, para Bakhtin (2010), é necessário reconhecer nos sujeitos da comunicação e nos seus produtos culturais/ideológicos uma constituição identitária complexa, atravessada pela presença da alteridade, construída com e por vozes alheias e conformada numa relação responsiva com o outro. É nesse sentido que o sujeito da interação discursiva se constitui como ser responsivo e pode adentrar o universo dialógico elaborando uma resposta que seja significativa para o outro – mesmo que seja na forma de silêncio e discurso interior. É nesse ponto que está arrimada a concepção semiótica e dialógica da subjetividade, na capacidade de responder e de adentrar uma cadeia dialógica, de participar na (re)produção dos sentidos. Desse modo que se constroem, refazem e negociam os valores e os sentidos dos elementos que compõem o real, através de um processo solidário, conflituoso e incessante de interação dialógica no qual a responsividade é o elemento dinamizador constitutivo.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**excedente de visão – exotopia – diálogo – ideologia**

### Referências

- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução Waldemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

### Recomendação de leitura

- BAKHTIN, M. **The dialogic imagination**. Tradução Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: Univer, 1981.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.



# SIGNO

Terezinha da Conceição Costa-Hübes

Para compreender o conceito de “signo” dentro dos escritos do Círculo de Bakhtin, é importante estabelecer relações com a compreensão de signo para Saussure. Os estudos do Círculo contrapõem, de certa forma, algumas discussões filosóficas vigentes, à época, principalmente as do *objetivismo abstrato*, denominação dada por Volóchinov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a um pensamento filosófico-linguístico, ao qual se filia o estruturalismo, relacionado às ideias de Saussure. Este linguista suíço sustenta seus estudos na tradição positivista-empirista europeia, que recorta a ciência por áreas, focalizando-se nas descrições das partes. Os integrantes do Círculo, por sua vez, amparam seus estudos em uma concepção holística da ciência, para a qual não havia separação entre as áreas de conhecimento.

Dentro da abordagem positivista-empirista, Saussure explica os signos linguísticos dentro de um sistema estável, associando-o a um conceito (significado) e a uma imagem acústica (significante). O significado diz respeito à ideia transmitida pelo signo, isto é, ao conceito, compreendido como a representação mental; o significante corresponde ao objeto físico, formado por sons, imagens ou escrita. Embora distintos, esses dois elementos (significante e significado), segundo Saussure, estão intimamente ligados, são interdependentes.

Ao contrário dessa abordagem, os estudiosos do Círculo de Bakhtin procuraram mostrar a influência que a organização social exerce sobre a língua e como esta se comporta na relação marcada pelos embates políticos, econômicos e culturais. Para isso, partem do princípio de que a língua está relacionada aos usos que o ser humano faz dela no mundo, sendo diretamente afetada pelas diferentes maneiras/modos/lugar/tempo em que é empregada, o que a faz depender do contexto sócio-histórico no qual se encontra inserida. Considerar esse aspecto é fundamental para esses estudiosos da linguagem, pois entendem que o contexto tem o poder de interferir na realidade da língua, fato que Saussure desconsidera em seus estudos, uma vez que, sob tal orientação teórica, a língua é um sistema solidário entre as partes que a constituem. Nesse caso, mesmo que qualquer fator venha alterar o significante ou o significado de um signo linguístico, o sistema se incumbirá de acomodar tais modificações, sem causar-lhe nenhum prejuízo.

Volochinov, por sua vez, conceitua o signo como *semiótico* e *ideológico*. Semiótico porque todo signo tem um significado (assim como defende Saussure) que diz respeito ao objeto que representa. Logo, todo objeto físico é transformado em signo que, de certa forma, passa a representar uma realidade material ou parte dessa realidade. Porém, o que o diferencia da compreensão de Saussure, é que esse significado não é estático, inerte, convencionalizado; ele é um produto social, organizado por sujeitos constituídos socialmente que, ao interagir com o outro, recorrem aos signos e os impregnam com seus sentidos e valores. Por isso, Volochinov entende o signo como *ideológico* porque diz respeito não apenas a sua realidade (material, fônica), mas a outras realidades que ultrapassam os limites de sua existência particular e que correspondem a algum fenômeno do mundo externo. A partir de sua materialidade (linguística ou não verbal), os signos incorporam e produzem efeitos que vão muito além de sua parte material; representam e provocam reações e/ou movimentos que, por sua vez, geram novos signos para abarcar a realidade circundante.

O signo, compreendido como ideológico, não só reflete como refrata uma realidade e, por ser assim, pode, em alguns casos, ser fiel a ela, ou então distorcê-la ou interpretá-la sob um ponto de vista específico porque carrega em si a avaliação social daqueles que o usam. Em outras palavras, todo signo traz em si acentos de valor advindos das distintas classes sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. É nos embates sociais que geram/movimentam as lutas de classes; é nesse entrecruzamento de vozes/interesses, que os signos agregam opiniões, avaliações, pontos de vistas, mostrando a sua vivacidade, mobilidade e plasticidade. Isso comprova que os signos pertencem a todas as esferas de atividade humana e podem ocupar qualquer função ideológica na relação que estabelecem com as condições sócio-históricas nas quais estão imersos. Ao se apropriar da língua, o sujeito apropria-se de signos que a representam e a (re)significam, imputando-lhe os/novos sentidos, conforme o contexto sócio-histórico no qual se encontra, de modo que podem sofrer alterações de cunho social, econômico ou cultural, dependendo da comunidade semiótica que os utiliza. É ideológico, portanto, porque é motivado pelo mundo externo que o torna polissêmico, devido à constituição social da língua.

Essa compreensão diferencia a de Saussure, para quem o signo, além de ser interior à língua, é monossêmico, inerte, estático e passível de descrição, ou seja, o signo é arbitrário e não tem relação direta com a vida do ser humano. A teoria monossêmica impõe uma cisão entre o signo e as realidades sociais que compõem a experiência do sujeito, o que faz com que seja tratado como um fenômeno inteiramente psíquico e exclusivo da mente do falante, conforme defendia a filosofia idealista e os estudos culturais de cunho psicológico. Embora Saussure tenha tratado a língua como um fato social, sua compreensão é diferente da visão do Círculo a esse respeito: trata-se de um social sustentado por um conjunto de normas, possibilitando, assim, um sistema organizado que permite o funcionamento da língua e a comunicação entre seus usuários.

Nessa perspectiva, a língua é tida como produto pronto/acabado de uma dada coletividade, o que lhe garante a sua estabilidade e regularidade instituídas por aspectos históricos que, sob tal visão, são transparentes, evidentes, visíveis e cristalizados, logo, passíveis de serem descritos.

A abordagem polissêmica defendida pelos estudiosos do Círculo de Bakhtin define o signo para além do psíquico, mesmo reconhecendo que a cognição seja condição necessária para a sua existência. Todavia, entendem que esta não é suficiente para constituí-lo, uma vez que o veem como atrelado às experiências e vivências dos sujeitos e que, por ser assim, só podem surgir em um *território interindividual*. A consciência, para eles, é tão social quanto a realidade que a constitui por meio de materiais sígnicos criados no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. É a partir dessa coletividade que os sujeitos nutrem sua consciência com signos que carregam em si a lógica da comunicação ideológica. Logo, a realidade de um signo e, conseqüentemente, da consciência é determinada por essa comunicação social que é representada por meio das palavras, reconhecidas por Volochinov como *fenômenos ideológicos por excelência*.

Por assim compreendê-las, estudiosos do Círculo afirmam que toda palavra é polissêmica, mesmo que comporte, em sua essência, um significante e um significado. Dependendo de como é empregada, por quem, em que contexto, para que situação, a palavra pode adquirir diferentes nuances sígnicas, pois é afetada pelos aspectos históricos, sociais e culturais que a envolvem. Tomemos como exemplo a palavra TERRA<sup>4</sup>. Essa palavra ressignifica conforme o momento histórico e/ou o contexto (social, político e cultural) que a envolve: a) a Constituição Federal de 1946 a define

---

<sup>4</sup> Esse exemplo foi adaptado da tese de doutorado de VIEIRA, Juliane Ferreira. **Uma análise bakhtiniana das vozes constituintes da identidade de acadêmicos sem terra do Mato Grosso do Sul**. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2018. Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo

como *propriedade e bem estar social*; b) as associações rurais compreendem-na como *propriedade familiar, latifúndio, empresa rural, instrumento de colonização, bem de capital, patrimônio agrícola*; c) o governo militar trata-a como *posse, bem de produção*; d) a igreja católica, na década de 1950, defende-a como *propriedade privada*, porém, com a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a partir de 1960, passa a defendê-la como *bem de todos os filhos de Deus*; e) finalmente, para o MST, trata-se de *vitória da organização, da resistência e da massificação*. Logo, na compreensão da palavra como signo ideológico, o que interessa é justamente o seu querer dizer, a sua valoração, imputados pelo seu contexto de uso. É por isso que a realidade da palavra, embora pertença à consciência individual do falante, é carregada de conteúdo ideológico que diz respeito à vida.

Enfim, muito se poderia dizer, ainda, sobre o signo na perspectiva do Círculo; importa-nos apresentar a compreensão de seu caráter social, ideológico, histórico e cultural, o que o situa no mundo, na relação entre sujeitos, materializando experiências e vivências que se (re)significam na refração de realidades e contextos distintos. Importa-nos situá-lo ideologicamente, na sua relação com as diferentes esferas sociais que organizam e estabelecem os embates, as lutas de classe na sociedade. Importa-nos, ainda, defini-lo como carregado de valores, verdades, mentiras, crenças, emoções, por ser, ao mesmo tempo, individual e revelar a subjetividade dos sujeitos, e tão social quanto sua própria existência, uma vez que a consciência também é social.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**ideologia – entonação – palavra**

## Referências

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOLÓCHINOV, Valentin (1929-30). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

## Recomendação de leitura

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.2, n.8, p.43-66, 2013. Disponível em: [<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>]. Acesso em: 14 set. 2019.

MILANI, Sebastião Elias. O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 55-65, jan./jun. 2015.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderly Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e na poesia**. São Paulo: Editora 34, 2019.



# TEMA E SIGNIFICAÇÃO

Aldeir Gomes da Silva

Como sabemos, as contribuições de Bakhtin e do Círculo são bastante relevantes em diversas áreas do conhecimento, especialmente nas áreas que abordam diretamente os estudos sobre língua, sujeito, realidade e alteridade (OLIVEIRA, 2009). Nessa seara, a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988 [1929]) (doravante MFL), de autoria de Valentin Volóchinov, traz valiosas referências aos estudos do signo linguístico e de suas múltiplas formas de compreensão. Ao longo do supracitado livro, Volóchinov faz menção por várias vezes ao termo “tema” e a elementos correspondentes, o que evidencia a importância que o pensador russo dava ao elemento, relacionado aos pontos basilares da filosofia da linguagem defendida.

Analisando uma diversidade de questões relevantes do ponto de vista aos debates sociais, Volóchinov associa o homem, a linguagem e a sociedade, introduzindo alguns conceitos basilares dessa linha de pensamento. O que podemos perceber sobre seu legado nesse aspecto é que seu conceito de tema e significação, proposto em 1929, foi revisitado várias vezes por pensadores posteriores, originando alguns dos conceitos fundamentais dos estudos linguísticos contemporâneos, como veremos adiante. Um dos capítulos de MFL é dedicado à produção de sentidos através das categorias tema e significação. A grande ruptura com os estudos

linguísticos tradicionais promovida por Volóchinov consiste justamente na inserção da perspectiva social da investigação linguística, na qual a enunciação é concebida como um evento individual e não reiterável, determinado tanto pela língua como pelos elementos não-verbais do entorno sócio-histórico. Nesse contexto, o estudioso russo afirma que o enunciado é composto por tema e significação.

O *tema* está relacionado à enunciação concreta, à unidade completa que assegura a unicidade do enunciado enquanto unidade distintiva (SOUZA, 2011). Ele se configura como único, a base para a definição da enunciação. Volóchinov sinaliza que o tema de uma enunciação é constituído pela parte linguística - palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons etc. - e, igualmente, pelas situações de produção, recepção e circulação. Já a *significação* corresponde à parte complementar do processo de enunciação: a parte inalienável. A significação é, de acordo com os conceitos do Círculo, composta pelos elementos que são semelhantes e repetidos a cada momento de enunciação e se caracteriza como um "aparato técnico para a realização do tema" (BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 1929, p. 129). A definição aparato técnico relaciona a significação aos elementos linguísticos que são constituintes dela, ao elemento e sua relação com o geral. Dessa forma, o tema confere à significação um caráter flexível, plástico, uma vez que ambos se unem no processo de construção de sentido. Por sua vez, a significação "dá a forma" ao tema, no mesmo processo de que explora a capacidade potencial de construir sentido, que engloba os signos linguísticos e as formas gramaticais da língua. Os dois elementos são, portanto, indissociáveis, não sendo possível definir um limite exato entre tema e significação.

Os postulados de Volóchinov foram revisitados por uma gama de linguistas, originando vários paradigmas de análise linguística. O modelo de análise de tradição discursiva, por exemplo, originado a partir da releitura dos conceitos de Eugenio Coseriu (1979), toma como base a definição do Círculo de enunciação, ampliando tal

noção. Nessa perspectiva, a finalidade comunicativa se transforma em enunciado com a ajuda de dois filtros: a língua (sistema e norma) e as tradições discursivas. Assim como Volóchinov, os autores encaravam o tema e a significação como inseparáveis e compostos pelo inusitado e pelos elementos idênticos, nas tradições discursivas, temos a fusão do tradicional, do repetido, com a inovação decorrente da unicidade de cada situação comunicativa. Desse modo, as tradições discursivas são, de certa maneira, compostas por uma ressignificação do que no MFL ficou consagrado como tema e significação: duas partes do enunciado que mesclam a tradicionalidade de cada composição à novidade proporcionada pela própria enunciação.

A abordagem descritiva baseada no uso linguístico oriunda da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) “defende uma investigação baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 21). Sob essa ótica, a linguagem é visualizada como um sistema de produção de significados mediante escolhas, como um sistema semiótico. Nessa perspectiva, podemos verificar alguns pontos de contato entre a LSF e alguns conceitos do Círculo, especialmente no tocante aos contextos. Michael Halliday (1985) defende que texto e contexto participam de uma relação cujo fruto é o sentido. Todo texto é realizado em dois contextos, um dentro do outro: contexto de cultura – um contexto externo que constitui a história cultural dos participantes da interação verbal; e contexto de situação – que é específico e imediato, mediado pela linguagem. Segundo esses parâmetros, determinada situação só faz sentido de acordo com determinada condição cultural. A combinação resultante de situação e cultura gera as diferenças existentes entre textos e gêneros distintos, resultantes de diferentes situações comunicativas. É notável a aproximação desses conceitos basilares hallidianos com as noções de tema e significação: o tema é equivalente ao contexto de situação, único e exclusivo da unicidade de cada momento de interação; por sua vez, a significação partilha dos elementos sócio e

historicamente constituídos do contexto de cultura, “resultado da padronização do discurso em termos de atos retóricos ou atos de fala, dado que esses são efetivados via linguagem, cujas características retóricas são recorrentes, e em circunstâncias específicas” (FERREIRA, 2010, p. 73).

Ainda dentro do campo do contexto, William Hanks (2008, p. 169) diz que uma "grande variedade de modelos pelos quais a língua e a informação de vários tipos comunicadas verbalmente são formatadas ou moldadas pelos contextos sociais e interpessoais nos quais o discurso ocorre". O pesquisador da Linguística do Texto indica duas dimensões nas quais o contexto se insere, considerando as especificidades semióticas (formais) das práticas enunciativas/discursivas e pelo seu encaixamento social e histórico. De tal maneira, a emergência está associada ao momento real da produção do enunciado na interação. Ela tem relação com as várias unidades utilizadas na produção do discurso, composto por situação, cenários relevantes e campo demonstrativo (campo de signos). Ainda nessa perspectiva, a incorporação situa o enunciado num contexto mais amplo, relacionado a fenômenos sociais, possibilitando a intersubjetividade. Nesse sentido, Hanks considera que “há uma relação dinâmica (senão dialética) entre a incorporação contextual e a formação dos atores que se engajam nos contextos” (p. 195). É importante ressaltarmos, aqui, que Hanks é um dos responsáveis pela introdução da teoria de Pierre Bordieu aos estudos da comunicação; por sua vez, o trabalho de Bordieu mantém pontos de convergência com os pensamentos do Círculo, principalmente no tocante à concepção social e cultural do sujeito. Torna-se clara, assim, a proximidade da relação entre os postulados de Hanks e as ideias contidas em MFL; vemos que os dois contextos essenciais à enunciação são variantes do tema e da significação propostas por Volóchinov. Para além das formas linguísticas e de formas que comportam os gêneros discursivos, Volóchinov também associava a compreensão dos diversos níveis de contexto ao processo de construção de sentido.

O que fica claro em todas as relações de proximidade teórico-analítica feitas entre o Círculo e três distintas vertentes da linguística contemporânea é que o MFL lançou a base para o desdobramento de diversos pontos de vista. O que há de comum entre as perspectivas aqui expostas é a atenção dada à contextualização cultural e à espontaneidade da interação verbal. Desse modo, todos os modelos de análise tomam esses conceitos em pares. Ao contrário do que possa se imaginar, essa abordagem não é dicotômica. Tema e significação, contexto de situação e contexto de cultura, tradição e atualização, emergência e incorporação são todos conceitos auxiliares, inseparáveis na construção de sentido.



## OUTROS VERBETES RECOMENDADOS:

**enunciado – interação – signo**

### Referências

- BOENAVIDES, W. M. Sobre o conceito de ‘tema’ em Marxismo e Filosofia da Linguagem. **Organon**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 211-224, jul/dez 2015.
- COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.
- FERREIRA, M. A. Para gêneros discursivos: linguística sistêmico-Funcional. **Linguagem e Diálogos**, v. 1, n.1, p. 69-81, 2010.
- HANKS, W. F. 2008. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Organização Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio Rosa Machado; revisão técnica Anna Christina Bentes, Maurizio Gnerre. São Paulo: Cortez.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

SOUZA, E.L.L. **Os sentidos de educação nas crônicas de Cecília Meireles a partir dos conceitos de tema e significação**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 91-102.

### **Recomendação de leitura**

CASTRO, G; NASCIMENTO, B. S. O Círculo de Bakhtin e suas possíveis contribuições aos debates teóricos no campo da ciência da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 01-20, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.p. 201-218.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n 24, jan/jun. 2009.

KABATEK, J. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Fundación Duques de Soria. Seminario de História de la Lengua Española. El cambio lingüístico en la historia española. Nuevas perspectivas. Soria, del 7 a 11 de Julio de 2003.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidad y escrituralidad a luz de la Teoría del Language. In: KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Lengua hablada en la Romania**: español, francés, italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42.

